UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ISABELLA DEMARCHI

OS EPÍTETOS DE APOLO E DE ZEUS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES

Versão corrigida da dissertação apresentada
ao programa de Pós-Graduação em Letras
Clássicas da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Giuliana Ragusa

São Paulo

2022

ISABELLA DEMARCHI

OS EPÍTETOS DE APOLO E DE ZEUS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES

Versão corrigida da dissertação apresentada
ao programa de Pós-Graduação em Letras
Clássicas da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Giuliana Ragusa

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D372e

Demarchi, Isabella
Os epítetos de Apolo e de Zeus nos Epinícios de Baquílides / Isabella Demarchi; orientador Giuliana Ragusa - São Paulo, 2021.
113 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Deuses gregos . 2. Epítetos. 3. Poesia grega tardo-arcaica. 4. Período tardo-arcaico. I. Ragusa, Giuliana , orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): ____Isabella Demarchi_____

Data da defesa: __23___/__11___/_2021___

Nome do Prof. (a) orientador (a): _____Giuliana Ragusa de Faria_____

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, _10___/__01___/__2022_____

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

RESUMO

Baquílides, poeta mélico tardo-arcaico cuja atividade é atestada entre os séculos VI e V a.C., destaca-se, principalmente, pela sua criativa e autêntica linguagem. Suas canções, tanto os ditirambos quanto os epinícios, evidenciam sua exímia habilidade com a morfologia ao criar compostos para qualificar os personagens. Portanto, este trabalho pretende averiguar como os deuses Apolo e Zeus também se beneficiam destas descrições e como os epítetos atribuídos a eles refletem sua importância e seu papel nas canções epinícias, elas que, a princípio, devem celebrar a vitória de um atleta nos jogos pan-helênicos, mas que também são dedicadas aos deuses como uma forma de mostrar piedade e elogio.

PALAVRAS-CHAVE: Baquílides, epinícios, epítetos, Zeus, Apolo, mélica.

ABSTRACT

Bacchylides, an archaic melic poet who was composing his songs between the VI and the V centuries B.C., stands out for his creative and authentic language. His songs, dithyrambs and epinician poems, highlight his utter hability with morphology by creating compunds to describe his characters. This study, therefore, seeks to analyze in which ways the gods Apollo and Zeus also benefit from these descriptions, and how the epithets assigned to them reflect their importance and their roles in epinician poetry, which not only should celebrate an athlete's victory in the panhellenic games, but are also dedicated to the gods as a means of showing piety and praise.

KEY-WORDS: Bacchylides, epinician poetry, epithets, Zeus, Apollo, melic poetry.

Para minha irmã, Laura, que é a poesia
mais doce e alegre de todos meus dias.

ἀνθρώπων ὀλίγον μὲν
κάρτος ἄπρακτοι δὲ μεληδόνες,
αἰῶνι δ᾽ ἐν παύρῳ πόνος ἀμφὶ πόνῳ·
ὁ δ᾽ ἄφυκτος ὁμῶς ἐπικρέμαται θάνατος·
κείνου γὰρ ἴσον λάχον μέρος οἵ τ᾽ ἀγαθοὶ
ὅστις τε κακός.

“Dos homens, frágil
a força, vãs as ânsias,
e em curta existência, fadiga sobre fadiga;
e a inevitável morte lhes sobrepaira similarmente,
pois dela igual quinhão obtêm os bons
e cada um dos ignóbeis.”

Simônides, fr. 520 (PMG)
Tradução Ragusa (2013)

AGRADECIMENTOS

À minha estimada orientadora, Profª. Drª. Giuliana Ragusa, por me acompanhar há tantos anos, desde as disciplinas de graduação, pela confiança, pela paciência (rs) e pela orientação neste projeto. Você é minha grande fonte de inspiração.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível-Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado concedida de setembro de 2018 a janeiro de 2021.

À banca de qualificação, Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo e Prof. Dr. Rafael Brunhara, pelas observações e sugestões feitas para o aperfeiçoamento deste trabalho. Ao Professor José Marcos meu agradecimento também por acompanhar meu primeiro projeto de pesquisa, minha Iniciação Científica, que foi fundamental para as minhas escolhas acadêmicas futuras.

A todos os professores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, pelas aulas maravilhosas que me estimularam a embarcar em uma jornada de muitas aventuras e desafios pelo mundo antigo.

Aos colegas que fiz na graduação e na pós-graduação, pelo companheirismo cultivado ao longo de tantos anos.

Às minhas melhores amigas Mariana Rosetti, Marina Cavalcanti, Mariana Lettieri Ferreira, Gabriela Rebello, Melissa Machado, Lívia Berci, Monize Facchini, Maíra Monteiro e Thatiana Romano, e ao meu melhor amigo Gabriel Alberti, por sempre acreditarem em mim e no que eu tenho de melhor, por me oferecem um ombro amigo nos meus momentos mais difíceis e por celebrarem comigo as minhas vitórias.

Aos meus avós, meus irmãos e minha tia Tatiana, por estarem sempre ao meu lado, torcendo por mim.

Ao meu pai, Ricardo, e à minha “mãedrasta”, Roberta, por serem a minha base e a minha sustentação. Por acreditarem em mim quando eu mesma já não acredito mais. Pelas lições valiosas que compartilham comigo para que eu possa extrair o melhor da vida. Por me amarem por quem eu sou e por me encorajarem a buscar aquilo em que eu acredito e que me faz verdadeiramente feliz.

E à minha irmã caçula, Laura, por me proporcionar tanto amor e tanta luz.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS.....09
LISTA DE ABREVIAÇÕES.....10

INTRODUÇÃO 11

ZEUS, APOLO E SEUS EPÍTETOS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES: QUATRO ESTUDOS

PRIMEIRO ESTUDO – *EPINÍCIOS 3, 4* E *5*: A HIERÃO DE SIRACUSA 21

I. *Epinício 3* 21
II. *Epinício 4*.....37
III. *Epinício 5*.....40

SEGUNDO ESTUDO – *EPINÍCIO 9*: A AUTOMEDES DE FLIUNTE.....52

TERCEIRO ESTUDO – *EPINÍCIO 11*: A ALEXIDAMO DE METAPONTO.....66

QUARTO ESTUDO – *EPINÍCIO 13*: A PÍTEAS DE EGINA 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS 94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 95

ANEXOS – EPINÍCIOS E TRADUÇÕES 99

I. *Epinício 3*.....99
II. *Epinício 4*.....102
III. *Epinício 5*.....103
IV. *Epinício 9*.....107
V. *Epinício 11*.....110
VI. *Epinício 13*.....113

LISTA DE FIGURAS

- **Estudo 1 – O Protagonismo de Zeus e de Apolo: A Hierão de Siracusa**

Figura 1. O auriga délfio. Museu Arqueológico de Delfos. Delfos – Grécia. (p. 24)

Fonte da imagem: RIBEIRO, JR., W.A. *Auriga de Delfos*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0809. Consulta: 06/01/2022.

LISTA DE ABREVIAÇÕES

Periódicos

AJPh – The American Journal of Philology

BCH - Bulletin de Correspondance Hellénique

CPh – Classical Philology

CR – The Classical Review

CQ – The Classical Quarterly

CW – Classical World

GRBS - Greek, Roman and Byzantine studies.

HSPh – Harvard Studies in Classical Philology

JHS – The Journal of Hellenic Studies

QUCC - Quaderni Urbinati di Cultura Classica

INTRODUÇÃO

i) Poeta, obra e estilo

Pouco se sabe sobre a vida de Baquílides. Sabe-se, porém, que era nativo da ilha de Ceos, no arquipélago das Cíclades, e que deve ter vivido entre os anos de 518-517 e 452-451 a.C..[1] Os antigos o tinham como sobrinho de seu conterrâneo Simônides (*c.* 556 – 468/64 a.C.), o primeiro – ou um dos primeiros – poeta a compor epinícios, e crucial para o desenvolvimento deste subgênero mélico.[2]

Localizado, portanto, na chamada era tardo-arcaica, entre os períodos arcaico (séculos IX a V a.C.) e clássico (séculos V a IV a.C.), Baquílides ainda inseria-se no que John Herington, no livro *Poetry into Drama* (1985, p. 3), denomina como "cultura da canção": "(...) uma sociedade cujo meio principal para a expressão e comunicação de seus sentimentos e ideias mais importantes era a canção", em que "a poesia, recitada ou cantada (...) era o principal veículo para a disseminação de ideias políticas, morais e sociais.". Além disso, até a primeira metade do século V a.C., continua Herington (*ibid.*, pp. 63-71), o poeta arcaico estava inextricavelmente conectado à sua comunidade através do compartilhamento de uma mesma tradição mítica, que lhe servia e à audiência da mesma maneira: como uma espécie de enciclopédia, ou manual, para decifrar a vida. É o repertório mítico que permite ao poeta traçar paradigmas em suas canções para instruir os ouvintes – ou espectadores –, ou seja, para educá-los. Por meio da mensagem transmitida pelo mito, poeta e público poderiam, então, partilhar de uma experiência de vida comum. Este modelo passa a ser desconstruído, segundo Fritz Graf, em *Greek Mythology* (1993, pp. 176-198), na segunda metade do século V a.C., com a chamada "crise do mito".

Beneficiado pela tradição, Baquílides compôs suas canções em diversos gêneros, ou subgêneros,[3] mélicos,[4] entre os quais destacam-se os ditirambos e os epinícios. Foi um

---

[1] Jesus (2014, p. 19).

[2] Para Baquílides, confira Gerber (1997, pp. 278-287) e Cairns (2010); para Simônides, Gerber (*id.*, pp. 243-252) e Rawles (2012, pp. 3-27).

[3] Apesar das complicações de nomenclatura, refiro-me aqui aos termos atribuídos e canonizados pelas edições helenísticas dos trabalhos de Baquílides, as quais são geralmente aceitas. Para mais sobre a questão dos gêneros poéticos, vide Harvey (1955, pp. 157-75) e Swift (2012, pp. 634). Para a discussão do gênero mélico e suas especificidades, modalidades, ocasião e *performance*, ver Budelmann (2009, pp. 1-18), Carey (2009, pp. 21-38), Most (1982, pp. 75-98) e a antologia de Ragusa (2013).

[4] O substantivo "mélica" e o adjetivo "mélico" são preferíveis à "lírica" e "lírico", pois nos aproximam do nosso objeto, sem causar confusão com a concepção moderna de poesia lírica, e com o uso moderno dessa nomenclatura para a poesia antiga. *Melikḗ* (μελική), em grego, vem do substantivo *mélos* (μέλος), que

poeta pan-helênico. Mesmo sendo um dos nove maiores poetas da canção para *performance* ao som da lira, em modo solo ou coral (com dança), segundo o cânone de Alexandria,[5] foi somente após o final do século XIX, com a descoberta do *Papiro do Museu Britânico* em 1896, que o *corpus* poético de Baquílides pôde finalmente crescer e proporcionar aos pesquisadores mais matéria para estudo, uma vez que o papiro trouxe versos que completavam as odes 1-13 e também as odes 16-19, parte do livro de ditirambos, além de 40 novos fragmentos que foram gradualmente incluídos nas edições posteriores do poeta; no total, foram recuperados quatorze epinícios e seis ditirambos[6]. Era, ainda, contemporâneo a Píndaro (518-446 a.C.). Ambos estiveram em atividade por volta do mesmo período, e muitas vezes competiam entre si nos festivais; foram, mais de uma vez, comissionados pelos mesmos patronos nas odes epinícias – como o tirano Hierão de Siracusa, que teve duas de suas vitórias celebradas pelos dois poetas, as quais aqui veremos.

A recepção de Baquílides sofreu com descoberta tardia do papiro que tanto beneficiou seu *corpus*; antes disso, tinha-se conhecimento de pouco mais de uma centena de versos atribuída ao poeta. O mesmo, contudo, não aconteceu com Píndaro e, por isso, uma primeira abordagem ao poeta de Ceos foi a de comparação ao seu contemporâneo de Tebas. Felizmente, estudos como o de Anne Burnett, *The Art of Bacchylides* (1985), David Fearn, *Bacchylides: Politics, Performance, Poetic Tradition* (2007), Douglas Cairns, *Bacchylides: Five epinician odes (3, 5, 9, 11, 13)* (2010), Herwig Maehler, *Bacchylides* (2004), e tantos outros – dos quais este estudo muito se beneficia – dedicam-se a examinar poeta e composição por si mesmos, detendo-se, dentre outras coisas, na linguagem muito característica a Baquílides e no modo como ele manipula os mitos em cada uma das canções, de acordo com suas ocasiões, revelando sua verdadeira habilidade e flexibilidade, ao lidar com as exigências não só do gênero, mas, sobretudo, de seus patronos. São "o seu senso para tensões dramáticas, as cores vivas de seus epítetos, o uso sutil, porém perspicaz, das reflexões ético-morais e a leveza de sua narrativa", que

significa "canção". Foi somente na Biblioteca de Alexandria, no período helenístico (sécs. III-II a.C.), que o termo *lurikḗ* (λυρική), derivado do instrumento musical *lúra* (λύρα, "lira"), passa a ser empregado para designar essa espécie poética, diferente da epopeia, da elegia, do jambo, da comédia e da tragédia.

[5] O cânone dos "nove líricos" ou mélicos abrange Álcman (c. 620 a.C.), Estesícoro (c. 632/29 – 556/53 a.C.), Safo (c. 630 – 580 a.C.), Alceu (c. 630 – 580 a.C.), Íbico (550 a.C.), Anacreonte (c. 550 a.C), Simônides (c. 556 – 468/64 a.C.), Baquílides (c. 518 – 452 a.C) e Píndaro (c. 518 – 446 a.C.). Vide Ragusa (2013, pp. 11-12).

[6] Jesus (2014, p. 12).

conduzem os estudos recentes do poeta, segundo Glenn W. Most, em "Poet and public: Communicative strategies in Pindar and Bacchylides" (2012, pp. 249-276).

Entretanto, a popularidade de Baquílides em seu tempo é atestada justamente pela linguagem mais facilmente compreendida – por contraste a Píndaro, criticada por muito tempo na recepção moderna. Podemos creditar ao sucesso de recepção em seu próprio tempo a variada destinação das canções do poeta, no que diz respeito tanto aos destinatários, quanto às ocasiões de *performance*[7], e, principalmente, às narrativas míticas em diálogo com a tradição poética e a memória que a audiência traz consigo[8]. Tais características estabelecem certo vínculo emocional entre o poeta e seu público, mais do que um compartilhamento intelectual[9], à diferença do que Píndaro parece ter buscado fazer, por exemplo, ao se colocar em posição moralizante[10], superior à de sua audiência.

Maehler (2004, p. 11) aproxima-o de Simônides pelo uso do dialeto dórico em forma literária e artificial, além de apontar formas e fórmulas emprestadas da épica e incluir alguns eolismos. No entanto, outras características saltam aos olhos numa primeira leitura. Além da sintaxe acessível e da semelhança com a linguagem épica, Baquílides enriquece suas composições com epítetos, geralmente compostos e de caráter visual. Há cerca de 230 palavras inéditas em Baquílides, ou seja, de sua própria criação, sendo a maioria delas adjetivos compostos. De acordo com a edição de Sir Richard C. Jebb, *Bacchylides – The poems and fragments* (1905, p. 68), alguns desses adjetivos são distinguidos pelo primeiro termo no composto (ἄναξι-, *ánaxi-*; εὐρῦ-, *euru-*; μεγιστο-, *megisto-*; ὕψι-, *húpsi-*; χάλκεο-, *khalkeo-* ou *khalko-*), e outros pelo segundo (-επος, *-epos*; -όνομα, *-ónoma*). Há também aqueles formados pela combinação das raízes de dois substantivos (*astúthemis*, *Epinício 4*, v. 3) e um número considerável expressa cores ou esplendor (*khruseokáptros*, *Epinício 9*, v. 100). Ademais, para enfatizar sua mensagem ou o sentido do conteúdo das odes, o poeta vale-se de ecos verbais e conceituais, as chamadas composições em anel, ou, em inglês, *ring-composition*, que também articulam toda a estrutura das canções.

Não menos importante, no que diz respeito à métrica, a composição triádica – composta por uma estrofe, uma antístrofe e um epodo, dos quais os dois primeiros seguem o mesmo padrão métrico – é comum aos seus epinícios.

---

[7] Ragusa (2013, p. 213).
[8] Idem, p. 214.
[9] Idem.
[10] Hadjimichael (2010-2011, pp. 335-336), Most (2012, pp. 249-276).

ii) Os epinícios

Do grego *epiníkion* (ἐπινίκιον), termo alexandrino, cunhado para a organização tardia das obras de Baquílides e de Píndaro – e talvez de Simônides – por subgênero mélico, o substantivo sugere o canto sobre a vitória, espécie de ode triunfal. Laura Swift, no capítulo "Epinikion", em *The Hidden Chorus* (2010, pp. 104-105), estabelece que os epinícios eram uma canção encomiástica para celebrar uma vitória individual em um dos grandes Jogos pan-helênicos: os Jogos Píticos, em honra a Apolo, na cidade de Delfos; os Olímpicos e Nemeicos, em celebração a Zeus, em Olímpia e Nemeia, respectivamente; e os Ístmicos, em honra a Posídon, em Ístmia. É importante observar, como já discutido por Cairns (2010, pp. 16-17), que os epinícios comemoravam as competições pan-helênicas cujos prêmios eram uma coroa ou uma guirlanda, que faziam parte do ciclo maior de competições – as quatro acima –, embora Píndaro e Baquílides também tenham composto odes triunfais para vitórias menores. O epinício, porém, parece ter sido performado por muitas décadas antes dos dois poetas, tendo em Simônides uma figura crucial para seu desenvolvimento, mas talvez remontando ainda a Íbico (meados do século VI a.C.).[11]

Simon Hornblower e Catherine Morgan sugerem, ainda, em sua introdução a *Pindar's Poetry, Patrons, and Festivals* (2007, pp. 1-43), que essas odes tiveram origem colonial; eram inicialmente compostas em honra aos líderes e fundadores de suas respectivas ἀποικίας (*apoikías*, "colônias"). A partir disso, portanto, é possível esboçar a influência das elites, da política e da narrativa mítica nas composições da mélica epinícia. Cairns (2010, p. 23) também afirma que todas as "odes míticas" apresentam um mito consistente com as tradições da cidade a que se destinam, ou que tenham se originado delas, e isso veremos nos epinícios deste estudo, em especial os *Epinícios 9* e *13*.

Apesar da denominação objetiva, Cairns (*ibid.*, pp. 18-20) chama a atenção para outros aspectos fundamentais dos epinícios. Em primeiro lugar, as canções compartilham de características de outros gêneros poéticos, dentre as quais podemos citar: aberturas hínicas, narrativas míticas, emulação de poemas simposiásticos (como os encômios e as elegias, destas sobretudo o que concerne a *gnṓmē*– a reflexão ético-moral) e referências a Homero e a Hesíodo. Em segundo lugar, e talvez mais importante, o fato de que os epinícios eram canções comissionadas, ou seja, eram compostos a pedido de um patrono,

[11] Cairns (2010, p. 17).

para celebrar vitórias deste ou de parentes nos grandes Jogos. Por esta razão, igualmente, o epinício passou a apresentar mudanças no que diz respeito a sua *performance* e à relação poeta-audiência, se comparado às demais criações poéticas, pois estava sempre em função das exigências da relação poeta-patrono.

De acordo com Cairns (2010, pp. 20-29), a mensagem que os patronos desejam transmitir por meio de suas comissões variam de acordo com sua localização geográfica, *status*, posições políticas e crenças morais, por exemplo. Portanto, as estratégias poéticas do epinício devem contemplar todos estes fatores para que apresentem o resultado esperado. O epinício não deve meramente exaltar o vitorioso, uma vez que a vitória do atleta traz prestígio à toda a comunidade. Sendo assim, desde sua primeira *performance*, a ode tem significado e aplicação para além da celebração da conquista individual. Ainda nesse sentido, então, a função encomiástica da ode requer um aspecto "universalizante", que transcenda a simples celebração da vitória no presente. É por essa razão que a escolha dos mitos é essencial, pois deve garantir que tais elementos morais e éticos superem circunstâncias locais, apesar de relacionado, em maior ou menor grau, a elas. Logo, para satisfazer todas as suas funções, o epinício precisa alcançar e atingir uma variedade de audiências e os poetas devem conhecer as preferências não só de seu patrono, mas também de todo o seu público. Isso engloba muito mais do que o simples elogio à vitória, o qual seria o princípio básico e ponto de partida destas odes.

Vale lembrar que o contexto da poesia comissionada não mais exigia a presença do poeta para que a *performance* acontecesse. Neste contexto, as canções viajavam, pois eram enviadas para diferentes localidades, para serem performadas por *performers* que não o próprio poeta. A partir disso, é possível refletir, dentre outras coisas, sobre as práticas poéticas do período arcaico e as do tardo-arcaico, cujas distinções são notadas na relação com sua audiência e com a *performance* das composições, uma vez que o poeta do epinício – e outros gêneros mélicos –, muitas vezes, desconhece a comunidade que receberá sua canção. Sobre as *performances*, devido ao que temos acesso em Píndaro e em Baquílides, é possível presumir que elas aconteciam na cidade do vitorioso, ou no próprio lugar da vitória, e que jovens rapazes davam voz aos versos. Mais recentemente, conforme Cairns expõe (*ibid.*, pp. 29-37), admite-se que a *performance* dos epinícios poderia acontecer em procissões de celebração, os *kōmoi* (κῶμοι), envolvendo os familiares, os amigos e os cidadãos da comunidade do atleta; esta explicação sobressai-

se àquela da *performance* por um coro dado o caráter festivo destas procissões.[12] Thomas K. Hubbard em "The Dissemination of Epinician Lyric: Pan-Hellenism, Reperformance, Written Texts" (2004, pp. 71-93) investiga como essas canções podem ter sobrevivido por tanto tempo, visto que eram compostas para uma ocasião muito pontual, e sugere que elas podem ter sido reperformadas diversas vezes, para rememorar e reviver o momento de triunfo.

Não nos esqueçamos que, além de elogiar os atletas vitoriosos, as odes também honravam os deuses; esse era, afinal, o propósito dos festivais. Hubbard (*ibid.*, pp. 75-76), inclusive, resgata outras características intrínsecas aos epinícios, e comenta que eles são, de certo modo, dedicatórias ritualísticas para um deus, em troca do favor divino já manifestado na vitória obtida. Os epinícios eram apenas uma das possíveis maneiras de louvar e eternizar um campeão, além das estátuas, por exemplo. Hubbard (*ibid.*, *id.*) comenta que, nas bases de estátuas mais antigas, que celebram vitórias, há inscrições com elementos formulares, que mencionam o nome do vitorioso, seu pai, sua cidade, a disputa da qual fez parte e o patrono divino – o deus que presidiu a ocasião; elementos que estariam nas bases do próprio epinício. De modo semelhante, Jan M. Bremer, no artigo "Traces of the Hymn in the Epinikion" (2008, pp. 1-17), defende, de modo pertinente, que o elogio às divindades é *sine qua non* para as canções, dado o teor religioso dos Jogos e dos festivais. Em verdade, para ele, o primeiro elogio é aquele destinado aos deuses.

O presente estudo partiu desse pressuposto e, por isso, detém-se nos epítetos de Apolo e de Zeus. Busco examinar, através dos epítetos conferidos a eles, sua posição em cada uma das odes e como eles são também são objeto do encômio.

iii) Os epítetos em Baquílides

Como mencionado no item anterior, os epítetos são fundamentais para as composições de Baquílides, pois são, provavelmente, os maiores responsáveis por enriquecerem sua linguagem, revelando sua verdadeira aptidão: a morfologia. Cairns (2010, p. 38) corrobora para tal afirmação, ao declarar que a preferência por epítetos vivos e cromáticos se deve ao estilo do poeta, cujo foco está na atmosfera de brilho, vitalidade e festividade, que espelham as ocasiões nas quais as canções devem ter sido performadas. Exemplos são *kaluskostéphanos* ("coroas de botões em flor"; *Epinício 11*, v. 108),

[12] Para maiores discussões sobre a performance dos epinícios, confira também Carey (1989, pp. 545-565) e Eckerman (2010, pp. 302-312).

khrusalákatos ("de rocas douradas"; *Epinício 11*, v. 38), *khrusármatos* ("a de carros dourados"; *Epinício 13*, v. 194). Há também uma acumulação de epítetos, segundo Cairns (*ibid., id.*), mais comuns para descrever deusas, mas também notável para Apolo e Zeus: Ártemis é "a dos bosques", "a de rocas douradas", "a gentil" e "a famosa arqueira" no *Epinício 11* (vv. 37-39) (*agrotéra*; *khrusalákatos*; *Heméra*; *toksóklutos*), Zeus tem "amplo reinado" e é "altitrovejante" (*euruánax*; *erispháragos*) no *Epinício 5* (vv. 19-20) e Apolo é "Lóxias", "o senhor dos Lícios" (*Lukíōn ánax*; *Loxías*) no *Epinício 13* (vv. 147-148) – para dizer os epítetos que aparecem consecutivos, pois muitos outros são atribuídos a eles em uma mesma ode.

A cor também está presente nos epítetos *porphurózōnos* ("de roxas cintas", *Epinício 11*, v. 49) *kuanoplókamoi* ("de escuras tranças", *Epinício 11*, v. 83), *khrusópakhus* ("de dourados braços", *Epinício 5*, v. 40) e *phoinikónōtoi* ("de rubras costas", *Epinício 5*, v. 102). Outros ainda reforçam o som, como *liguklangḗs* ("de agudo som", *Epinício* 5, v. 73) ou poder, *euruánax* (*Epinício 5*, v. 19). Maehler (2004, pp. 19-20) enfatiza que a função desses epítetos não é apenas decorativa; o poeta desperta a imaginação da sua audiência, evocando determinados aspectos e qualidades de figuras centrais a sua narrativa. Isso explica a predileção por compostos que começam com *ksantho-* ("amarelo", "loiro"), *kuano-* ("negro", "escuro"), *porphuro-* ("roxo"), *phoiniko-* ("vermelho", "carmesim"), *khalk-* ("brônzeo") e *khrus-* ("dourado"). Além disso, a escolha dos epítetos acentua os contrastes trabalhados pelo poeta nas odes.

Charles Segal, no artigo "Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative" (1976, pp. 99-130), já havia observado que Baquílides estava no final de uma tradição poética; com ele e com Píndaro, o estilo arcaico encontrou seu fim. Entretanto, Baquílides não apenas inventa novos epítetos, mas confere-lhes novos significados ou emprega-os com nova força – isso ainda sustentam Cairns (2010, pp. 39-40) e Maehler (2004, p. 19). A mélica coral arcaica podia, inclusive, absorver uma porção de expressões homéricas sem produzir a sensação de exagero. Em Baquílides, a antiga austeridade de Homero dá lugar à variedade, liberdade, amplitude e uma riqueza que agrega. O *Epinício 11* nos serve de exemplo: alguns adjetivos remetem-nos à épica de Homero, mas são aproveitados de maneira original e inédita (*boōpis*, "olhos bovinos"; *agrótera*, "selvagem"; *ádmatos*, "indomado"; *hupsízugos*, "de alto trono" e *khrusalákatos*, "de roca dourada").

Contudo, Segal (*ibid., id.*) adverte, seguido ainda por Cairns (*ibid.*, pp. 38-41) e Maehler (*ibid., id.*), que tal abundância está longe de ser meramente ornamental, uma vez que pode produzir *páthos* (πάθος, "comoção") de maneira reflexiva e consciente. O acúmulo de epítetos cria um ritmo próprio para as composições, que são manipuladas de acordo com as necessidades de cada ocasião. Como Jacob Stern, no artigo "Bestial Imagery in Bacchylides Ode XI" (1965, pp. 275-282), já havia defendido, o termo *epitheta ornatia*, muito utilizado para criticar a linguagem do poeta no passado não faz juz a seu ofício.[13]

Portanto, tendo esses argumentos como diretriz, este estudo pretende analisar alguns dos epítetos presentes no *corpus* de Baquílides, em especial os de Apolo e os de Zeus, para investigar – conforme já dito – como o poeta articula a figura das divindades ao elogio do vencedor e também às ocasiões da vitória. É possível que isso nem sempre esteja claro nos epinícios de Baquílides; porém, desejo refletir sobre como os deuses recebem papéis centrais nos poemas, sobretudo nas narrativas míticas, ao servirem de paradigma. Alguns destes epítetos parecerão demasiado simples quando contrapostos aos compostos. Para quando for o caso, destaco um comentário feito por Paolo Vivante, no livro *The Epithets in Homer* (1982, pp. 3-4): muitas vezes, os adjetivos que acompanham os nomes não desafiam nosso entendimento com algum sentido obscuro; eles são exatamente o que são e apenas detalham a identidade do que está sendo descrito em todos os seus aspectos. Não obstante, ao meu ver, em Baquílides, mesmo o mais trivial dos epítetos pode agregar sentido às canções. Há sempre algo que pode manifestar-se aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, ou a nossa memória.

iv) Outras considerações

Sobre a escolha do *corpus* analisado, detenho-me aos *Epinícios 3*, *4*, *5*, *9*, *11* e *13*, por serem os mais bem-preservados e os que fornecem mais material para discussão. As odes aqui estudadas foram traduzidas por mim, de acordo com as edições de autoridade de Snell-Maehler (1970) e Maehler (2004). A tradução de versos lacunares no grego original deu-se com base em suplementações sugeridas pelas edições de autoridade. As odes são reproduzidas no início de cada um dos quatro estudos e nos anexos. Para o estudo

[13] Como Kirkwood (1966, pp. 98-114), dez anos antes, que afirma que os epítetos em Baquílides não apresentam grande profundidade filosófica, fervor ou astúcia em suas aplicações.

semântico e morfológico dos epítetos, foram consultados, como maiores referências, o dicionário de língua grega *online*, *The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon* (LSJ),[14] disponível pelo banco de dados *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG)[15], e o dicionário etimológico de Pierre Chantraine, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* (2009).

[14] Disponível em: http://stephanus.tlg.uci.edu/lsj/#eid=1
[15] Disponível em: http://stephanus.tlg.uci.edu/

ZEUS, APOLO E SEUS EPÍTETOS NOS EPINÍCIOS DE BAQUÍLIDES:

QUATRO ESTUDOS

PRIMEIRO ESTUDO:

EPINÍCIOS 3, 4 E *5*: A HIERÃO DE SIRACUSA

Hierão de Siracusa, um dos mais poderosos tiranos do mundo grego, governou a cidade por onze anos, após a morte de seu irmão Gelão em 478 a.C.. Faleceu em 467 a.C., exaurido por longa e, ao que parece, dolorosa doença. Seu sucesso militar, a expansão geográfica de seu poder e as disputas hípicas lhe proporcionaram fama e popularidade. Para disseminar suas vitórias e legitimar sua potência como governante, ele investiu nos epinícios, sendo considerado o grande patrono dessas canções comissionadas por ele tanto a Baquílides, quanto a Píndaro, ambos afamados por essa espécie de mélica. No que concerne ao seu desempenho atlético, obteve sete vitórias: quatro em corridas de cavalos e três em corridas de carros; venceu nos Jogos Píticos de 482, 478 e 470 a.C., sendo a vitória de 470 celebrada no *Epinício 4* de Baquílides e nas *Píticas 1* e *2* de Píndaro, e nos Jogos Olímpicos de 476, 472 e 468 a.C., sendo a de 476 contemplada pelo *Epinício 5* de Baquílides e pela *Olímpica 1* de Píndaro, e a de 468, pelo *Epinício 3* de Baquílides exclusivamente. Píndaro também dedica a ele a *Pítica 3*.[16] Hierão teve ainda uma escultura póstuma construída em sua homenagem, para celebrar todas as suas vitórias olímpicas.[17]

Ambos Baquílides e Píndaro representam o tirano como homem virtuoso e justo, e enaltecem outras conquistas que extrapolam o ambiente dos Jogos. Todavia, especula-se até que ponto tais características seriam testemunho da figura empírica do soberano, uma vez que os poetas eram comissionados para elogiar os vencedores nos epinícios e, os quais não raro eram, como Hierão, também os patronos das canções. Ademais, os epinícios eram excelentes oportunidades para difundir os feitos e os governos dos tiranos pelo mundo grego, afamando-os e validando-os em nível pan-helênico. Logo, cumprem uma função política de legitimação ou incremento de seu poder. As odes, acrescente-se ainda, beneficiavam-nos, confirmando sua reverência para com as divindades, visto que

[16] Para mais detalhes sobre Hierão, vide os artigos de Mann (2013, pp. 25-48) e Oost (1976, pp. 224-236), e os comentários de McDevitt (2009).
[17] Vide o testemunho de Pausânias (século II d.C., *Descrição da Grécia*, 6.12.1).

que os Jogos de que tomaram parte integravam os festivais cívico-cultuais das *póleis* gregas, como foi ressaltado na Introdução.[18]

No caso de Hierão, observamos que sua relação com Zeus e com Apolo é retratada por Baquílides de maneira singular. Como veremos a seguir, os deuses estão profundamente conectados ao tirano de maneiras distintas nas três odes dedicadas a ele. Os objetivos do poeta ao tecer (ou descortinar) tais relações parecem ser, sobretudo, retóricos, ou seja, têm finalidade laudatória, de modo a coincidir com o elogio do *laudandus*. Estudemos, então, como Zeus e Apolo incorporam-se às vitórias do tirano de Siracusa.

I. *Epinício 3*

A'		
ἀριστο[κ]άρπου Σικελίας κρέουσαν		A soberana da Sicília de excelentes frutos,
Δ[ά]ματρα ἰοστέφανόν τε κούραν		Deméter, e a moça de violácea coroa, Core,
ὕμνει, γλυκύδωρε Κλειοῖ, θοάς τ᾽ Ὀ-		canta, ó Clio de doces presentes, e as ligeiras
λυ]μπιοδρόμους Ἱέρωνος ἵππ[ο]υς·		éguas olímpicas de Hierão.
—		
σεύον]το γὰρ σὺν ὑπερόχῳ τε Νίκᾱι	5	Pois lançaram-se com Vitória proeminente
σὺν Ἀγ]λαΐᾳ τε παρ᾽ εὐρυδίναν		e com Esplêndida, ao lado do de amplos redemoinhos,
Ἀλφεόν, τόθι] Δεινομένεος ἔθηκαν		Alfeu, onde fizeram do filho de Deinomenes
ὄλβιον τ[έκος στεφάνω]ν κυρῆσαι·		próspero para conquistar coroas.
—		
θρόησε δὲ λ[αὸς ˘ — —·		E a multidão gritou...
ἆ τρισευδαίμ[ων ἀνήρ,	10	Três vezes bem-aventurado o homem
ὃ παρὰ Ζηνὸς λαχὼν		que, tendo recebido de Zeus
πλείσταρχον Ἑλλάνων γέρας		o dom de governar o maior número de helenos,
οἶδε πυργωθέντα πλοῦτον μὴ μελαμ-		sabe não esconder sua riqueza, alta como torres,
φαρέϊ κρύπτειν σκότῳ.		com o negro véu da escuridão.
B'		
βρύει μὲν ἱερὰ βουθύτοις ἑορταῖς,	15	Fervilham os templos com sacrifícios bovinos,
βρύουσι φιλοξενίας ἀγυιαί·		fervilham as ruas com hospitalidade;
λάμπει δ᾽ ὑπὸ μαρμαρυγαῖς ὁ χρυσὸς		o ouro brilha sob cintilações
ὑψιδαιδάλτων τριπόδων σταθέντων		das altas e bem forjadas trípodes postas
—		
πάροιθε ναοῦ, τόθι μέγιστον ἄλσος		diante do altar, onde o supremo bosque
Φοίβου παρὰ Κασταλίας ῥεέθροις	20	de Febo, junto às correntes da Castália,
Δελφοὶ διέπουσι. θεόν, θ[εό]ν τις		os délfios administram. Que o deus, o deus seja
ἀγλαϊζέτω γὰρ ἄριστος ὄλβων·		glorificado em esplendor, pois é o melhor da boa-fortuna.
—		
ἐπεί ποτε καὶ δαμασίππου		Outrora ao líder soberano
Λυδίας ἀρχαγέταν,		da Lídia domadora de cavalos,
εὖτε τὰν πεπ[ρωμέναν	25	quando a destinada sentença
Ζηνὸς τελέ[σσαντος κρί]σιν		de Zeus cumpriu, e
Σάρδιες Περσᾶ[ν ἁλίσκοντο στρ]ατῷ,		Sárdis foi tomada pelo exército
Κροῖσον ὁ χρυσά[ορος		dos persas, a Creso, Apolo
—		

[18] Ver o estudo de Parker (2007, pp. 13-39) sobre os tiranos na era arcaica.

Γ'

φύλαξ᾽ Ἀπόλλων. [ὁ δ᾽ ἐς] ἄελπτον ἦμαρ		da espada dourada protegeu. Quando o dia inesperado
μ[ο]λὼν πολυδ[άκρυον] οὐκ ἔμελλε	30	chegou, ele não desejava, com muitas lágrimas,
μίμνειν ἔτι δ[ουλοσύ]ναν· πυρὰν δὲ		esperar pela escravidão; então, uma pira
χαλκ[ο]τειχέος π[ροπάροι]θεν αὐ[λᾶς		em frente ao pátio de muros de bronze
—		
ναήσατ᾽, ἔνθα σὺ[ν ἀλόχῳ] τε κεδ[νᾷ		ergueu, e nela subiu com a fiel esposa
σὺν εὐπλοκάμοι[ς τ᾽] ἐπέβαιν᾽ ἄλα[στον		e junto às filhas de belos cabelos,
θ]υ[γ]ατράσι δυρομέναις· χέρας δ᾽ [ἐς	35	que lamentavam, inconsoláveis; as mãos
αἰ]πὺν αἰθέρα σφετέρας ἀείρας		levantou para o alto céu e
—		
γέ]γωνεν· "ὑπέρ[βι]ε δαῖμον,		gritou: "Ó, divindade esmagadora,
πο]ῦ θεῶν ἐστιν χάρις;		onde está a graça dos deuses?
πο]ῦ δὲ Λατοίδας ἄναξ;		onde está o senhor filho de Leto?
ἔρρουσ]ιν Ἀλυά[τ]τα δόμοι,	40	As moradas de Aliates perecem,
⏑̄×⏑̄×] μυρίων		... de incontáveis...
⏑̄×⏑̄]ν·		...

Δ'

×⏑̄⏑⏑×⏑⏑⏑̄⏑]ν ἄστυ,		... cidade,
ἐρεύθεται αἵματι χρυσο]δίνας		tornam-se vermelhos de sangue os dourados
Πακτωλός· ἀεικελίως γυναῖκες	45	redemoinhos de Páctolo; sem honra, as mulheres
ἐξ ἐϋκτίτων μεγάρων ἄγονται·		são carregadas para fora dos aposentos bem-feitos;
—		
τὰ πρόσθεν δ᾽ [ἐχ]θρὰ φῖλα· θανεῖν γλύκιστον."		Agradável é antes o detestável; morrer é o mais doce."
τόσ᾽ εἶπε, καὶ ἀβ[ρο]βάταν κ[έλε]υσεν		Assim disse, e ordenou ao servo de delicados passos
ἅπτειν ξύλινον δόμον. ἔκ[λα]γον δὲ		que ateasse fogo à morada de madeira; as moças
παρθένοι, φίλας τ᾽ ἀνὰ ματρὶ χεῖρας	50	gritavam e as mãos amigas para a mãe
—		
ἔβαλλον· ὁ γὰρ προφανὴς θνα-		lançavam; pois, aos mortais, a que se tem diante
τοῖσιν ἔχθιστος φόνων·		dos olhos, é a morte mais odiosa;
ἀλλ᾽ ἐπεὶ δεινοῦ πυρὸς		Mas quando da terrível pira
λαμπρὸν διάϊ[σσεν μέ]νος,		a força reluzente se espalhou,
Ζεὺς ἐπιστάσας [μελαγκευ]θὲς νέφος	55	Zeus, sobrepondo-lhe uma negra nuvem,
σβέννυεν ξανθὰ[ν φλόγα.		apagou a amarela chama.

E'

ἄπιστον οὐδέν, ὅ τι θ[εῶν μέ]ριμνα		Nada que o juízo dos deuses prepara é
τεύχει· τότε Δαλογενὴ[ς Ἀπόλλων		duvidoso; depois, o nascido em Delos, Apolo,
φέρων ἐς Ὑπερβορέο[υς γ]έροντα		levou, para os hiperbóreos, o ancião
σὺν τανισφύροις κατ[έν]ασσε κούραις	60	com as filhas de finos tornozelos e lá os [estabeleceu
—		
δὶ εὐσέβειαν, ὅτι μέ[γιστα] θνατῶν		graças à sua piedade, pois dos mortais,
ἐς ἀγαθέαν <ἀν>έπεμψε Π[υθ]ώ.		os maiores dons enviou à sagrada Pito.
ὅσο[ι] <γε> μὲν Ἑλλάδ᾽ ἔχουσιν, [ο]ὔτι[ς,		Entre tantos que detêm a Hélade, ninguém,
ὦ μεγαίνητε Ἱέρων, θελήσει		ó ilustre Hierão, arriscará
—		
φάμ]εν σέο πλείονα χρυσὸν	65	dizer que mais ouro do que tu
Λοξί]ᾳ πέμψαι βροτῶν.		enviou a Lóxias, dentre os homens.
εὖ λέγειν πάρεστιν, ὅσ-		Vale elogiar, a quem quer que
τις μ]ὴ φθόνῳ πιαίνεται,		não se infle com inveja,
....] λη φίλιππον ἄνδρ᾽ ἀρήϊον,		... varão corajoso, amante de cavalos,
....]ίου σκᾶπτρον Διὸς	70	... do cetro de Zeus

F'

ἰοπλό]κων τε μέρο[ς ἔχοντ]α Μουσᾶν·		detentor e das Musas de tranças violetas;
.... μαλεᾳ ποτ[ε .....]᾽ ιων		... outrora...
....]νος ἐφάμερον α[.....]·		... efêmero...
....]α σκοπεῖς· βραχ[ὺς ἐστιν αἰών·		... vejas; curta é a vida.

—

πτερ]όεσσα δ᾽ ἐλπὶς ὑπ[ολύει ν]όημα	75	Mas a alada esperança solta o pensamento
ἐφαμ]ερίων· ὁ δ᾽ ἄναξ [Ἀπόλλων		dos mortais; Também o soberano Apolo
....]᾽λος εἶπε Φέρη[τος υἷι·		... disse ao filho de Feres:
“θνατὸν εὖντα χρὴ διδύμους ἀέξειν		“Sendo mortal, é preciso cultivar dois pensamentos,

—

γνώμας, ὅτι τ᾽ αὔριον ὄψεαι		que somente amanhã
μοῦνον ἁλίου φάος,	80	verás a luz do sol,
χὤτι πεντήκοντ᾽ ἔτεα		e que, por cinquenta anos,
ζωὰν βαθύπλουτον τελεῖς.		cumprirá uma vida repleta de riquezas.
ὅσια δρῶν εὔφραινε θυμόν· τοῦτο γὰρ		Alegra o peito cumprindo a lei divina; pois este
κερδέων ὑπέρτατον.”		é a mais sublime das recompensas.”

Z’

φρονέοντι συνετὰ γαρύω· βαθὺς μὲν 85	85	Eu canto coisas sábias aos que compreendem; o fundo
αἰθὴρ ἀμίαντος· ὕδωρ δὲ πόντου		éter é puro; a água do mar
οὐ σάπεται· εὐφροσύνα δ᾽ ὁ χρυσός·		não apodrece, e o ouro é felicidade.
ἀνδρὶ δ᾽ οὐ θέμις, πολιὸν π[αρ]έντα		Aos homens não é permitido, chegada a grisalha

—

γῆρας, θάλ[εια]ν αὖτις ἀγκομίσσαι		velhice, recuperar mais uma vez a viçosa
ἥβαν. ἀρετᾶ[ς γε μ]ὲν οὐ μινύθει	90	juventude. Porém, a luz da excelência
βροτῶν ἅμα σ[ώμ]ατι φέγγος, ἀλλὰ		dos homens não diminui com o corpo,
Μοῦσά νιν τρ[έφει]. Ἱέρων, σὺ δ᾽ ὄλβου		mas a Musa o nutre. Hierão, de sua prosperidade
κάλλιστ᾽ ἐπεδ[είξ]αο θνατοῖς		as mais belas flores exibiste.
ἄνθεα· πράξα[ντι] δ᾽ εὖ		A quem pratica boas ações,
οὐ φέρει κόσμ[ον σι]ω-	95	não traz honra o silêncio;
πά· σὺν δ᾽ ἀλαθ[είᾳ] καλῶν		Com a verdade de teus nobres feitos
καὶ μελιγλώσσου τις ὑμνήσει χάριν		alguém também cantará a graça do língua
Κῆΐας ἀηδόνος.		de mel, o rouxinol de Ceos.

O *Epinício 3* foi composto para celebrar a última e mais gloriosa vitória do tirano de Siracusa, na corrida de carros, nos Jogos Olímpicos de 468 a.C., um ano antes de sua morte. A estrutura da ode difere da das demais porque pode ser dividida em apenas duas partes: a abertura, que conta com o elogio ao vitorioso (vv. 1-22), e a conclusão, que inclui a narrativa mítica central (vv. 63-98). Ambas estão interligadas, em *ring-composition*, por ecos verbais e conceituais.[19]

- o verbo *humneîn* (“cantar”) abre e fecha a ode (v. 3 e v. 97);
- *Kleoî*, (“Clio”, v. 3) é retomada por *Moûsa* (“Musa”, v. 92);
- os adjetivos *glukúdōre* (“de doces presentes”, v. 3) e *meliglṓssou* (“língua de mel”, v. 97) se complementam;
- e *[Ag]laíai* (“Esplendida”, v. 6) é respondido por *lámpei* (“brilha”, v. 17) e *phéngos* (“luz”, v. 91).

[19] Cf. Cairns (2010, pp. 63-65).

Os anéis estão presentes também na parte central da canção (vv. 23-62), pois a história de Creso é iniciada e concluída com referências à realização do propósito divino:

- *tàn pep[rōménan ... telé[santos krí]sin* ("a destinada sentença...cumpriu", vv. 25-26) é respondido por *th[eôn mé]rimna teúkhei* ("o juízo dos deuses prepara", vv. 57-58), pela intervenção de Zeus (vv. 26-55) e pela proteção de Apolo (vv. 28-29, 58-61).

E o discurso do rei lídio (vv. 37-47) é cercado por outros elementos equivalentes:

- *sù[n] euplokámoi[s t'] ... duroménais* ("junto às filhas de belos cabelos, que lamentavam, inconsoláveis", vv. 33-35), *ék[la]gon dè parthénoi, ... éballon* ("as moças gritavam e as mãos amigas para a mãe lançavam", vv. 49-51) e *khéras ... aeíras* ("as mãos levantou", vv. 35-36);

- *[gé]g[ō]nen* ("gritou", v. 37) e *eîpe* ("disse", v. 48).

Não menos importante, o sucesso de Hierão, matéria da canção e símbolo da prosperidade do tirano, percorre o epinício do começo ao fim (vv. 3-22, 92-98):

- *Níkai* ("Vitória", v. 5) é retomado por *kalôn* ("nobres feitos", v. 96);

- *sùn huperókhōi te Níkai [sùn Ag]laíai te* ("lançaram-se com Vitória proeminente e com Esplêndida", vv. 5-6) é respondido por *sùn d' alath[eí]ai* ("com a verdade", v. 96);

- *ólbion* ("próspero", v. 8) é espelhado por *[ó]lbōn* ("boa-fortuna", v. 22) e *ólbou* ("prosperidade", v. 92).

- há, ainda, o eco entre *iostéphanon* ("de violácea coroa", v. 2), *stephánō]n kurêsai* ("conquistar coroas", v. 8), *brúei mèn hierà..., brúousi ...* ("fervilham os templos"[20], vv. 15-16) e *ánthea* ("flores", v. 94);

- *e mè ... krúptein* ("não esconder", vv. 13-14) está articulado a *eped[eíx]ao* "exibiste", v. 93).

No que diz respeito ao conteúdo da ode, há muitas conjecturas para as escolhas de Baquílides. Crê-se que Hierão padecia de grave doença desde, pelo menos, 470, quando Píndaro, em sua *Pítica* 1 (vv. 46-48), faz-lhe votos para que possa esquecer-se de suas preocupações e o compara a Filoctetes, herói do ciclo mítico troiano, que sofria de uma úlcera incurável:[21]

[20] A tradução do verbo βρύω (*brúō*) também pode ser "florescer".
[21] A edição para os textos gregos de Píndaro é a de Snell-Maehler (1987) e as traduções são minhas. Para os versos, vide McDevitt (2009, p. 90).

εἰ γὰρ ὁ πᾶς χρόνος ὄλβον μὲν οὕτω
καὶ κτεάνων δόσιν εὐθύ-
νοι, καμάτων δ᾽ ἐπίλασιν παράσχοι.

Que o tempo, por inteiro, tal felicidade
e o dom das riquezas guie,
e o esquecimento dos males lhe conceda.

Na *Pítica 3*, Píndaro enfatiza a libertação das enfermidades que acometem os mortais (vv. 45-46) por meio da cura do deus Asclépio, filho de Apolo, que o levou a Quíron, o célebre sábio centauro, para com ele aprender as artes da medicina:

καί ῥά νιν Μάγνητι φέρων πόρε Κενταύρῳ διδάξαι
πολυπήμονας ἀνθρώποισιν ἰᾶσθαι νόσους.

E, levando-o ao magnésio centauro, ofereceu-lhe [o filho], para ensinar-lhe
a curar as doenças mui funestas aos homens.

Mas o poeta adiante adverte: se podem ansiar pela cura, os homens não devem ansiar pela imortalidade, cientes que devem ser de sua condição (vv. 59-62):

χρὴ τὰ ἐοικότα πὰρ
δαιμόνων μαστευέμεν θναταῖς φρασίν
γνόντα τὸ πὰρ ποδός, οἵας εἰμὲν αἴσας.
μή, φίλα ψυχά, βίον ἀθάνατον
σπεῦδε, τὰν δ᾽ ἔμπρακτον ἄντλει μαχανάν.

É preciso o apropriado buscar, junto
aos deuses, com nossos corações mortais,
conhecendo o que está junto ao pé, qual destino temos.
Cara alma, uma vida imortal
não almeje, e aproveite ao máximo o viável artifício.

A condição do tirano deveria ser, portanto, bem conhecida, o que sugere que, na *Ode 3*, que lhe chega no fim de sua existência, Baquílides pretende consolá-lo diante da morte iminente.[22] Douglas Cairns, em *Bacchylides* (2010, p. 63), relembra que o tema da mortalidade e da precariedade da boa fortuna é recorrente em poetas arcaicos e que, neste caso, ultrapassa os infortúnios de Hierão, e indica que a postura do tirano diante da morte e de seus desdobramentos podem ter influenciado o modo como Baquílides aborda estas questões na canção.

O consolo para Hierão seria elaborado por meio do enobrecimento de suas qualidades morais e de suas honrarias às divindades, sobretudo a Apolo. Ademais, como parte do gênero mélico, os poetas do epinício propõem equiparar o elogiado a figuras

[22] McDevitt (*id.*, p. 91).

míticas excelentes, como deuses ou heróis; na *Ode 3*, entretanto, traça-se um paralelo entre o tirano e Creso, o qual escapa ao território mítico *per se*, visto que é personagem histórico. Ele foi rei da Lídia (560-546 a.C.), reino próspero da Ásia Menor, e teve seu reino conquistado pelos persas em 546 a.C., os quais, sob comando de Ciro, expandiam suas fronteiras.

Assim como o siracusano e nobre filho de Deinomenes, o governante lídio, descendente de Giges, tornou-se popular por sua reverente dedicação a Apolo. No tardio século II d.C., o periegeta Pausânias, na sua *Descrição da Grécia* (3.10.8) registra que Creso enviou ouro a Apolo *Púthaeus* (Πύθαευς, "Piteu"), por exemplo, o deus do santuário oracular em Delfos, e que em Corinto foi construída uma espécie de tesouraria para guardar o ouro enviado da Lídia por ele e por seu antepassado Giges (10.13.5). Creso também teria enviado um escudo de ouro para a imagem de Atena *Prónoia* (Πρόνοια, "Presciência"), acrescenta Pausânias, cujo santuário se situa diante do de Apolo em Delfos (10.8.7). Muito antes, no século V a.C., Heródoto, nas *Histórias das Guerras Pérsicas* (1.50), lista as libações que Creso direcionou ao deus, com o intuito de conquistar seu favor: o rei da Lídia teria sacrificado três mil animais, queimou ouro e prata em uma grande pira, cálices dourados e túnicas. Na ode de Baquílides, a menção às trípodes no templo de Apolo em Delfos (vv. 18-21) é corroborada por escavações arqueológicas francesas, as quais atestam duas na entrada leste do templo; e inscrições apontam que uma delas foi enviada por Hierão e, a outra, por seu irmão, Gelão.[23]

Outro aspecto pode, contudo, aproximar ambos os reis, como argumentam Anne P. Burnett, em *The Art of Bacchylides* (1985, pp. 68-69), e Cairns (2010, pp. 63-74): a riqueza material. Ambos eram particularmente abastados, como comprovam seus presentes aos deuses. Canta-o o *Epinício 3*, nos versos 10-21, em que se destaca a expressão *purgōthénta ploûton* (v. 13), a descrever a "riqueza, elevada como torres". Burnett (pp. 61-76) analisa, inclusive, as razões pelas quais, em sua opinião, a canção celebra antes a fortuna dos soberanos do que a vitória de um deles, e por que as menções a Apolo são mais extensas do que as feitas a Zeus, muito embora a vitória tenha se dado nos Jogos Olímpicos, o que faria deste deus, e não daquele, o protagonista do louvor. Ela sugere que a escolha de Creso é, na realidade, elemento de um jogo de palavras, pois o nome do rei lídio (*Kroîsos*) ecoa o termo *khrusós* ("ouro"). Anne Carson, em "The Burners" (1984, pp. 111-119), também sustenta que o poema destaca o tema da riqueza

[23] Em Jebb (1905, pp. 452-457) encontramos uma vasta descrição desta descoberta arqueológica, incluindo detalhes específicos das trípodes. Vide, ainda, Colin (1897).

e, sobretudo, como Hierão faz uso dela. Há duas conotações para o ouro, de acordo com ela: de um lado, representa posse material, que deve ser gasta da maneira correta, de sorte que não precise ser omitida; de outro, a *aretḗ* (ἀρετή, "excelência") do ouro o torna imperecível e incorruptível, tal qual o poeta espera que seja a *aretḗ* do mortal celebrado.

Em diálogo com a *Ode 3*, *mutatis mutandis*, temos o episódio de Creso na pira relatado por Heródoto no livro I das *Histórias* (86-87). Os pontos de contato e as distinções entre os relatos não serão enfocados aqui, mas devo valer-me de algumas considerações feitas por Charles Segal, em "Croesus on the Pyre" (1998, pp. 281-293), e por Burnett (1985, pp. 61-76), a fim de desenvolver meus argumentos. Em primeiro lugar, observe-se que o elogio feito a Hierão por Baquílides evidencia sua fortuna material, sua piedade para com a divindade e sua generosidade para com Delfos, tendo ele enviado à cidade muito ouro. Em segundo, à diferença da narrativa exposta por Heródoto – que relata a salvação de Creso, ao transmitir para Ciro as reflexões sobre a instabilidade da fortuna que teria aprendido com Sólon (séculos VII-VI a.C.), o sábio legislador ateniense –, Baquílides anuncia o desfecho de Creso com intervenção benevolente dos deuses. E em terceiro, a narrativa do poeta mélico é centrada nos deuses, enquanto que a do historiógrafo centra-se nos homens. Exemplo disso é a parte crucial da narrativa mítica no epinício, quando Creso é salvo do fogo da pira por uma nuvem de Zeus, ao passo que em Heródoto o rei é salvo por Ciro, ao revelar-lhe as sábias palavras de Sólon sobre a fortuna humana, as quais recordava na pira, o que leva o poderoso persa a refletir sobre elas e a se colocar no lugar de Creso, decidindo então poupá-lo.

Talvez a maior semelhança entre tais narrativas seja, de fato, a relação dos líderes com Apolo, pois, em Heródoto, ele também é o deus principal e é a quem Creso dirige sua súplica desesperada, ao notar que Ciro decide poupá-lo, mas que esta decisão pode ter sido tomada tarde demais, pois o fogo ardia forte na pira. Assim, a proeminência do filho de Leto na ode poderia ser parte tradicional dos relatos acerca do monarca.

Uma diferença, no entanto, se apresenta entre as figuras relacionadas a Creso: no historiógrafo, esta figura é Ciro, e, no poeta, Hierão. Em Baquílides, o rei lídio, ao dar-se conta de sua terrível sina, desespera-se e indaga onde está a *kháris* (χάρις, "graça, favor, reciprocidade")[24] dos deuses e de Apolo, pensando que este, a quem tanto honrou, o tivesse abandonado (vv. 37-9). Tal comportamento diverge do rei siracusano – e do rei persa, no relato herodotano –, que mantém sua confiança na graça inabalável dos deuses.

[24] Para mais sobre *kháris* na canção, vide Carson (1984, pp. 115-116).

Deesa maneira o poeta deseja retratá-la, assegurando ao *laudandus* que é digno de tantas dádivas por sua imensa piedade.

Olhemos agora para os epítetos de Apolo, a fim de compreender de quais outras maneiras sua escolha é significativa para a *Ode 3*.

i. Apolo *Khrusáoros*

O epíteto *khrusá[oros]* ("da espada dourada" ou "da lira dourada"), no verso 28, tem correspondências em Homero, na *Ilíada* (por exemplo, 5.509 e 15.256), e em Píndaro, na *Pítica 5* (v. 104). É formado por um adjetivo composto, e seu significado é controverso. Herwig Maehler, em *Bacchylides* (2004, p. 91), propõe que esteja relacionado à aljava ou à lira, ambos carregados na cinta (*aortḗr*, ἀορτήρ) de Apolo, mas não à espada, pois o deus é considerado uma deidade pura. Cairns (2010, p. 203), por sua vez, revela que tal forma é uma suplementação e, em conformidade com a edição de autoridade de Maehler, *Bacchylides* (2003, p. 910), encontra outra forma plausível: *khrusoírmatos* (χρυσοίρματος, "de carruagem dourada"), primeiramente sugerida por Frederic G. Kenyon, em *The Poems of Bacchylides* (1897), a *editio princeps* da ode. Vale registrar que, na *Ilíada* (1, 43-53), as flechas de Apolo trazem consigo a peste e, nesse sentido, o epíteto *khrusáoros* poderia evocar a aljava do deus, e, embora Walter Burkert, no livro *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica* (1993, p. 288), afirme que as tradições dóricas e cretenses acerca do deus não são capazes de explicar sua relação com o arco e flecha, o aspecto funesto de Apolo poderia reverberar no estado de saúde de Creso.

Há, porém, uma notável discrepância entre as flechas do deus irado em Homero e aquele que encontramos em Baquílides: a cólera de Apolo na *Ilíada* é estimulada por uma transgressão humana (Agamêmnon ultraja o sacerdote apolínio, Crises) e só cessa quando todos os ritos necessários são concluídos. Burkert (*id.*, p. 292) explica que as catástrofes e enfermidades liberadas por Apolo estão relacionadas a algum tipo de mácula; sendo ele também o deus da purificação, a cura viria após um processo de reconhecimento por parte do transgressor que, então, buscaria purificar-se e redimir-se, livrando-se do *míasma* (μίασμα, "mácula"). Não é o caso de Creso, visto que ele não atenta contra a divindade em momento algum, muito pelo contrário.

Se, por outro lado, houvesse alguma chance de relacionar esses dois infelizes episódios a partir das ocorrências de *khrusáoros*, reconheceríamos como Baquílides retorna para a tradição arcaica e, muitas vezes, confere a ela novo significado. O mesmo

epíteto também é empregado por Píndaro, no fr. 128c, para descrever Orfeu (Ὀρφέα χρυσάορα). Neste caso, corresponde ao significado "da lira dourada".

De todo modo, o adjetivo *khrúseos* ("dourado") retoma o que disse Burnett (1985, p. 67) sobre a relação entre Creso, Hierão e Apolo. A cor dourada é, com frequência, atrelada à riqueza e alude a *ólbos*, a prosperidade material e imaterial, prosperidade concedida aos homens pelos deuses. Também está associado, de acordo com Pierre Chantraine, em seu dicionário etimológico *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* (1999, p. 791), à beleza e ao valor, material ou moral. Na canção, segundo Burnett (*id.*, p. 69), o epíteto comprova a relação entre os personagens por meio dos bens materiais. Não obstante, o sentido de *ólbos* também deve ser acatado em dimensão imaterial, com base nas dádivas do tirano, caracterizado como *triseudaímōn* ("três vezes afortunado", v. 10). Lembremos, não obstante, que a noção de felicidade imaterial também está presente no discurso que Sólon, o sábio legislador ateniense, faz a Creso que, em sua sala de tesouros, o recebe como hóspede, na narrativa que dramatiza esse encontro em Heródoto (1.32.1-9).[25] Lembremos, ainda, que o motivo de felicidade não concerne só ao vencedor, mas à sua comunidade que dela se beneficia e nela se compraz, e à festividade que é a ocasião de *performance* de uma ode à vitória atlética. Além disso, a ode é permeada por outras alusões ao brilho ou ao dourado, como na imagem da deusa "Esplêndida" (*[Ag]laíai*, v. 6), uma das três Graças,[26] "ouro brilha sob cintilações" (*lámpei d'hupò marmarugaîs ho khrusòs*, v. 17) e "o deus, o deus seja glorificado em esplendor" (*aglaïzétō*, v. 21), que enfatizam a natureza solar da divindade.[27]

ii. Apolo *Ánax* e *Dalogenḗs*

Latoídas ánax ("senhor filho de Leto"; v. 39) e *Dalogenḕ[s]* ("nascido em Delos"; v. 58) estão relacionados aos mitos tradicionais da divindade[28], e comunicam sua genealogia. No poema, fazem-se notar no momento de narrativa mítica e parecem ter sido inseridos de modo a contar a história do deus – desde a concepção de Leto e seu nascimento em Delos até seu estabelecimento em Pito – de maneira simultânea à história de Creso. Chantraine (1999, p. 84) indica que o substantivo *ánax* apresenta, com

[25] Para o estudo detalhado da *olbía* (ὀλβία) e do uso do termo *ólbos* em Baquílides e em Heródoto, vide o artigo de Crane (1996, pp. 57-85).
[26] Hesíodo (ativo no fim do século VIII a.C.), *Teogonia* (vv. 907-911).
[27] Cf. Graf (2008, pp. 121-123).
[28] O nascimento de Apolo e Ártemis está na *Teogonia* de Hesíodo (vv. 918-920). No *Hino Homérico a Apolo*, o poeta canta extensivamente sobre o nascimento do deus em Delos, ilha que concentrava os cultos ao deus em tempos mais remotos.

frequência, a nuance de protetor ou salvador. É curioso, então, que, na canção, é ao *Latoídas ánax* que Creso suplica ao subir à pira – deus cujo matronímico espelha a perífrase do verso seguinte, ao mencionar o pai de Creso, Aliates –, e é o "Delogênio" que o salva, levando-o para a terra dos hiperbóreos, graças a sua piedade. Este epíteto, somado à menção à Pito na antístrofe (v. 62), realça os dois principais centros de culto à divindade. No verso 76, Apolo volta a ser referido como *ánax* ("senhor, soberano").

iii. Apolo *Phoîbos*

O adjetivo *phoîbos* (φοῖβος) significa "luminoso" ou "puro". No poema, *Phoíbou* ("Febo"; v. 20) remete aos mitos mais convencionais de Apolo. O mesmo epíteto aparece na *Ilíada* (1, 43), e confere-lhe uma de suas características mais específicas: o brilho. Da mesma forma, incorpora sua qualidade de *éphēbos* (ἔφηβος, "efebo"), simbolizando a juventude e a vitalidade.[29] Por ser um jovem rapaz associado ao sol, muitas vezes o próprio astro era retratado como um menino, na sua capacidade de nascer todos os dias, trazendo renovada luz consigo. Tal aspecto pode convergir com o brilho fornecido pelo dourado em *khrusáoros* (v. 28), persistindo no esplendor do imortal. Mas, se prosseguirmos com a hipótese de que o epíteto evoca suas flechas agourentas, pressupomos que o deus é a ruína e a cura: após a destruição, uma nova luz surge, ambas sob seu controle. Outra vez, seria razoável articular as facetas de Apolo com a situação de Creso.

iv. Apolo *Loxías*

Loxías também é um título comum para Apolo, e deriva do adjetivo *loxós* (λοξός), que significa "ambíguo", "oblíquo", razão pela qual associa-se à característica oracular do deus, cujas previsões eram obscuras aos homens. Na ode, o nome vem logo após a narrativa sobre Creso (v. 66), encerrada já a narrativa mítica. A passagem, que deve ser recuperada aqui, diz o seguinte:

ὅσο[ι] <γε> μὲν Ἑλλάδ᾽ ἔχουσιν, [ο]ὔτι[ς,
ὦ μεγαίνητε Ἱέρων, θελήσει
φάμ]εν σέο πλείονα χρυσὸν 65
Λοξί]ᾳ πέμψαι βροτῶν.

Entre tantos que detêm a Hélade, ninguém,
ó ilustre Hierão, arriscará

[29] Burkert (1993, p. 287).

dizer que mais ouro do que tu
enviou a Lóxias, dentre os homens. 65

É curioso esse passo, pois sabemos que o outro homem a enviar ouro a Apolo é Creso, o mesmo que em Heródoto (1.53.1-3) recorre aos conselhos de seu oráculo[30] e, por não o compreender, gera para si e para seu império a ruína. O oráculo consultado pelo lídio é o de Apolo Pítio (Πύθιος). De acordo com J. K. Davies, em "The Moral Dimension of Pythian Apollo" (2009, pp. 43-64), a atividade oracular do deus alcança a dimensão cívica da comunidade, ao colocá-lo na posição de legitimador da ordem e dos sistemas públicos e políticos. Seria essa a razão pela qual os gregos consultavam-no quando precisavam de aconselhamento político ou até a autoridade para decisões deste âmbito. O argumento faz sentido quando tomamos o episódio de Creso, pois o rei deseja saber se ele deve ou não atacar os persas, ao que oráculo responde, alertando que, se ele o fizer, um grande império perecerá. Além disso, *Loxías* é o profeta de Zeus, escolhido para disseminar a sabedoria e os desígnios do pai (Burkert, 1993, p. 293).[31] No entanto, Davies (*ibid.*, p. 49) afirma que, em Baquílides, em especial no *Epinício 3*, Apolo é apresentado de maneira elusiva ou convencional, portanto, carece da característica moralizante. Se considerarmos a posição oracular do deus de acordo com Davies, a partir do epíteto *Púthios*, então a relação entre a divindade e seus oráculos, no poema, só poderia ser estabelecida pela associação ao epíteto *Loxías*, sem relação com Pito.

Contudo, tal característica moralizante pode ser encontrada nos epinícios através da *gnōmē* (γνώμη, "máxima, sentença, reflexão ético-moral") que cumpre com a função cívica de orientar, ensinar e prevenir. No caso desta canção, exemplo disso é o conselho que Apolo fornece a Admeto (vv. 78-84), filho de Feres, para avaliar a natureza condição humana em sua instabilidade e efemeridade, constitui tal máxima, a qual, por sua vez, é fundamentada pela sabedoria do deus, mas também pela experiência de Creso, já anunciada por Sólon. A reflexão é direcionada para Hierão e para a audiência, e faz parte do conjunto de máximas oferecidas a Admeto por Apolo, enquanto este estava a serviço do rei Feres.[32]

[30] O mito de fundação do santuário do deus é narrado no *Hino Homérico a Apolo* (3.300-376).
[31] Uma vez mais, cf. o *Hino Homérico a Apolo* (3. 131-132), passagem na qual Apolo exibe seus domínios sobre a cítara, os arcos recurvos e os oráculos infalíveis de Zeus, e ainda os versos 247-253, onde Apolo Pítio estabelece seu oráculo.
[32] Vide Maehler (2004, p. 95).

v. Apolo *Hekabólos*

Há outro nome no verso 77, porém este é lacunar. Maehler (2003, p. 12) sugere *boukólos* (βουκόλος, "pastor, o que cuida do gado") ou *hekabólos* (ἑκαβόλος, dórico de ἑκηβόλος, "o que atira longe"). O suplemento mais aceito até agora é o de Richard Jebb, em *Bacchylides* (1905), em acordo com a *editio princeps* de Kenyon (1897): *hekabólos*. O epíteto é adjetivo, também consta uma vez na *Ilíada* (1, 14), e o significado indica que o deus age à distância, mas é habilidoso em alcançar os alvos com suas flechas. Pode sugerir, ainda, que Apolo tem êxito em seus desígnios. Burkert (*ibid.*, p. 194) observa que sua essência é expressa pela sabedoria e pela ética. O lema "conhece-te a ti próprio" é antes entendido em nível antropológico: é preciso que os mortais compreendam sua condição, em absoluto diferente daquela dos deuses. Portanto, Apolo permaneceria "o deus longuínquo" no sentido de que os homens compreendem a distância que os afasta dos deuses, ainda que seu conhecimento seja precário. Exemplo disso pode ser encontrado na *Ilíada* (21, 462-466), mais uma vez, no diálogo que o filho de Leto tem com Posídon. Apolo recusa-se a enfrentar o tio por causa dos mortais, cuja existência assemelha-se à das folhas, efêmeras. Esta atitude ressalta a soberania do deus:

> ἐννοσίγαι' οὐκ ἄν με σαόφρονα μυθήσαιο
> ἔμμεναι, εἰ δὴ σοί γε βροτῶν ἕνεκα πτολεμίξω
> δειλῶν, οἳ φύλλοισιν ἐοικότες ἄλλοτε μέν τε
> ζαφλεγέες τελέθουσιν ἀρούρης καρπὸν ἔδοντες, 465
> ἄλλοτε δὲ φθινύθουσιν ἀκήριοι. (...)
>
> "Sacudidor da Terra, não dirias que sou prudente
> se, por causa dos mortais, lutasse contra ti,
> estes infelizes, que, como folhas, ora cheios de viço comem os frutos da terra, 465
> ora míseros perecem. (...)"[33]

Nos versos da ode de Baquílides (77-84), deparamo-nos com o discurso que Apolo dirige a Admeto, como comentado acima. Conforme este episódio mítico, o deus era *bouphorbós* (βουφορβός) do mortal[34], algo como um pastor. Assim, uma outra opção para a suplementação da lacuna é *boukólos*, posto que ambos os termos são quase sinônimos. Entretanto, *hekabólos* encaixa-se melhor no contexto da canção.

[33] A edição do texto grego é a de T.W. Allen (1931), disponível no banco de dados online *Thesaurus Linguae Graecae* (http://stephanus.tlg.uci.edu/index.php), e a tradução é minha.
[34] Cf. Jebb (1905, pp. 263-4).

Buscando seguir as convicções de Jan M. Bremer, em "Traces of the Hymn in the epinikion" (2008, pp. 1-17), como dito na Introdução, examinemos agora a posição de Zeus no poema. Não pretendo avaliá-lo à sombra de Apolo; antes, almejo compreender como a presença do Cronida é definitiva para consolidar e realçar seu poderio, além de celebrá-lo na ocasião dos jogos em Olímpia.

vi. Zeus *Téthmios* ou *Xénios*

A primeira menção a Zeus ocorre no verso 11, quando o poeta descreve o poder de governar como dom do deus (*géras*, v. 12). Burkert (1993, pp. 260-261), recorda que toda soberania entre os homens provém de Zeus, que nutre e protege a linhagem dos heróis e dos grandes reis.

A seguir, no verso 26, já na narrativa mítica, Zeus é evocado pela segunda vez, e ficamos sabendo que a ruína de Creso foi cumprimento de sua sentença; esse é um aspecto comum às narrativas de Heródoto e de Baquílides. O deus volta a aparecer no clímax da narrativa, no verso 55, ao livrar Creso da pira, sobrepondo-lhe negra nuvem que extingue a chama da pira. Zeus, vale lembrar, é vinculado ao céu e, consequentemente, à chuva; sua morada é, portanto, no cume das montanhas mais altas, onde as nuvens se aglomeram e anunciam a tempestade.[35]

É notável que em nenhuma dessas passagens Zeus receba epítetos. Quando o deus aparece ao lado de um epíteto, porém, há no verso 70 uma lacuna considerável, a qual impossibilita saber com precisão o adjetivo que o acompanha. Jebb (1905, pp. 262-263) mantém o mesmo epíteto proposto por Friedrich Blass, em *Bacchylidis carmina cum fragmentis* (1898, p. 41), *tethmíou* (τεθμίου, "justo, das leis"). Esta seria a forma dórica de *thesmíou* (θεσμίου) e faz alusão à posição de Hierão como rei de Siracusa, posição protegida por Zeus. A ênfase no líder-juiz a rebater os papéis do deus parece estar no que seria a afirmação de que Hierão detém o cetro do deus (*skâptron Diòs*, v. 70); e está clara na *Olímpica 1*, de Píndaro, em que o governante é portador do cetro da justiça ou do justo julgamento, "aquele que o legítimo cetro [*themisteîon ... skâpton*] possui" (θεμιστεῖον ὃς ἀμφέπει σκᾶπτον, v. 12). Maehler (2004, p. 95), por sua vez, defende que o suplemento mais plausível seria *xeiníou* (ξεινίου, "hospitaleiro"), tal qual o vemos na pindárica *Nemeia 11*, na qual a hospitalidade do destinatário da canção e seu apreço pela música

[35] Ver Burkert (1993, pp. 254-263), Larson (2007, pp. 15-28).

são elogiados em termos semelhantes: "do Zeus Hospitaleiro é honrada a ordem [*thémis*] / em semprepostas" (καὶ ξενίου Διὸς ἀσκεῖται θέμις ἀενάοις / ἐν τραπέζαις, vv. 8-9).

Embora não se achem *téthmios* e *thésmios* como epítetos de Zeus em qualquer outro registro, é possível compreender na *Ode 3* a escolha dos termos no âmbito das leis e da justiça do deus olímpio, das quais Hierão seria uma espécie de guardião, zelando pela ordem cívica.[36] Além disso, como nos lembra Burnett (1985, pp. 69-70), Creso e Hierão ocupam os extremos oriental e ocidental do mundo helênico. Ambos têm poder e fortuna proeminentes, são soldados e grandes doadores de dons a Apolo, como já mencionado, e estão sob o julgamento de Zeus: Creso chega à pira através do desígnio deste; o líder siciliano se submete ao deus, ao ser candidato à vitória e vitorioso nos Jogos Olímpicos de seu templo às margens do Alfeu (vv. 5-8).

O juízo de Zeus também se aplica a dois outros momentos da ode, nos quais o deus não carrega epítetos: ele é o responsável pela destruição de Sárdis (vv. 26-30), do mesmo modo que destrói a chama da pira (vv. 55-56), após ponderar que Creso seria digno de salvação por conta de sua *eusébeia* (εὐσέβεια, "reverência, piedade") a Apolo. Baquílides, então, confere ao Cronida a devida importância através de ações cruciais para o desdobramento dos eventos, enquanto em outras versões apenas Apolo é evocado. Vale lembrar, ainda, que esse deus e Zeus agem em conjunto para livrar Creso de seu terrível fim. Um dado curiosíssimo, aliás, é que há um registro do epíteto *Thésmios* para Apolo em uma passagem do periegeta Pausânias (século II, 5.15.7). Seria possível, então, que Zeus recebesse tal epíteto também para mostrar sua semelhança e sua cumplicidade com Apolo, além dos atributos de justiça previstos para ambos?

O epíteto *xeínios*, por sua vez, sugerido para a lacuna do verso 70, de imediato remete à *xenía* (ξενία, "hospitalidade") e nos traz menos complicações que o anterior, uma vez que Zeus é considerado o deus da hospitalidade desde a tradição épico-homérica, e disso já vimos exemplo nos versos da ode nemeica pindárica, há pouco citados.[37] *Xénios* salienta o apreço de Zeus por relações que unem os homens, especialmente se estes forem estranhos um ao outro; era proibido desrespeitar ou atentar contra suplicantes,

[36] Veja o epíteto *astúthemis* ("justo governante de cidades") para Hierão no *Epinício 4* (v. 3). Confira também Dowden (2006, pp. 72-73) sobre Zeus, a ordem da sociedade e sua relação com os reis e governantes. O epíteto *téthmios* ilustra o que diz Burkert (1993, p. 261): onde há ordem, há Zeus. Todas as leis vêm desse deus e os homens que delas se encarregam assim o fazem sob sua tutela. *Thémis*, observa ainda Burkert (*id.*, p. 262), seria a primeira esposa legítima de Zeus, embora seja o segundo dos enlaces nas hierogamias da *Teogonia* (901-911). Larson (2007, p. 24) afirma que muitos cultos do deus tinham dimensão moral e o objetivo de consolidar comportamentos esperados pela sociedade.

[37] Pausânias (3.11.11) constata um santuário a Zeus *xénios* na Lacedemônia. Cf. Dowden (2006, pp. 79-80).

estrangeiros, viajantes ou hóspedes, pois todos estes encontram-se sob tutela de Zeus.[38] Esse tipo de relação, bem como os dons da hospitalidade, são de extrema relevância para os epinícios, pois estamos lidando aqui com poesia comissionada. Isto significa que as canções viajavam de cidade a cidade, levando o nome de seus patronos e dos vitoriosos para toda a Grécia, imortalizando-os. As odes eram recebidas em terras estrangeiras, assim como o poeta – quando este estava presente à *performance* – ou a canção que enviava para que *performers* a apresentassem, já que não podiam estar em toda parte, ao mesmo tempo.

A relação de *xenía* entre poeta/canção e patrono, tradicional e do sistema de trocas e da reciprocidade, é recorrente no epinício, porque é mais uma estratégia para tirar de cena o elemento comercial da transação que envolve o comissionamento da ode, ao qual se alia o da espontaneidade do elogio. E é especialmente marcada na figura de Hierão a imagem de hospitaleiro, que bem se coaduna com seu espelhamento em Zeus e excelente exercício dos seus papéis, no *Epinício 5* e, podemos recordar, na *Olímpica 1* de Píndaro – como poderia ser o caso também aqui, na ode em tela.

Penso ser possível concluir que, no *Epinício 3*, Baquílides confere a Zeus e à sua esfera de atuação os acontecimentos e ações principais na narrativa mítica, ainda que não lhe conceda epítetos. Quando o faz, porém, resta-nos a dúvida, devido à precariedade de alguns versos. Não obstante, qualquer um dos epítetos sugeridos para suplementação parece levar-nos ao vínculo entre Zeus e o *laudandus* da canção, o qual é enfatizado no *Epinício 5*, como veremos. Outrossim, o elo entre ambos também pode ser justificado, se considerarmos que os vencedores dos Jogos eram homens excelentes, caros a uma divindade em particular. Podemos pensar ainda que, ao incluir Zeus no cenário dominado pelo filho de Leto, Baquílides demonstra estar consciente da necessidade de salientar a autoridade do Cronida, priorizando o contexto da vitória e as exigências da canção.

Penso ser válido mencionar que, de acordo com Fritz Graf, em *Apollo* (2008, p. 112), o filho de Leto, irmão de Ártemis, é o rebento mais velho de Zeus e seria seu sucessor, caso o pai fosse destronado. Isso explicaria a união de ambos, e o conhecimento que Apolo tem dos planos do pai. Reforça-se, com isso, que o protagonismo de Apolo na *Ode 3* não supera o de Zeus, mas seria uma extensão dos desígnios e das esferas de ação do Cronida.

[38] Confira Burkert (1993, p. 262) e Larson (2007, p. 24).

II. *Epinício 4*

A'		
ἔτι Συρακοσίαν φιλεῖ		Ainda ama a cidade de Siracusa
πόλιν ὁ χρυσοκόμας Ἀπόλλων,		Apolo, o de cabelos dourados,
ἀστύθεμίν θ᾽ Ἱέ[ρω]να γεραίρει·		e honra o justo governante de cidades, Hierão;
τρίτον γὰρ παρ᾽ [ὀμφα]λὸν ὑψιδείρου χθονός		Pois pela terceira vez, no umbigo da terra íngreme
Πυ[θ]ιόνικος ἀ[είδε]ται	5	como vencedor dos Jogos Píticos é celebrado
ὠ[κυ]πόδων ἀρ[ετᾶι] σὺν ἵππων.		pela excelência dos cavalos de ligeiros pés.
ἑ[.....] ἁδυεπὴς ἀ[να-		... (Cantou) o galo de doce voz
ξιφόρ]μιγγος Οὐρ[αν]ίας ἀλέκτωρ		de Urânia, senhora da lira,
.....]εν· ἀλλ᾽ ἑκ[όν]τι νόῳ,		mas com a mente propícia
.....ο]υς ἐπέσειṣεν ὕμνους.	10	... (novos) hinos arremessou.
B'		
ἔτι δὲ τέ]τρατον εἴ τις ορ-		E ainda uma quarta vez, se algum (deus)
.....(.)]εῖλκε Δίκας τάλαντ-		sustentasse (reta) a balança da Justiça,
Δεινομένεος κ᾽ ἐγερα[ίρ]ομεν υἱόν.		celebraríamos o filho de Deinomenes.
†παρεστίαν† ἀγχιάλοισι Κ[ί]ρρας μυχοῖς		Cabe cantar o único mortal que nos
μοῦνον ἐπιχθονίων τάδε	15	recantos de Cirra, cercada pelo mar, ao
μησάμενον στεφάνοις ἐρέπτειν		realizar tal proeza, beneficiou-se de coroas
δύο τ᾽ Ὀλυμπιονικ<ί>ας		e de duas vitórias Olímpicas.
ἀείδειν. τί φέρτερον ἢ θεοῖσιν		O que é melhor do que ser caro aos deuses
φίλον ἐόντα παντο[δ]απῶν		e de todos os tipos de bens
λαγχάνειν ἄπο μοῖρα[ν] ἐσθλῶν;		obter a parte que é cabível?

A *Ode 4* é constituída por apenas duas estrofes e não contém narrativa mítica, aspectos inusitados para o gênero da mélica epinícia. Foi composta para celebrar a vitória de Hierão na quadriga dos Jogos Píticos, por volta de 470 a.C.. Portanto, avaliando a cronologia, podemos dizer que a ode foi o segundo epinício que Baquílides dedicou ao tirano de Siracusa, precedido pelo *Epinício 5*. Esta mesma ocasião também é celebrada por Píndaro, em sua *Pítica 1*.

Um fato curioso, conforme apontado por Herwig Maehler em *Bacchylides: A Selection* (2004, pp. 100-101), é que, em sua longa *Pítica*, cuja *performance* fora destinada a acontecer na cidade de Etna, Píndaro (vv. 29-33) refere-se a Hierão como o senhor da cidade, o *Aitnaîos* (Αἰτναῖος, "Etineta"), uma vez que seu filho, Deinomenes, fora incubido do governo em nome do pai, ao passo que Baquílides ainda refere-se ao tirano como o soberano de Siracusa. Assim sendo, Maehler (*id.*, p. 101) apresenta o seguinte e possível cenário: a versão de Baquílides está de acordo com o que fora anunciado em Delfos, ou seja, que Hierão era *Surakósios* (Συρακόσιος, "Siracusano"), e a de Píndaro implica que Hierão seja visto, pelo menos em Etna, como seu líder. Deste modo, Maehler conclui, é plausível que Píndaro tenha sido comissionado para louvá-lo com uma canção mais longa e de viés político, enquanto Baquílides deve ter enviado sua

canção antes da ocasião, ou viajado até Delfos para compô-la logo após a vitória, com instruções diversas àquelas rebecidas por Píndaro e relacionadas à Etna.

O triunfo de 470 a.C. foi o terceiro de Hierão nos Jogos Píticos, sendo os dois anteriores em corridas de cavalos. A vitória na prova da quadriga de cavalos deveria ser sua quarta vitória, pelo que Baquílides afirma nos versos 11-13, "se algum (deus) sustentasse (reta) a balança da Justiça"; logo, esta suposta vitória anterior poderia ter sido em uma corrida de cavalos ou em uma quadriga, nos Jogos Píticos anteriores a este do *Epinício 4*. Em um destes Jogos, porém, foi seu irmão mais novo, Polizalo, o vitorioso na prova da quadriga e dedicou ao deus Apolo um grupo de estátuas de bronze[39], encontradas em Delfos em 1896 por escavadores franceses. Vide a figura:[40]

Figura 1: O auriga délfio. Museu Arqueológico de Delfos.

Apesar da estrutura incomum para a espécie dos epinícios, como comentado anteriormente, alguns versos da *Ode* são correspondentes:[41]

- *geraírei* ("honra", v. 3) e *egeraíromen* ("celebraríamos", v. 13);
- *aeídetai* ("é cantado", v. 5) e *parestían* ("cabe celebrar", v. 14);
- *aretâi* ("excelência", v. 6) e *stephánois* ("coroas", v. 16) e
- o verso inicial ("... ama a cidade de Siracusa Apolo..." – *phileî*) retoma o penúltimo verso ("... ser caro aos deuses..." – *phílon eónta*).

[39] Maehler (2004, p. 101).
[40] Imagem disponível em: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0809, no *website Portal Graecia Antiqua*. Consulta em 06/01/2022.
[41] Maehler (2004, p. 102).

A canção, não obstante, reafirma o tema do favor divino que o tirano recebe dos deuses (vv. 18-20), sobretudo de Apolo. Como vimos na *Ode 3*, de modo semelhante, as inúmeras oferendas dedicadas ao deus por Hierão conferem-lhe sua glória nas competições, o que é patente também nesta canção. Vejamos o epíteto:

– Apolo *Khrusokómas*

Apolo é, por conseguinte, imprescindível para o *Epinício 4*, mas é mencionado apenas uma vez (v. 2). O epíteto que lhe é atribuído, *khrusokómas* ("de cabelos dourados"), também acompanha Dioniso na *Teogonia* de Hesíodo (v. 947), Zéfiro em Alceu (Fr. 327 Voigt) – que o dá como pai de Eros, gerado com Íris –, e Eros em Anacreonte (Fr. 358 Page). Apolo é assim nomeado também em Píndaro, na *Olímpica 6* (v. 41) e na *Olímpica 7* (v. 32), bem como nos *Peãs 5* (v. 41) e *2* (v. 16).

Epítetos compostos em *khruso-* são bastante habituais para deuses na poesia grega antiga. Parecem simples adornos; entretanto, estima-se que o ouro é o metal mais precioso e serve como metáfora para expressar o que é melhor, ou mais puro, e, para Maehler (2004, p. 102), tal atributo "é um privilégio dos deuses e de seus cavalos". Como argumentado há pouco, epítetos relacionados a *khrusós* ecoam imagens de luxo, riqueza e poder, para além do brilho e da luminosidade, que expressam beleza. Todos esses significados podem ser apontados nos versos de Baquílides, especialmente em se tratando de Hierão, de seu cargo e de seu histórico familiar, dado que seu irmão mais velho, Gelão, também tinha Apolo em grande estima. Na quarta ode epinícia, o epíteto *khrusokómas* acentua todos esses traços no filho de Leto. Por conseguinte, o deus, esplendoroso e luminescente, expande sua singularidade à Siracusa de Hierão e ao próspero reinado do filho de Deinomenes.

O epíteto pode ainda lembrar a jovialidade do filho de Leto. Graf (2008, pp. 12, 84-85) observa que Apolo conduz meninos não apenas pelo território da música e da dança, mas ele também é o responsável pela transição dos rapazes da adolescência para a vida adulta, do mesmo modo que Ártemis, com as meninas. O que consuma a maturação dos moços é o corte dos cabelos, que são oferecidos aos rios e às ninfas. Apolo é retratado com seus longos cabelos e é considerado o mais belo dos efebos, o ideal de beleza masculina para os gregos. No âmbito do poema, porém, tal particularidade parece ser irrelevante, salvo se associarmos, como é possível, a juventude com a imagem do florescimento. Ao fazê-lo, conferimos o retrato da bonança e da prosperidade para a cidade de Siracusa, descrita como "portadora de excelentes frutos" no verso 1 do *Epinício*

3. Além disso, o tom do *Epinício 4* é mais ameno e transparece o clima de celebração após outra vitória do tirano. Se esse argumento não puder se sustentar, então ao menos constatamos, nesta ode, mais uma característica do jovem deus.[42]

III. *Epinício 5*

Avalia-se que a *Ode 5* seja a obra prima de Baquílides. Foi composta para celebrar a vitória do corcel de Hierão, Ferenico (*Pherénikos*, "o porta-vitórias"), nos Jogos Olímpicos de 476 a.C. Sua estrutura é triádica e o poema pode ser divido em: proêmio (vv. 1-36), 1ª parte (vv. 37-49), transição *gnṓmē* (vv. 50-55), 2ª parte (narrativa mítica) (vv. 56-175), 3ª parte (conclusão em *ring-composition*) (vv. 176-200). A correspondência entre os termos nos anéis não é exata, mas tanto o poema como um todo, quanto suas partes, são elaborados de modo que o fim da ode (vv. 187-200) retome seu início (vv. 1-36). Exemplo disso são as duas invocações que o poeta faz; a primeira, a Hierão (vv. 1-8) e, a segunda, à Musa Calíope (vv. 176-178), e as menções ao canto ou à canção (*húmnon*, vv. 9-10; *húmnēson*, v. 179).

Eis o texto grego e a tradução do epinício, para que o tenhamos por inteiro em mente:

A'		
Εὔμοιρε[Σ]υρακ[οσίω]ν		Bem-afortunado estratego dos
ἱπποδινήτων στρατα[γ]έ,		Siracusanos de rodopiantes cavalos,
γνώσηι μὲν [ἰ]οστεφάνῳν		conhecerás, certamente, o doce
Μοισᾶν γλυκ[ύ]δωρον ἄγαλμα, τῶν γε νῦν		dom das Musas de coroas violáceas, se agora
αἴ τις ἐπιχθονίων	5	és um dos que estão sobre a terra;
ὀρθῶς· φρένα δ' εὐθύδικ[ο]ν		Descansando serenamente a mente justa
ἀτρέμ' ἀμπαύσας μεριμνᾶν		das preocupações, vem!
δεῦρ' <ἄγ'> ἄθρησον νόωι·		Olha para cá com a tua razão;
ἦ σὺν Χαρίτεσσι βαθυζώνοις ὑφάνας		Após ter tecido com as Graças de fundas
ὕμνον ἀπὸ ζαθέας	10	cinturas um hino, o hóspede o envia
νάσου ξένος ὑμετέραν		de sua sagrada ilha
ἐς κλυτὰν πέμπει πόλιν,		para tua ilustre cidade,
χρυσάμπυκος Οὐρανίας		o renomado servo de Urânia de dourado
κλεινὸς θεράπων· ἐθέλει		diadema; deseja,
γᾶρυν ἐκ στηθέων χέων	15	do peito vertendo voz,
—		
αἰνεῖν Ἱέρωνα. βαθὺν		celebrar Hierão. Cortando
δ' αἰθέρα ξουθαῖσι τάμνων		alto o céu profundo
ὑψοῦ πτερύγεσσι ταχεί-		com rápidas asas ágeis,
αις αἰετὸς εὐρυάνακτος ἄγγελος		a águia, mensageira de Zeus altitrovejante,
Ζηνὸς ἐρισφαράγου	20	o de amplo reinado,
θαρσεῖ κρατερᾶι πίσυνος		é determinada, confiando em sua vigorosa
ἰσχύϊ, πτάσσοντι δ' ὄρνι-		força, e se encolhem, com medo,
χες λιγύφθογγοι φόβωι·		as aves canoras;

[42] Cf. ainda a *Teogonia* (vv. 346-348), de Hesíodo.

οὔ νιν κορυφαὶ μεγάλας ἴσχουσι γαίας,		Não restringem-na os cumes da grande terra,
οὐδ’ ἁλὸς ἀκαμάτας	25	nem o mar incansável,
δυσπαίπαλα κύματα· νω-		nem as ondas violentas; Mexem,
μᾶ δ’ ἐν ἀτρύτωι χάει		no infinito abismo,
λεπτότριχα σὺν ζεφύρου πνοι-		as finas penas da plumagem
αῖσιν ἔθειραν ἀρί-		com as rajadas de Zéfiro,
γνωτος μετ’ ἀνθρώποις ἰδεῖν·	30	conspícua aos homens.
—		
τὼς νῦν καὶ <ἐ>μοὶ μυρία πάνται κέλευθος		Agora para mim também há inúmeros caminhos
ὑμετέραν ἀρετὰν		por toda parte para vos celebrar,
ὑμνεῖν, κυανοπλοκάμου θ’ ἕκατι Νίκας		graças a Vitória de escuros cabelos
χαλκεοστέρνου τ’ Ἄρηος,		e a Ares de brônzeo peito,
Δεινομένευς ἀγέρωχοι	35	ó nobres filhos de Deinomenes.
παῖδες· εὖ ἔρδων δὲ μὴ κάμοι θεός.		Que o deus não canse de vos bem-fazer!
ξανθότριχα μὲν Φερένικον		Ferenico de dourada pelagem,
Ἀλφεὸν παρ’ εὐρυδίναν		potro tempestuoso,
πῶλον ἀελλοδρόμαν		junto ao Alfeu de amplos redemoinhos
εἶδε νικάσαντα χρυσόπαχυς Ἀώς,	40	viu vencer Eos de dourados braços,
B’		
Πυθῶνί τ’ ἐν ἀγαθέᾱι·		e na muito divina Pito.
γαῖ δ’ ἐπισκήπτων πιφαύσκω·		Pousando a mão na terra, eu declaro:
οὔπω νιν ὑπὸ προτέ[ρω]ν		Ainda não se sujou,
ἵππων ἐν ἀγῶνι κατέχρανεν κόνις		com a poeira dos primeiros cavalos na disputa
πρὸς τέλος ὀρνύμενον·	45	impulsionando-se para o fim.
ῥιπαῖ γὰρ ἴσος βορέα		Pois ele corre como Bóreas,
ὃν κυβερνήταν φυλάσσων		protegendo seu capitão,
ἵεται νεόκροτον		e ao conseguir a vitória, recebida com aplausos,
νίκαν Ἱέρωνι φιλοξείνῳ τιτύσκων.		envia-a a Hierão, amigo de hóspedes.
ὄλβιος ὥτινι θεὸς	50	Próspero é aquele que o deus
μοῖράν τε καλῶν ἔπορεν		concede destino de belezas,
σύν τ’ ἐπιζήλῳ τύχᾱι		e com invejável sorte
ἀφνεὸν βιοτὰν διάγειν·		atravessa abundante vida.
γά˛ρ τις˛ ἐπιχθονίων		Pois ninguém que vaga sobre a terra
π˛άντ˛α γ’ εὐδαίμων ἔφυ.	55	é afortunado em tudo.
—		
̣τ[ὸν γάρ π]οτ’ ἐρειψιπύλαν		Pois dizem que, um dia,
παῖδ’ ἀνίκ]ατον λέγουσιν		o derruba-portas, filho invencível de
δῦναί Διὸς] ἀργικεραύ-		de Zeus do trovão brilhante,
νου δώματα Φερσεφόνας τανισφύρου,		desceu à morada de Perséfone de finos tornozelos,
καρχαρόδοντα κύν’ ἄ-	60	para trazer à luz, fora do Hades
ξοντ’ ἐς φάος ἐξ Ἀΐδα,		o cão de dentes afiados,
υἱὸν ἀπλάτοι’ Ἐχίδνας·		filho da Equidna intratável.
ἔνθα δυστάνων βροτῶν		Lá, as infelizes almas dos mortais
ψυχὰς ἐδάη παρὰ Κωκυτοῦ ῥεέθροις,		conheceu, junto às correntes do Cócito,
οἷά τε φύλλ’ ἄνεμος	65	Como folhas que o vento
Ἴδας ἀνὰ μηλοβότους		balança sobre os reluzentes promontórios,
πρῶνας ἀργηστὰς δονεῖ.		pastos de ovelhas, de Ida.
ταῖσιν δὲ μετέπρεπεν εἴδω-		Dentre elas, distinguia-se o espectro
λον θρασυμέμνονος ἐγ-		do de ânimo arrojado,
χεσπάλου Πορθανίδα·	70	o brade-lanças, o Portanida.
—		
τὸν δ’ ὡς ἴδεν Ἀλκμή<ν>ιος θαυμαστὸς ἥρως		Quando o venerável herói Alcmênio o viu,
̣τ[ε]ύχεσι λαμπόμενον,		reluzente em armas,
νευρὰν ἐπέβασε λιγυκλαγγῆ κορώνας·		colocou no arco a corda de agudo som;
χαλκεόκρανον δ’ ἔπειτ’ ἔξ		depois, uma seta de bronze
εἵλετο ἰὸν ἀναπτύ-	75	pegou da aljava,
ξας φαρέτρας πῶμα· τῶι δ’ ἐναντία		abrindo sua tampa. Para ele
ψυχὰ προφάνη Μελεάγρου,		apareceu a alma contraposta de Meleagro
καί νιν εὖ εἰδὼς προσεῖπεν·		e bem sapiente se dirigiu a ele:

“υἱὲ Διὸς μεγάλου,		“Filho do grande Zeus,
στᾶθί τ’ ἐν χώραι, γελανώσας τε θυμὸν	80	fica no lugar e, alegrando o peito
Γ΄		
μὴ ταῦσιον προΐει		não envies em vão
τραχὺν ἐκ χειρῶν ὀϊστὸν		seta impiedosa das mãos
ψυχαῖσιν ἔπι φθιμένων·		contra as almas dos que pereceram;
οὔ τοι δέος.” ὣς φάτο· θάμβησεν δ’ ἄναξ		não há o que temer.” Assim disse, e o senhor
Ἀμφιτρυωνιάδας,	85	Anfitrionida se surpreendeu,
εἶπέν τε· “τίς ἀθανάτων		e disse: “Que imortal
ἢ βροτῶν τοιοῦτον ἔρνος		ou mortal este broto
θρέψεν ἐν ποίᾳι χθονί;		Nutriu e em que terra?
τίς δ’ ἔκτανεν; ἦ τάχα καλλίζωνος Ἥρα		Quem o matou? Talvez Hera de bela cintura
κεῖνον ἐφ’ ἁμετέραι	90	o enviará sobre
πέμψει κεφαλᾶι· τὰ δέ που		a minha cabeça; mas destas coisas
Παλλάδι ξανθᾶι μέλει.”		se ocupará a loira Palas.”
τὸν δὲ προσέφα Μελέαγρος		A ele se dirigiu Meleagro,
δακρυόεις· “χαλεπὸν		lacrimoso: “É difícil
θεῶν παρατρέψαι νόον	95	aos homens mortais sobre a terra
—		
ἄνδρεσσιν ἐπιχθονίοις.		desviar da mente dos deuses.
καὶ γὰρ ἂν πλάξιππος Οἰνεὺς		Pois do contrário Eneu, meu pai, chicoteador de cavalos,
παῦσεν καλυκοστεφάνου		cessaria a cólera da veneranda de coroas de botões
σεμνᾶς χόλον Ἀρτέμιδος λευκωλένου		de flor, Ártemis, a de alvos braços,
λισσόμενος πολέων	100	suplicando-lhe,
τ’ αἰγῶν θυσίαισι πατὴρ		com sacrifícios de bodes
καὶ βοῶν φοινικονώτων·		e de bois de rubras costas.
ἀλλ’ ἀνίκατον θεὰ		Mas a deusa tinha invencível
ἔσχεν χόλον· εὐρυβίαν δ’ ἔσσευε κούρα		cólera; e a moça impeliu
κάπρον ἀναιδομάχαν	105	um javali de ampla força, impiedoso,
ἐς καλλίχορον Καλυδῶ-		à Calidônia de belos campos,
ν’, ἔνθα πλημύρων σθένει		lá, com força de enxurrada
ὄρχους ἐπέκειρεν ὀδόντι,		dilacerou fileiras de vinhas com as presas,
σφάζε τε μῆλα, βροτῶν		assassinou ovelhas, e dos mortais
θ’ ὅστις εἰσάνταν μόλοι.	110	aquele que cruzasse seu caminho.
—		
τῶι δὲ στυγερὰν δῆριν Ἑλλάνων ἄριστοι		Os melhores dos helenos, nós, em luta odiosa,
στασάμεθ’ ἐνδυκέως		firmemente nos mantivemos
ἓξ ἄματα συνεχέως· ἐπεὶ δὲ δαίμων		por seis dias seguidos; e quando o nume
κάρτος Αἰτωλοῖς ὄρεξεν,		concedeu o poderio aos Etólios,
θάπτομεν οὓς κατέπεφνε<ν>	115	sepultamos os que o javali de agudos grunhidos
σῦς ἐριβρύχας ἐπαΐσσων βίᾳι,		matou, lançando-se contra eles com violência:
Ἀ[γκ]αῖον ἐμῶν τ’ Ἀγέλαον		Anceu e Angelau,
φ[έρτ]ατον κεδνῶν ἀδελφεῶν		o melhor de meus ilustres irmãos,
οὓς τέ]κεν ἐν μεγάροις		o que Altaia gerou ...
.....]ς Ἀλθαία περικλειτοῖσιν Οἰνέος.	120	nos grandes e muito afamados salões de Eneu.
Δ΄		
..... ὤ]λεσε μοῖρ’ ὀλοὰ		... destino mortal destruir...
.....]ς· οὐ γάρ πω δαΐφρων		... pois ainda não
παῦσεν] χόλον ἀγροτέρα		cessara sua cólera a impetuosa Ártemis,
Λατοῦς θυγάτηρ· περὶ δ’ αἴθωνος δορᾶς		a caçadora filha de Leto; e pela pele escarlate
μαρνάμεθ’ ἐνδυκέως	125	lutamos incessantemente
Κουρῆσι μενεπτολέμοις·		contra os Curetes firmes na batalha;
ἔνθ’ ἐγὼ πολλοῖς σὺν ἄλλοις		Lá, entre muitos outros,
Ἴφικλον κατέκτανον		matei Íficles
ἐσθλόν τ’ Ἀφάρητα, θοοὺς μάτρωας· οὐ γὰρ		e o nobre Áfares, ágeis tios maternos;
καρτερόθυμος Ἄρης	130	pois Ares de duro coração
κρίνει φίλον ἐν πολέμωι,		não distingue o amigo na guerra,
τυφλὰ δ’ ἐκ χειρῶν βέλη		e setas cegas das mãos

ψυχαῖς ἔπι δυσμενέων φοι-		saem contra as almas inimigas
τᾶι θάνατόν τε φέρει		e trazem a morte
τοῖσιν ἂν δαίμων θέληι.	135	para aqueles que o nume quiser.
—		
ταῦτ’ οὐκ ἐπιλεξαμένα		Mas isto não cogitou
Θεστίου κούρα δαΐφρων		a impetuosa filha de Téstio,
μάτηρ κακόποτμος ἐμοὶ		minha malfadada mãe,
βούλευσεν ὄλεθρον ἀτάρβακτος γυνά,		destemida mulher, e sentenciou minha ruína;
καῖέ τε δαιδαλέας	140	queimou, da bem forjada
ἐκ λάρνακος ὠκύμορον		arca tirando-o,
φιτρὸν ἐξαύσασα· τὸν δὴ		meu tição de breve fim. Sobre ele
μοῖρ’ ἐπέκλωσεν τότε		o destino determinou
ζωᾶς ὅρον ἁμετέρας ἔμμεν. τύχον μὲν		o limite da minha vida.
Δαϊπύλου Κλύμενον	145	Foi quando Clímeno, o forte filho de Dáipilo,
παῖδ’ ἄλκιμον ἐξεναρί-		de impecável corpo,
ζων ἀμώμητον δέμας,		eu estava matando,
πύργων προπάροιθε κιχήσας·		tendo-o alcançado diante das muralhas -
τοὶ δὲ πρὸς εὐκτιμέναν		os curetes fugiam para a antiga
φεῦγον ἀρχαίαν πόλιν	150	e bem-construída cidade
—		
Πλευρῶνα· μίνῡθεν δέ μοι ψυχὰ γλυκεῖα·		de Pleurão - em mim, a doce alma minguou.
γνῶν δ’ ὀλιγοσθενέων,		Percebi então que minha força se extinguia.
αἰαῖ· πύματον δὲ πνέων δάκρυσα τλᾰ[μων,		Ai, ai! Soltando o último suspiro, chorando, infeliz,
ἀγλαὰν ἥβαν προλείπων.”		deixando para trás a reluzente juventude.”
φασὶν ἀδεισιβόαν	155	Dizem que somente então
Ἀμφιτρύωνος παῖδα μοῦνον δὴ τότε		o filho de Anfitrião, que não teme o grito de
guerra,τέγξαι βλέφαρον, ταλαπενθέος		molhou os olhos, compadecendo-se
πότμον οἰκτίροντα φωτός·		do destino homem muito sofredor;
καί νιν ἀμειβόμενος		e respondendo-lhe,
τᾶδ’ ἔφα· “θνατοῖσι μὴ φῦναι φέριστον	160	isto disse: “Aos mortais, é melhor não existir,
E΄		
μηδ’ ἀελίου προσιδεῖν		nem ver a luz do sol;
φέγγος· ἀλλ’ οὐ γάρ τίς ἐστιν		mas, uma vez que não há
πρᾶξις τάδε μυρομένοις·		razão para lamentar estas coisas,
χρὴ κεῖνο λέγειν ὅ τι καὶ μέλλει τελεῖν.		é preciso falar sobre o que é possível realizar.
ἦρά τις ἐν μεγάροις	165	Há, nos grandes salões
Οἰνῆος ἀρηϊφίλου		de Eneu, caro a Ares,
ἔστιν ἀδμήτα θυγάτρων,		uma filha indomada,
σοὶ φυὰν ἀλιγκία;		semelhante a ti em estatura?
τάν κεν λιπαρὰν <ἐ>θέλων θείμαν ἄκοιτιν.”		Desejando, faria dela reluzente esposa.”
τὸν δὲ μενεπτολέμου	170	A alma de Meleagro,
ψυχὰ προσέφα Μελεά-		firme na batalha, disse:
γρου· “λίπον χλωραύχενα		“Deixei a de viçoso pescoço,
ἐν δώμασι Δαϊάνειραν,		Dejanira, em casa,
νῆϊν ἔτι χρῦσέας		ainda ignorante da dourada
Κύπριδος θελξιμβρότου.”	175	Cípris, que enfeitiça mortais.”
—		
λευκώλενε Καλλιόπα,		Ó Calíope de alvos braços,
στᾶσον εὐποίητον ἅρμα		detém sua carruagem bem construída;
αὐτοῦ· Δία τε Κρονίδαν		e Zeus Cronida
ὕμνησον Ὀλύμπιον ἀρχαγὸν θεῶν,		celebre, Olímpio líder dos deuses,
τόν τ’ ἀκαμαντορόαν	180	e o Alfeu de fluxo incansável,
Ἀλφεόν, Πέλοπός τε βίαν,		e a força de Pélops,
καὶ Πίσαν, ἔνθ’ ὁ κλεεννὸς		e Pisa, onde o ilustre
πο]σσὶ νικάσας δρόμωι		Ferenico, tendo vencido a corrida com as patas,
ἦλθ]εν Φερένικος <ἐς> εὐπύργους Συρακόσ-		chegou, à Siracusa de boas muralhas,
σας Ἱέρωνι φέρων	185	trazendo a Hierão
εὐδ]αιμονίας πέταλον.		prósperas guirlandas.
χρὴ] δ’ ἀλαθείας χάριν		É preciso, pela graça da verdade,

αἰνεῖν, φθόνον ἀμφ[οτέραισιν		elogiar, afastando a inveja
χερσὶν ἀπωσάμενον,		com ambas as mãos,
εἴ τις εὖ πράσσοι βροτῶ[ν.	190	se um dos mortais é bem-sucedido.
—		
Βοιωτὸς ἀνὴρ τᾶδε φών[ησεν, γλυκειᾶν		O homem da Beócia estas coisas proferiu,
Ἡσίοδος πρόπολος		Hesíodo, servo das doces Musas,
Μουσᾶν, ὃν <ἂν> ἀθάνατοι τι[μῶσι, τούτωι		ele que os imortais honram,
καὶ βροτῶν φήμαν ἕπ[εσθαι.		também o acompanha a fama dos mortais.
πείθομαι εὐμαρέως	195	Sou persuadido facilmente
εὐκλέα κελεύθου γλῶσσαν οὐ[– – ∪ –		a enviar para Hierão o elogio
πέμπειν Ἱέρωνι· τόθεν γὰ[ρ		de seus nobres feitos [e de seu caminho não...
πυθμένες θάλλουσιν ἐσθλ[ῶν,		pois daí florescem os ramos da nobreza.
τοὺς ὁ μεγιστοπάτωρ		Que Zeus, o maior pai,
Ζεὺς ἀκινήτους ἐν εἰρήν[αι φυλάσσοι.	200	os mantenha em paz, imperturbáveis.

A parte central do poema é composta por quiasmos, seguindo o padrão AB:B'A', segundo Cairns (2010, p. 77), e os ecos que os ilustram, são:

- *Strata[g]é* ("estratego", v. 2), *euthúdik[o]n* ("de mente justa", v. 6), *pémpei* ("envia", v. 12), *Ouranías ... therápōn* ("servo de Urânia", vv. 13-14), *kéleuthos* ("caminho", v. 31" retomados por *eirḗn[ai* ("paz", v. 200), *keleúthou ... ou[k ektòs díkas* ("e de seu caminho não...", v. 196), *pémpein* ("enviar", v. 197), *glukeiân ... própolos Mousân* ("servo das doces Musas", vv. 191-193) e *keleúthou* (v. 196).

Outros ecos são:

- O epíteto *Eúmoire* conferido a Hierão ("bem-afortunado", v. 1) retomado pelo termo *moîrán* ("destino", v. 51);
- *haí tis epikhthoníōn* ("dos que estão sobre a terra", v. 5) espelhado por *ou gár tis epikhthoníōn* ("nenhum que vaga sobre terra", vv. 53-54);
- *xénos* (v. 11), posição na qual o poeta se coloca em relação a Hierão, relaciona-se à hospitalidade do tirano em *philoxeínōi* ("amigo de hóspedes", v. 49).

A relação principal entre as seções inicial e final da ode, contudo, é estabelecida pela referência ao poeta Hesíodo no proêmio (vv. 3-8) e, explicitamente, na conclusão (vv. 191-194). Além disso, a última parte do poema também apresenta os quiasmos: Zeus (v. 178), Ferenico traz a vitória para Hierão (vv. 184-186), *gnṓmē* 1 (vv. 187-190), *gnṓmē* 2 (vv. 191-194), o poeta envia "palavras de boa fama" (vv. 195-197), e Zeus (v. 200). Há, ainda, dois elogios em comemoração à vitória e ambos se enlaçam pelas menções a Ferenico (vv. 37 e 184), ao rio Alfeu (vv. 38 e 180-181) e à glória de Hierão (vv. 49 e185-186). Os elogios também são seguidos de uma *gnṓmē* (vv. 50-55 e 186-194).

Quando adentramos o conteúdo do epinício, logo fica evidente que, embora nomeado apenas no verso 16, Hierão é endereçado, no primeiro par de versos, como "bem-afortunado [*Eúmoire*] estratego dos siracusanos de rodopiantes cavalos". *Eúmoire*, como aponta Cairns (2010, p. 216), é um epíteto encomiástico e possui relevância temática. A partir dele, o poeta anuncia a boa fortuna de seu patrono, e insinua o tema do favor divino, do qual goza o tirano, e o qual será referido mais adiante no poema, nos versos 50-55, por meio da reflexão gnômica. Cairns (*id.*, *ibid.*) nota, também, o inusitado início da canção, que apresenta uma espécie de estrutura hínica para invocar um homem, não uma divindade. Nos versos que seguem (3-16), outras qualidades de Hierão são aclamadas, como o conhecimento e gosto pela poesia, "dom das Musas" (*Moisân ágalma*, v. 4), a qual liberta seus ouvintes de suas inquietações. Os termos da ode poderiam sugerir que as inquietações de Hierão referem-se às incumbências de seu governo, segundo Cairns (*id.*, p. 217). Este pertinente comentário pode ser contrastado com as distintas preocupações que afligem o tirano na *Ode 3*, por exemplo.

Hierão, portanto, repousa a mente justa, ou o justo julgamento, serenamente, e a escolha dos termos *phréna d'euthýdik[o]n* (v. 6) assinala a qualidade de um governante moralmente justo, sábio em suas ações, como observa Mary R. Lefkowitz em "Bacchylides' *Ode 5*" (1969, p. 52). Cairns (*id.*, *ibid.*) relembra que o senso de justiça é atributo de reis ideais. A cidade siciliana, de modo semelhante, reflete a imagem de seu tirano por meio do epíteto *klutàn* ("ilustre", v. 12), ainda no proêmio, com sua ênfase na característica do vencedor como soberano de seu povo.

O epíteto dado aos cavalos de Hierão (*huppodinḗtōn*, v. 2), por sua vez, refere-se, em primeiro momento, ao universo da prova de corrida de corcéis em si, ressaltando, através do movimento dinâmico dos animais, o talento dos cidadãos de Siracusa para tal competição, tendo como exemplo maior seu líder. Na prece final (vv. 176-200), note-se, as conquistas que levaram o cavalo à vitória são enfatizadas. Porém, mais adiante no proêmio (vv. 33-34), a menção à deusa *Níkē*, "Vitória", e a Ares ecoa a arena bélica e o estratego do primeiro verso, a fim de insinuar as vitórias do governante também em âmbito militar. Assim, Hierão é exaltado nas três esferas de atuação masculina muito estimadas pelos gregos: a militar, a política e a atlética.

Os versos 16-30 compõem o que denominamos "símile da águia", passagem significativa do poema. Nele, Baquílides representa a águia mensageira de Zeus, escolhida para hinear o bem-sucedido tirano. O símile configura a maestria do poeta de Ceos, enquanto os demais seriam aves canoras (*órnikhes ligýphthongoi*, v. 22-23) que se

curvam diante do pássaro do deus, com medo (vv. 21-23). Não obstante, a rainha de todas as aves também espelha Ferenico em seu êxito na corrida olímpica. Essa equivalência dá-se, por exemplo, através dos termos *leptótrikha* ("de fina plumagem", v. 28) para a águia, e *xanthótrikha* ("de dourada pelagem", v. 37) para o cavalo. E mais: a águia corta os céus como o vento do oeste, Zéfiro, enquanto Ferenico corre tempestuosamente como Bóreas, o vento norte (vv. 28-29 e 46, respectivamente);[43] e a superioridade do pássaro (vv. 20-22) sobre as demais aves equivale ao triunfo do corcel sobre os demais que correm na mesma prova, mas são deixados na poeira que ao cavalo de Hierão sequer toca (vv. 43-45). Finalmente, a resolução e a bravura da majestosa ave são ilimitadas, como as do poeta e as do corcel: nem os cumes da grande terra, nem as ondas, nem o mar podem detê-la (vv. 24-26). Ela vai do ponto mais alto, ao mais baixo: dos cimos da terra até o infinito abismo. E a ave de Zeus, o magnânimo rei dos deuses, é rainha dos céus, tal qual o Porta-vitórias de Hierão, rei dos homens, o é nos Jogos.

Outra passagem indispensável ao estudo da ode é a *gnōmē* (vv. 50-55) de transição do proêmio e da 1ª parte à 2ª. A máxima é "nenhum mortal é afortunado em tudo"; para ilustrá-la, a escolha do mito é fundamental. Baquílides opta por relatar o encontro de Héracles e Meleagro no Hades, enquanto o filho de Zeus realizava o último de seus doze trabalhos: a captura de Cérbero, o monstruoso cão do Hades.[44] No relato, o herói calidônio conta a Héracles os acontecimentos que o levaram à morte ainda jovem[45]. Ao término, o herói ainda vivo, compadecido, deseja honrá-lo, casando-se com sua irmã, Dejanira. A narrativa é então suspensa, com o prenúncio da ruína do filho de Alcmena – como é notavelmente identificado.[46]

---

[43] Cairns (*id.*, p. 80).

[44] De acordo com Apolodoro, gramático e filósofo do séc. II a.C., em seu guia mitológico, *Biblioteca* (2.4.8 a 2.5.12), Héracles era filho de Zeus com a mortal Alcmena, casada, por sua vez, com Anfitrião. Alcmena gerou, ao mesmo tempo, Héracles, de Zeus, e Íficles, de Anfitrião, que ambos criou. Ao atingir a vida adulta, o herói casou-se, pela primeira vez, com Mégara, filha de Creonte, e com ela teve três filhos. Em um acesso de loucura provocado por Hera, que o detestava, Héracles assassinou a esposa e os filhos. Como punição, ele se exilou e, para se redimir, consultou a Pitonisa, quem o aconselhou a refugiar-se em Tirinto e servir seu rei, Euristeu, por doze anos. Ao longo destes, o herói deveria cumprir também doze trabalhos impostos a ele, os quais lhe trariam a imortalidade. Os grandes trabalhos de Héracles são, em ordem: o Leão de Nemeia, a Hidra de Lerna, a Corça de Cerineia, o Javali de Eurimanto, as Cavalariça do Rei Áugias, os Pássaros do Lago Estínfalo, o Touro de Creta, as Éguas de Diomedes, o Cinto de Hipólita, o Gado de Gerião, as Maçãs de Ouro das Hespérides e a Captura de Cérbero. Ainda veremos Héracles nos *Epinícios 9* e *13*, com o primeiro de seus trabalhos.

[45] Cabe insistir que a versão do mito de Meleagro em Baquílides é ligeiramente diferente da apresentada por Homero na *Ilíada* (9, 529-599), por exemplo. Em Baquílides, Meleagro é morto pela mãe, ao queimar o tição mágico que determina a duração da vida do filho.

[46] Sabe-se que Héracles é morto pela esposa através de uma poção mágica. Sófocles (século V a.C.) conta este episódio na tragédia *As Traquínias.*

Essa narrativa tradicional, como outras usadas similarmente, visa, mais do que exemplificar a *gnṓmē*, traçar paradigmas míticos e compará-los ao vencedor elogiado nas canções. No caso da *Ode 5*, Hierão é espelhado em Héracles e em Meleagro, heróis de força e reputação impecáveis, no que diz respeito ao reconhecimento da mortalidade; ou seja, a despeito do sucesso que as três figuras obtiveram em vida, cabe lembrar ao *laudandus* a instabilidade da fortuna dos homens e de sua própria condição enquanto mortais. O aparente pessimismo tanto da *gnṓmē*, quanto do mito,[47] pretende gerar *páthos* na audiência, que deve se identificar com a narrativa mítica, convidando-a à reflexão e alertando-a contra o ciúme e a inveja de que trata o poeta, valendo-se do termo conceitual *phthónos* na 3ª parte (vv. 187-190). A advertência da reflexão é: não há razão para invejar o vitorioso em suas proezas, pois somos todos mortais e devemos sempre lembrarmo-nos de nossa condição. A fortuna é instável: ora estamos no topo, ora encontramos nosso destino (*moîra*).

Cairns (2010, p. 91) argumenta que tamanha instabilidade, unida ao precário favor divino, que não é perene, às expressões negativas e às seções gnômicas, servem para magnificar a vitória, em contraste com a pequenez humana. No entanto, o encômio ao vencedor deve prevalecer; logo, cabe mostrar de quais outras formas Hierão recebe seu elogio no *Epinício 5*. Tendo em mente que o legítimo campeão olímpico em questão é Ferenico, examino a força avassaladora com a qual alguns elementos da natureza são descritos, possivelmente para enfatizar o aspecto de primazia do corcel e de seu dono. Seriam exemplos: *halòs akamátas* ("mar incansável", v. 25), *duspaípala kýmata* ("ondas violentas", v. 26), *Alpheòn eurudínan* ("Alfeu de amplos redemoinhos", v. 38) e *akamantoróan Alpheón* ("Alfeu de fluxo incansáveis", vv. 180-181).

Outras imagens como essas residem na narrativa mítica, a qual escapa ao momento de elogio do tirano, mas mostra-se pertinente a este estudo. Nela, vê-se a imponência do maior dos heróis, Héracles, assinalada nos epítetos *ereipsipúlan* ("o derruba-portas", v. 56) e *[aník]aton* ("invencível", v. 57), e Meleagro é *thrasumémnonos* ("de ânimo audacioso", v. 69), *enkhespálou* ("brade-lanças", vv. 69-70) e *meneptolémou* ("firme na batalha", v. 170). O javali da Calidônia, enviado por Ártemis, tem ampla força e é impiedoso, implacável (*eurubían*, v. 104; *anaidomákhan*, v. 105), comparável, ao destruir vinhas e lacerar rebanho, à enxurrada (*plēmúrōn sthénei*, v. 107). E ainda no mito:

[47] Para discussão acerca da negatividade exprimida pelo mito e pela *gnṓmē*, vide Stern (1967, pp. 35-43) e Svarlien (1995, pp. 35-45).

os curetes que guerreiam contra os calidônios são, como eles, firmes na batalha (*meneptolémois*, v. 126).

Feito o elogio ao siracusano, passo agora a Zeus e à sua autoridade na ode. Resgato do que está já dito, não obstante, que o tirano de Siracusa é aproximado ao maior deus do panteão, no símile da águia, como já visto.

O *Epinício 5* confere a Zeus epítetos bastante específicos. São eles: *euruánaktos* ("de amplo reinado", v. 19), *erispharágou* ("altitrovejante", v. 20),[48] *argikeraúnou* ("do trovão brilhante", v. 58)[49], *megálou* ("grande", v. 79), *Kronídan* ("Cronida", v. 178), *Olýmpion arkhagòn* ("líder Olímpio", v. 179) e *megistopátōr* ("o maior pai", vv. 199-200). No que tange à elaboração desses epítetos, traço algumas observações.

i. Zeus *Euruánax*

Euruánax, ao lado dos epítetos *eurudínas* e *eurubías*, mostra, como é reconhecido por Jebb (1905, p. 69), o gosto do poeta por epítetos compostos a partir de *euru-*, também comum em nomes próprios, manifestando a ideia de amplitude. Os amplos redemoinhos de *eurudínas* (v. 38) denotam a força e o poder o rio, assim como *euruánax* explicita a dimensão dos domínios e dos poderes de Zeus já antes expressos pelo símile da águia (vv. 16-31), onde o epíteto está posicionado. Tal aspecto se rebate em Hierão e em suas esferas de atuação e em sua popularidade dentre os tiranos. Zeus é o deus de todos os gregos (*panéllēnes*); *euruánax* certifica seu amplo reinado entre deuses e homens, universalizando a supremacia do deus.

ii. Zeus *Erispháragos* e *Argikéraunos*

Erispharágou, por outro lado, está relacionado ao som emitido pelo trovão. Ken Dowden, em *Zeus* (2006, pp. 53-54), recorda que o deus não só possui o domínio dos céus; ele *é* o trovão, *é* a nuvem, *é* o raio. Desse modo, o epíteto configura a manifestação sonora, mas não menos potente, da divindade. É curioso notar que o termo também está dentro no símile da águia, esta que será distinguida das outras pelo seu canto. Dentre todas

[48]Valho-me da tradução de Ragusa (2013, p. 220), pois me parece a mais adequada para expressar o bramido do deus em seu próprio território, atrelado aos raios e aos trovões.
[49] Epíteto convencional em Homero (*Ilíada*, 19.121, 20.16, 22.178). Também é usado por Píndaro na *Olímpica 8* (v. 3).

as suas qualidades, percebe-se, ainda, que o ruído emitido por Zeus supera todos os demais, da mesma maneira que o canto do poeta ultrapassa o de seus adversários.[50]

Argikeraúnou evoca a imagem do raio. Por si próprio, o termo *keraunós* (κεραυνός) expressa o aspecto visual do fenômeno, mas Baquílides o enfatiza ao adicionar o prefixo *argi-*, de *árgios* (ἄργιος, "claro", "brilhante" ou "branco"). Assim, é realçada a cor, ou melhor, o brilho que o define. Esse epíteto, combinado aos anteriores, transparece a dimensão sensorial da linguagem do poeta, e sugere que também Zeus faz-se presente de formas distintas. O epíteto caracteriza igualmente Héracles, filho do deus *Argikéraunos*, quando o poeta começa a narrativa de sua descida ao Hades. Sabe-se que o Hades é caracterizado pela ausência de luz do sol[51], então o contraste em luz e escuridão é evidente. É como se o herói estendesse a luminosidade dos raios do pai para o submundo, contrapondo o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

iii. Zeus *Kronídas* e *Olúmpios arkhēgós*

Kronídas, por sua vez, relembra as origens de Zeus – desde seu grandioso pai, Crono, o maior dos titãs, até sua vitória sobre ele,[52] que o conduz à posição que ele ocupa no verso seguinte, *Olúmpios arkhēgós,* o líder do Olimpo. Ademais, Zeus é fundador e patrono da cidade de Olímpia, onde agora o patrono e o *laudandus* da canção celebra outro triunfo. Juntos, estes epítetos rememoram os feitos astuciosos de Zeus para sobrepujar seu pai, seus irmãos e os demais deuses e criaturas do panteão mítico. O sucesso do deus pode ser paradigma para a vitória de Ferenico e de Hierão, não no que tange à contenda ou à violência do ato de Zeus em si, mas na sagacidade e na exteriorização da força daquele que é melhor, visto que ambos os nomes são inseridos no pedido feito pelo poeta para Calíope celebrar a vitória do corcel.

iv. Zeus *Mégas* e *Megistopátōr*

Quanto a *mégas* e *megistopátōr*, são epítetos que não conferem qualidades ou esferas de ação específicas da divindade, ao contrário de seus outros epítetos na ode, que transparecem características particulares do deus. *Megistopátōr*, não obstante, é um composto próprio de Baquílides, que combina dois epítetos genéricos empregados

[50] Cook (1925, p. 829) afirma que o som do trovão proferido por Zeus é, no máximo, o prenúncio de um discurso ameaçador. Contudo, mesmo que os gregos do período clássico não considerassem o trovão como a voz articulada de Zeus, eles o entendiam como uma extensão do corpo divino.
[51] Cook (1914) demonstra como Zeus é, ainda, o deus do céu claro, límpido.
[52] Cf. a *Teogonia* de Hesíodo (vv. 453-506).

também para outras deidades: *mégas*/*mégistos* e *patḗr* (πατήρ, “pai”). Chantraine (1999, p. 674), fornece exemplos de como o adjetivo *mégas* é usado como prefixo para formar outros tantos outros adjetivos e epítetos compostos. Os nomes são autoexplicativos e exprimem importância, de modo a frisar determinada característica ou elemento que possam acompanhar.

De acordo com Burkert (1993, pp. 259-260), Zeus é o progenitor de deuses, de heróis, de mortais, o que confirma sua inesgotável virilidade. Deuses que não são seus filhos dirigem-se a ele como “pai” e mortais o conjuram em preces da mesma maneira. Além disso, uma outra leitura poderia aproximar Hierão de Héracles, que é o filho direto de Zeus. Não menos importante, *megistopátōr*, bem como *euruánax*, são criações de Baquílides. E não menos interessante, Jennifer Larson, em *Ancient Greek Cults* (2007, pp. 20-1), aponta que Zeus possui íntima relação com o lar e com a família, sendo o arquétipo do patriarca. Essa associação deve-se, claramente, à sua posição no Olimpo. Ele recebia cultos domésticos e era considerado protetor da linhagem masculina, sendo, assim, muito caro aos genitores para perpetuação de sua linhagem de modo geral. Os epítetos relacionados a estes cultos de Zeus são *Patrṓios* (Πατρῴος, “paterno”), *Phrátrios* (Φράτριος, “dos clãs”), *Herkeîos* (Ἑρκεῖος, “do pátio da frente”) e até mesmo *Ktḗsios* (Κτήσιος, “doméstico, das posses”).

– Conclusão

No *Epinício 5*, portanto, o encômio a Zeus é irrefutável. Seus epítetos e sua presença na ode realçam o louvor ao vitorioso, mas preservam a reverência e a gratidão com as quais é tratado pelo poeta e pelo *laudandus*. A parte final da canção, após a narrativa mítica, tem início e fim com um apelo ao deus, em prece ao grande pai, para a manutenção da paz e das dádivas de Hierão.

Após o estudo dos epinícios dedicados ao tirano de Siracusa, contatamos o vasto uso de epítetos adjetivos e compostos, em sua maioria, e o encômio ao vitorioso e às divindades igualmente. Constata-se, ainda, que tais títulos reafirmam alguns dos traços mais singulares das divindades, muitas vezes pertencentes ao imaginário mítico da tradição e, por conseguinte, bastante populares. Mesmo quando os termos são frutos da engenhosidade do poeta, presentes apenas em suas composições, eles são coerentes para contexto da canção e inteligíveis para além da tradição com a qual o poeta dialoga. Isso pode ser reflexo das exigências do gênero mélico na era tardo-arcaica que estamos trabalhando: os epinícios alcançavam diversas regiões e comunidades e, para cumprirem

seu propósito, tinham de ser compreendidos por todas as audiências, de modo que elas se identificassem com as referências fornecidas por cada composição. Além disso, nomes exclusivos, como *euruánax*, indicam que o poeta manipula a linguagem para que esta satisfaça os objetivos de seu mestre; assim, novos adjetivos são criados para salientar o caráter não apenas dos deuses, mas também de outros personagens, a ressoar ao longo da ode.

SEGUNDO ESTUDO:

EPINÍCIO 9: A AUTOMEDES DE FLIUNTE

A'

Δόξαν, ὦ χρυσαλάκατοι Χάρι[τ]ες,		Que a Reputação, ó Graças de rocas douradas,
πεισίμβροτον δοίητ᾽, ἐπεί		a que persuade mortais, me concedais, já que
Μουσᾶν γε ἰοβλεφάρων θεῖος προφ[άτ]ας		o divino intérprete das Musas de olhos violáceos
εὔτυκος Φλειοῦντά τε καὶ Νεμεαίου		está pronto para Fliunte e o solo
Ζηνὸς εὐθαλὲς πέδον	5	florescente de Zeus Nemeu
ὑμνεῖν, ὅθι μηλοδαΐκταν		cantar, onde a de alvos braços, Hera,
θρέψεν ἁ λευκώλε[νο]ς		nutriu a fera devoradora de rebanhos,
Ἥρα περι[κλει]τῶν ἀέθλων		o primeiro dos muitos famosos trabalhos
πρῶτον [Ἡ]ρ[α]κλεῖ βαρύφθογγον λέοντα.		de Héracles, o leão de alto rugido.

—

κεῖ[θι φοι]νικάσπιδες ἡμίθεοι	10	Lá, os heróis de rubros escudos,
πρ[ώτιστ]ον Ἀργείων κριτοί		os escolhidos dentre os Argivos, os primeiros
ἄθλησαν <ἐ>π᾽ Ἀρχεμόρωι, τὸν ξανθοδερκής		jogos em honra a Arquemoro estabeleceram,
πέφν᾽ ἀωτεύοντα δράκων ὑπέροπλος,		o qual, enquanto dormia, a poderosa serpente de
σᾶμα μέλλοντος φόνου.		olhos ígneos matou, presságio do massacre iminente.
ὦ μοῖρα πολυκρατές· οὔ νιν	15	Ó destino, todo-poderoso! Não os
πεῖθ᾽ Ὀϊκλείδας πάλιν		persuadiu o filho de Oicles a, mais uma vez,
στείχειν ἐς εὐάνδρους ἀγ[υιάς.		marcharem para as estradas de nobres homens.
ἐλπὶς ἀνθρώπων ὑφαιρ[εῖται νόημ]α·		A esperança afasta o juízo dos homens!

—

ἃ καὶ τότ᾽ Ἄδραστον Ταλ[αϊονίδαν		Foi ela que enviou Adrasto, filho de Tálaon,
πέμπεν ἐς Θήβας Πολυνεικέι πλα.ι[¯ ¯ ˘ ¯	20	a Tebas com Polideuces, [o piloto de cavalos].
κείνων ἀπ᾽ εὐδόξων ἀγώνων		Destes renomados jogos
ἐν Νεμέᾳι κλεινο[ὶ β]ροτῶν		em Nemeia, ilustres são aqueles dentre os mortais
οἳ τριετεῖ στεφάνωι		que com a coroa trienal
ξανθὰν ἐρέψωνται κόμαν·		cobrem os loiros cabelos.
Αὐτομήδει νῦν γε νικά-	25	A Automedes agora
σαντί νιν δαίμων ἔ[δ]ωκεν,		pela vitória que o nume o concedeu,

—

B'

πενταέθλοισιν γὰρ ἐνέπρεπεν ὡς		Pois distinguiu-se dentre os pentatletas
ἄστρων διακρίνει φάη		como dos astros ofusca a luz,
νυκτὸς διχομηνίδος εὐφεγγὴς σελάνα·		na noite em que divide o mês, a lua de nobre brilho.
τοῖος Ἑλλάνων δι᾽ ἀπ[είρ]ονα κύκλον	30	Ele, assim, em infinito círculo de Helenos
φαῖνε θαυμ[α]στὸν δέμας,		exibiu o magnífico corpo
δίσκον τροχοειδέα ῥίπτων,		quando arremessou o disco circular, e
καὶ μελαμφύλλου κλάδον		quando lançou o galho de negras folhas
ἀκτέας ἐς αἰπεινὰν προπέμπων		do salgueiro para o alto
αἰθέρ᾽ ἐκ χειρὸς βοὰν ὤτρυνε λαῶν·	35	céu de sua mão, incitou o grito da multidão,

—

ἦ τε[λε]υτάσας ἀμάρυγμα πάλας		ou concluiu a brilhante luta.
τοίω[ι θ᾽ ὑπερθύ]μωι σ[θένε]ι		Com tamanha força audaz
γυια[λκέα σώ]ματα [πρὸς γ]αίᾳι πελάσσα[ς		aproximou o corpo de fortes membros do chão
ἵκετ᾽ [Ἀσωπὸ]ν πάρα πορφυροδίναν·		e chegou ao lado do Asopo de escuros redemoinhos;
τοῦ κ[λέος π]ᾶσαν χθόνα	40	Sua glória a toda a terra
ἦλθε[ν καὶ] ἐπ᾽ ἔσχατα Νείλου,		chegou, até ao distante Nilo,
ταί τ᾽ ἐπ᾽ εὐναεῖ πόρωι		e até as que habitam no estreito de belas correntes
οἰκεῦσι Θερμώδον[τος, ἐ]γχέων		do Termodonte, as filhas
ἵστορες κοῦραι διωξίπποι᾽ Ἄρηος,		de Ares domador de cavalos, hábeis com a lança.

—

σῶν, ὦ πολυζήλωτε άναξ ποταμῶν, 45	Ó muito admirável senhor dos dois rios,
ἐγγόνων γεύσαντο, καὶ ὑψιπύλου Τροίας ἕδος.	dos seus descendentes provaram o valor, também [Troia de altos muros.
στείχει δι᾽ εὐρείας κελε[ύ]θου	Vai por inúmeros caminhos largos
μυρία παντᾶι φάτις	e por toda a parte a fama
σᾶς γενεᾶς λιπαρο-	de sua linhagem de filhas
ζώνων θυγατρῶν, ἃς θε[ο]ί 50	de cinturas brilhantes, as que os deuses
σὺν τύχαις ὤκισσαν ἀρχα-	junto com a boa-fortuna estabeleceram
γοὺς ἀπορθήτων ἀγυιᾶν.	como fundadoras de ruas indestrutíveis.
—	
Υ᾽	
τίς γὰρ οὐκ οἶδεν κυανοπλοκάμου	Pois quem não conhece de Tebas
Θήβας ἐΰδμα[τον πόλι]ν,	de escuros cabelos, a cidade bem construída,
ἢ τὰν μεγαλώνυ]μον Αἴγιναν, μεγ[ίστ]ου 55	ou a muito renomada Egina, que do grandiosíssimo
Ζην]ὸς ἃ πλαθεῖσα λ]έχει τέκεν ἥρω	Zeus se aproximou do leito e gerou o herói
...]δε̣ σω̣[.....]ου,	[salvador deste povo]
ὃς γ]ᾶς βασά[νοισιν Ἀχ]αιῶν	ele que, entre sofrimentos, da terra dos Aqueus
]υ[ ]α	...
τ[‿ ‿ ˘ ‿ ‿ ‿ ˘ ‿ ‿ 60	...
ᾱ[.....]ω[.....ε]ὔπεπλον [. .] .[	... de belo peplo...
—	
ἡ[δὲ Πειράν]αν ἑλικοστέφα[νον	E Pirene, moça de coroa entrelaçada,
κ[ούραν ὅ]σαι τ᾽ ἄλλαι θεῶν	e tantas quantas aos leitos
ε̣[ὐναῖς ἐδ]άμησαν ἀριγνώτ[ο]ις π[α]λαι[οῦ	famosos dos deuses se submeteram,
παῖδες αἰ]δο[ῖ]αι ποταμοῦ κε[λ]άδοντος· 65	filhas venerandas do ressoante rio ancestral.
‿˘‿ ‿]αν πόλιν	... cidade
‿ ‿˘˘ ‿]σί τε νικα[	... vitória
‿ ˘ ‿ αὐ]λῶν βοαί	... os gritos das flautas
‿ ‿ ˘ ‿ ο]υσαι· μεβ[‿ ‿	...
‿ ˘ ‿ ‿ ‿˘‿ ‿ ‿ ˘ ‿] αν 70	
—	
‿ ‿˘‿ ‿ ‿˘ ˘ ‿˘‿]νεος	...
χρ]υσέα[ν προσ]θέντα ἰόπλοκον εὖ εἰπεῖν [Κύπριν,	e a dourada e dadivosa Cípris, de tranças [violáceas,
τὰν μ]ατ[έρ᾽ ἀκ]νάμ[π]των ἐρώτων	bem dizer, mãe de inexoráveis desejos
‿ ˘ ‿ κλε]ινὰν βροτο[ῖς	conspícua aos mortais
‿ ˘ ˘ ‿ ˘]λέων 75	...
‿ ‿ ˘ ‿ ‿] προξεν[-	...
‿ ˘ ‿ ‿ ‿]ειώταν	...
‿ ˘ ‿ ‿ ‿˘]ν ὕμνον,	... um hino
—	
Δ᾽	
ὅς κε ‿ ‿ ‿] καὶ ἀποφθιμένωι	que, ... mesmo tendo perecido,
‿ ‿ ˘ ἄτ]ρυτον χρόνον, 80	... tempo infindável
καὶ τοῖς ἐ]πιγιγνομένοις αἰεὶ πιφαύσκοι	e aos sucessores sempre proclame
σὰν Νέ]μέᾱι νίκαν· τό γέ τοι καλὸν ἔργον	sua vitória em Nemeia; de fato, o nobre
γνησίων ὕμνων τυχόν	feito das canções genuínas calham de
ὑψοῦ παρὰ δαίμοσι κεῖται.	habitar no alto, junto aos deuses.
σὺν δ᾽ ἀλαθείᾱι βροτῶν 85	E com a verdade dos mortais,
κάλλιστον, εἴπ[ερ καὶ θάνηι τις,	mesmo quando alguém perece,
λε[ί]πεται Μουσ[ᾶν βαθζυώνων ἄθ]υρμα.	permanece o mais belo dom da Musa de [funda cintura

—

εἰ[σ]ὶ δ᾽ ἀνθρώ[πων ˘˘¯˘˘¯		Há, (para a virtude) dos homens,
πολλαί· δι[α]κρίν[ε]ι δὲ θεῶν		muitos (caminhos); porém, distingue o juízo
β]ουλὰ [τὸ καλυπτό]μενον νυκτὸς [δνοφοῖσιν	90	dos deuses o que oculto está na escuridão [da noite.
.]...[¯ ¯ ¯˘]γε καὶ τὸν ἀρείω		e ao mais corajoso
¯˘¯ ¯ ¯˘]που·		...
¯ ¯˘˘¯˘˘]ευσων		...
¯˘¯ ¯ ¯˘¯]		...
¯ ¯˘¯ ¯ ¯˘ π]αύροις	95	... a poucos
ἀν]δρ[άσιν ¯ ¯˘¯ ¯ ¯]ι τὸ μέλλον·		homens [é possível conhecer] o futuro.
—		
..]ιμι δ[¯ ¯˘ ˘]δωκε χάριν		... [concedeu] a graça [de Deméter]
κ]αὶ Διων[υσ ¯˘˘¯] θεοτίματ[ο]ν πόλιν		e de Dioniso [Cronida] em cidade honrada [pelos deuses
ναίειν ἀπο[¯ ¯˘]ευντας·		morar [inviolável e florescente].
χ]ρυσεοσκάπτρ[¯˘¯	100	Quando de Zeus do cetro dourado
ὅς] τι καλὸν φέ[ρεται,		alguém tem algo de belo
]αινέοι· Τιμοξ[ένου		que todos os elogiem. Ao filho
παιδὶ σὺν κώ[μοις νέων ὑμ-		de Timóxeno com coros de jovens
νέ]οιτε πεντ[άθλοισι νίκαν.		cantemos a vitória no pentatlo.

O *Epinício 9* foi composto para celebrar o êxito de Automedes no pentatlo (*péntathlon*)[53] nos Jogos Nemeicos, prova que consistia em cinco modalidades: arremesso de disco, salto, corrida, arremesso de dardo e luta. O atleta era filho de Timóxeno e oriundo da cidade de Fliunte, a nordeste do Peloponeso. Estas são as únicas informações que temos com certeza, pois nada se sabe sobre o vencedor, sua família ou a data exata da vitória, além do que é revelado no próprio poema. Cairns (2010, p. 93) aponta que alguns tradutores centralizam a datação da ode no período que Baquílides passou no Peloponeso, em exílio, conforme menciona Plutarco (séculos I-II d.C., *Moralia – Do exílio* 14, 650d). Por outro lado, David Fearn, em seu artigo "Mapping Phleious: Politics and Myth-Making in Bacchylides 9" (2003, pp. 347-367), sustenta que o poema pode pertencer à época das Guerras Pérsicas (*c.* 498-448 a.C.) ou pouco depois.

Possui estrutura tripartite, comum às composições de Baquílides: o proêmio é seguido de um primeiro elogio (vv. 1-39), a narrativa mítica principal – há outras, secundárias – ocupa a parte central do poema (vv. 40-65), e a terceira parte, composta por um segundo elogio e pela conclusão (vv. 66-104), ecoa a primeira parte. Embora a canção esteja bastante fragmentada, a estrutura em anel (*ring-composition*) é notável, tanto no nível geral do poema, quanto nas partes que o compõem. Vejamos:

[53] Cf. McDevitt (2009, pp. 8-9).

- *dóxan ... doíēt'* ("reputação... conceda", vv. 1-2) é retomado por *[pâs] ainéoi* ("todos os elogiem", v. 102) e *[humné]oite* ("cantemos", vv. 103-4);

- *Mousân ge ioblepharōn* ("Musas de olhos violáceos", v. 3) ecoa em *Mous[ân bathuzōnōn* ("Musa de funda cintura", v. 87);

- *elpís anthrōpōn huphair[eîtai nóēma* ("a esperança afasta o juízo dos homens", v. 18) é respondido por *p]aúrois an]dr[ásin ...]i tò méllon* ("a poucos homens [é possível conhecer] o futuro", vv. 95-6);

- *diakrínei* ("distingue", v. 28 e v. 89) e *nuktós* ("noite", v. 29 e v. 90).

Alguns anéis também podem ser percebidos na segunda e na terceira partes da canção, embora fragmentadas:

- *pólin* ("cidade", v. 66), *nika[* ("vitória, v. 67), *khru]séa[n* ("dourada", v. 72) e *húmnon* ("hino", v. 78) são retomados por *pólin* (v. 98), *hós] ti kalòn phé[retai* ("quando ... alguém tem algo de belo", v. 101), *kh]ruseoskáptr[ou* ("do cetro dourado", v. 100) e *humné]oite* ("cantemos", v. 103-4).

Há, ainda, fechamento através dos termos *nika/nikan* nos versos 67 e 82, *tó... kalòn érgon* ("nobre feito") e *ti kalón* ("algo de belo") nos versos 82 e 101.[54]

A primeira parte (vv. 1-39), cujo objetivo é o de fundamentar a competição que conferiu glória ao *laudandus* e descrever o momento de sua proeza, está melhor preservada, e nela é possível notar as referências à fama (vv. 1 e 40), o embate entre Héracles e o Leão (vv. 6-9), e a luta que coroou Automedes (vv. 36-38). A seção inicial abrange a descrição do triunfo de Automedes em Nemeia (vv. 25-39) e é seguida por duas narrativas míticas distintas para explicar as origens dos Jogos Nemeicos: a primeira narra a luta entre Héracles e o Leão de Nemeia (vv. 6-9), primeiro dos trabalhos do herói; a segunda, a malfadada expedição contra Tebas, que culminou na morte de Arquemoro (vv. 10-24). Há ecos também nesta passagem, que unem tais episódios míticos. Juntos, eles são concluídos pelos anéis:

- *aéthlōn prôton* ("primeiro dos... trabalhos", v. 8-9) e *áthlēsan* ("os primeiros jogos estabeleceram", v. 11-12);

- *áthlēsan* e *eudóxōn agōnōn* ("renomados jogos", v. 21);

- *peri[klei]tōn aéthlōn* ("muito famosos trabalhos", v. 8) e a expressão *eudóxōn agōnōn* ("renomados jogos").[55]

[54] Conforme observado por Cairns (2010, pp. 93-4).
[55] Ibid., p. 94.

Para melhor compreender o epinício aqui em pauta, que tem como um dos temas centrais a localidade, cabe destacar algumas informações sobre o lugar de origem do vitorioso. De acordo com Arthur McDevitt, em *Bacchylides* (2009, pp. 152-3), Fliunte não era proeminente. Situada ao sul de Argos, ao norte de Sicião e Corinto, e a leste dos vales de Nemeia, uma das cidades a celebrar os jogos pan-helênicos, a cidade sustentava-se com a produção de cereais e de vinho; daí a menção a Deméter e a Dioniso no fim do poema, nos versos 97 e 98, respectivamente. Não obstante, era grande o bastante para providenciar um contingente considerável para duas famosas batalhas travadas contra os persas, as de Termópilas (490 a.C.) e Plateias (479 a.C.). Fliunte também foi a terra natal de Prátinas, compositor de dramas satíricos contemporâneo a Ésquilo (séculos VI-V a.C.), e de Timêneto, vitorioso nos Jogos Píticos de 498 a.C., na prova de corrida em armas (*hoplitodrómos*). Por essas razões, o feito de Automedes elevou sua *pólis*.

Como comentado anteriormente, duas das três narrativas míticas visam lidar com o local das disputas, que é a cidade de Nemeia, e com a cidade de Automedes, Fliunte, onde acontecem as festividades. No entanto, mesmo a terceira e principal narrativa (vv. 40-65), elogiará ambas as cidades, como veremos.[56] Todas estas narrativas abordam mitos etiológicos. Além disso, elas nos permitem refletir sobre o local de *performance* nos epinícios, mesmo que, neste caso, não possamos afirmar se o *Epinício 9* fora cantado junto ao templo nemeico de Zeus em Nemeia, ou no de Fliunte, ou em ambos. Fearn (2003, p. 358) supõe que o evento tenha se dado na pátria do vencedor e que o lugar da primeira *performance* influenciaria, inclusive, a percepção da audiência sobre os mitos abordados, como será discutido adiante.

Dos versos 6 ao 9, o poeta nos conta sobre Héracles e o Leão de Nemeia, o primeiro dos trabalhos do herói, embora sem grandes detalhes. Por Apolodoro (*Biblioteca,* 2.5.1), sabemos que Euristeu havia ordenado que Héracles lhe trouxesse a pele do leão. Ao chegar em Nemeia, ele começa a disparar suas flechas contra a fera, porém, em vão, pois seu couro era impenetrável. Percebendo a invulnerabilidade de seu oponente, Héracles encurrala-o em uma caverna e joga-se contra ele, com os braços ao redor de seu pescoço, a fim de sufocá-lo. Como a vitória do filho de Zeus deu-se por meio do combate corpo a corpo, o episódio se transformou na etiologia do pancrácio (Jesus, 2014, p. 85). Geoffrey S. Kirk argumenta, em "Methodological Reflexions on the Myths of Heracles" (1973, pp. 285-297), que Héracles possui a potência física de uma força

[56] O *Epinício 9* e o *Epinício 13* são os únicos de Baquílides a presentarem mais de uma narrativa mítica.

absoluta e brutal, divina e animalesca ao mesmo tempo, e que tal excesso de *ménos* (μένος, "força") é equilibrado pela posição de servente que o herói ocupa, por exemplo, em relação a Euristeu. Essa relação marcaria o ponto mais baixo entre a condição mortal e quase divina de Héracles, mas sua força bestial determina um aspecto diferente da condição humana. Penso que isso é relevante, no sentido de que os vitoriosos nos Jogos são equiparados aos heróis míticos em sua excelência, porém, ainda é preciso lembrá-los de que há limites para a vitória sendo um homem mortal. Tal admoestação é feita através das *gnōmai*, como vimos no *Epinício 5* e veremos neste e nos demais epinícios.

Ainda sobre a origem do pancrácio, Apolodoro nada nos diz sobre isto, mas menciona que, em sua viagem até Nemeia, Héracles teria se hospedado com um trabalhador em Cleonas, e que havia pedido a ele para que sacrificasse uma vítima a Zeus, se triunfasse em sua empreitada; caso contrário, o homem deveria sacrificar ao próprio Héracles como herói. Timothy Gantz, em *Early Greek Myth* (1993, p. 384), por outro lado, aponta que as *Odes Nemeicas* de Píndaro sugerem que Héracles teria reorganizado os Jogos Nemeicos nesta mesma ocasião, e os dedicados a Zeus.

Emma Stafford, no livro *Herakles* (2012, p. 24), observa algo interessante: a palavra grega traduzida como "trabalho" é *âthlon* (ἆθλον), cujo significado é "disputa, competição que rende um prêmio" e está associada aos Jogos Pan-helênicos, o que ressalta a posição aristocrática de Héracles como o atleta por excelência – característica que será paradigma para os vencedores celebrados por Baquílides neste epinício em questão e no *Epinício 13*. Ainda de acordo com Stafford (*ibid., id.*), o cânone dos doze trabalhos do herói não teria sido consolidado antes do período clássico (sécs. V-IV a.C.); a primeira evidência de todos os *âthloi*, como conhecemos, deu-se no templo de Zeus em Olímpia, construído em cerca de 460 a.C.; lá, as métopas[57] dos pórticos de entrada e de saída do templo foram decoradas com a iconografia dos trabalhos realizados por Héracles. Isso mostra a influência e o atletismo do herói, também associado a Olímpia como fundador dos Jogos.

Outra tradição, por outro lado, aponta que os Jogos teriam sido refundados, pelos argivos, enquanto marchavam para Tebas no episódio conhecido como "Os Sete Contra Tebas". Nesta expedição, sete chefes argivos avançam para Tebas, liderados por Adrasto, rei de Argos, e Polinices, filho de Édipo e irmão de Etéocles, após este se recusar a

[57] Na arquitetura dos templos, as métopas eram os espaços entre os tríglifos (ornatos constituídos por três sulcos verticais), na parte superior da construção, no entablamento, acima das colunas. Confira Stafford (*ibid.*, p. 25).

entregar o trono de Tebas para o irmão, conforme haviam determinado num momento anterior; assim, com a ajuda de Adrasto e de mais cinco outros senhores, Polinices avança contra o irmão, para recuperar seu direito ao trono. No grupo também estava Anfiarau, adivinho da corte de Argos. A empreitada e seu desfecho são contados pelo tragediógrafo Ésquilo, na tragédia homônima. Esse é o evento que compõe a segunda narrativa mítica da ode de Baquílides, e menor (versos 10-20). Segundo a versão apresentada tanto por Apolodoro (*Biblioteca*, 3.6.4) quanto por Pausânias (*Descrição da Grécia*, 2.15.2-3), os argivos decidem investir contra Tebas, apesar das advertências do profeta Anfiarau, que havia previsto a morte de todos que se juntassem à expedição, exceto pelo rei Adrasto. Quando chegaram em Nemeia, encontraram Hipsípile – de quem Baquílides não faz menção na *Ode 9*, mas que é protagonista de uma tragédia de Eurípides (século V a.C.) que leva seu nome. A moça estava encarregada de cuidar de Ofeltes, filho de Licurgo, governante da região e sacerdote de Zeus Nemeu. Ao sair para ajudar os recém-chegados a encontrarem água, descuidou do bebê, que foi picado por uma serpente e padeceu. Ofeltes recebeu, então, o nome de Arquemoro (*Arkhémoros*, Ἀρχέμορος, "o precursor da ruína"). Embora fragmentada, a peça de Eurípides centraliza a figura da nutriz e a morte do infante.

Desse modo, os argivos teriam fundado (ou refundado) os jogos fúnebres em honra ao menino.[58] Entretanto, uma das hipóteses dadas em escólio ou comentário antigo (c) (iii.3.11-12 Dr.)[59] para as *Odes Nemeicas* de Píndaro informa que os jogos eram mais antigos do que a empreitada dos "Sete contra Tebas", e um escólio à *Nemeica 10* (iii. 172.5-6 Dr.)[60] esclarece que os argivos teriam apenas refundado os jogos conforme a tradição que indica Héracles como seu verdadeiro fundador, devido a sua vantagem sobre o Leão por ele derrotado.[61]

Cairns (2010, pp. 96-7) sugere que o embate entre o herói e a fera serve a Baquílides como representação das disputas em Nemeia, tornando a vitória de Héracles um símbolo dos Jogos, mais do que a razão ou origem deles; por outro lado, Fearn (2003, p. 354) observa que a estrutura em *ring-composion* faz com que o triunfo de Automedes

---

[58] Em Apolodoro (3.6.4), contudo, aprendemos que os argivos teriam fundado os Jogos Ístmicos, não os Nemeicos.

[59] (...) εἰσὶ δέ τινες οἳ καὶ παλαιότερον εἶναί / φασι τὸν ἀγῶνα τοῦ Θηβαϊκοῦ πολέμου. (...). "Há alguns que dizem que a disputa [os jogos] é mais antiga do que a guerra de Tebas." A edição dos textos gregos para os escólios de Píndaro citados aqui é a de A.B. Drachmann (1927), disponível do banco de dados *online* do *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG, http://stephanus.tlg.uci.edu/index.php).

[60] οἱ γὰρ ἑπτὰ ἐπὶ Θήβας ἀνενεώσαντο τὰ [*] Νέμεα, ὧν εἷς Ἄδραστος. "Pois os sete contra Tebas renovaram [as disputas] nemeicas, dos quais um era Adrasto."

[61] Vide também Cairns (2010, p. 96).

(vv. 30-9) espelhe o primeiro trabalho do filho de Zeus. Ele defende, igualmente, que o conhecido episódio dos "Sete contra Tebas" é um mito pró-argivo, e que reflete conflitos e interesses políticos do início do século V a.C., os quais, por sua vez, são expostos por Baquílides deliberadamente. O poeta trabalha com a tradição mítica pan-helênica, mas realça a participação e a importância de Nemeia nos episódios, sob a perspectiva do sucesso de Automedes, ou seja, sem satisfazer as demandas argivas. Assim, ele se coloca do mesmo lado que a comunidade do atleta.

Se os mitos de Héracles e de Arquemoro enfatizam a cidade de Nemeia, Fliunte, então, está no escopo da terceira (e principal) narrativa mítica, apresentada após a descrição da vitória de Automedes: a linhagem do rio Asopo (vv. 40-65). Há, na tradição, dois rios com este nome: um, em Fliunte, e o outro, na Beócia.[62] Para ambos, seus afluentes foram nomeados como suas filhas, que se tornaram, em grande parte, epônimos para diversas cidades e mães de grandes heróis.[63] Portanto, encontramos dois grupos, embora, por vezes, os nomes possam se entrepor: as filhas de Asopo de Fliunte (Nemeia, Cleonas, Egina e Pirene), e as de Asopo da Beócia (Tebas, Tanagra e Téspia). Pausânias (5.22.6) descreve uma estátua que representa Asopo e suas filhas. Nela, Nemeia e Egina aparecerem acompanhadas de Tebas. A estátua, aliás, encontra-se em Olímpia, mas fora encomendada por Fliunte. Assim sendo, Baquílides exalta a cidade do *laudandus* através de sua associação à estirpe heroica do rio, mas não negligencia a posição de Tebas neste mesmo repertório mítico.

Ainda de acordo com Fearn (*ibid.*, p.348), o sucesso do filho de Timóxeno é o meio pelo qual Fliunte é colocada no mapa geopolítico e mítico. A primeira e a segunda partes do poema exploram a relevância política da mitologia escolhida, responsável por expressar o posicionamento local e pan-helênico da cidade. A terceira parte, enfim, retrata o vencedor: Automedes é, junto a sua *pólis*, paradigma do verdadeiro heleno. É importante lembrar que as arenas dos festivais pan-helênicos serviam como meio para que os atletas exibissem sua etnia, muitas vezes de maneira contenciosa. Os poemas dedicados às conquistas nestes festivais, então, poderiam providenciar a tradição mítica necessária para as contendas de determinados grupos étnicos. É neste contexto que os mitos genealógicos se manifestam.

---

[62] Fearn, porém, no artigo citado (p. 358), sustenta que havia três rios de nome Asopo, e que esta identidade ambígua atestava o papel que os mitos acerca dos rios e de suas linhagens tinha na política pan-helênica, através da mitologia de cada cidade.

[63] Apolodoro (3.12.6) nomeia, pelo menos, 20 destes heróis, mas faz menção apenas à filha Egina.

O detalhamento do momento de triunfo de Automedes na *Ode 9* é singular, tanto porque descrições atléticas não eram muito comuns nos epinícios, embora sejam mais frequentes em Baquílides do que em Píndaro, quanto pelo modo como se faz. A descrição do arremesso de dardo na ode, em especial, merece atenção, pois projeta a excelência do atleta, conspícua aos presentes, como a destacar como o brilho da lua, ao eclipsar outros astros (vv. 27-9); repito os versos:

> Pois sobressaiu-se entre os pentatletas, como
> dos astros ofusca a luz,
> na noite que divide o mês,[64] a lua de nobre brilho.

Tal comparação remete-nos ao Fr. 96 (Voigt) de Safo (*c.* 630-580), e Fearn (*ibid.*) comenta que provavelmente há relação entre o trecho acima, do poeta de Ceos, e o trecho abaixo (vv. 6-9), da poeta de Lesbos, em que se acha o início do longo símile de elogio à beleza de uma figura feminina que é objeto de recordação na canção[65]:

> νῦν δὲ Λύδαισιν ἐμπρέπεται γυναί-
> κεσσιν ὥς ποτ’ ἀελίω
> δύντος ἁ βροδοδάκτυλος <σελάνα>
>
> πάντα περ<ρ>έχοισ’ ἄστρα· (...)
>
> Mas agora ela se sobressai entre Lídias
> mulheres como, depois do sol
> posto, a dedirrósea lua
>
> supera todas as estrelas; (...)

Ao equiparar o talento de Automedes à luz da lua, Baquílides estabelece o jogo entre luz e sombra, que, por seu turno, está diretamente atrelado à obscuridade do desfecho da narrativa dos “Sete”. A malfadada expedição mostra à audiência e ao *laudandus* os limites do conhecimento humano – tema tradicional na poesia arcaica e recorrente nos epinícios. James H. Lesher, em “Archaic Knowledge” (2009, pp. 13-28), explica que a visão arcaica do conhecimento é explorada de três maneiras diferentes na poesia do período entre 800 a.C. e 450 a.C., começando desde Homero:

a) os homens falham, com frequência, em extrair o real significado dos eventos que lhes cercam;

[64] No calendário lunar, a noite quando a lua está em sua fase mais cheia.
[65] Cito a tradução de Ragusa (2021, p. 128), com texto grego da edição de Voigt (1971).

b) a dificuldade em compreender eventos que já foram e os que ainda serão, em uma escala maior, relacionando-os – por esta razão, os deuses são os únicos a saberem de todas as coisas, já que viram e veem tudo, habilidade associada ao saber a partir da visão: alguém sabe porque viu;

c) a autoridade que os poetas têm em cantar sobre o assunto e aconselhar a audiência, capacidade advinda de poderes divinos.

Além disso, os mortais carecem de esclarecimento sobre determinadas situações, pois só são capazes de visualizarem-nas sob a ótica de suas próprias experiências. Deste modo, não apreendem as infinitas fatalidades que acometem sua existência. O conhecimento, então, é a busca pela verdade que está em harmonia com a sua condição. Lembremos ainda de *Agamêmnon* (458 a.C.), de Ésquilo, tragédia cuja ação gira em torno dos limites do conhecimento, na medida em que seus personagens são incapazes de saber, ou reconhecer, os fatos como se dão porque são o que são: mortais. Para o tragediógrafo, o aprendizado vem pela dor, conforme William Wians em "The *Agamemnon* and Human Knowledge" (2009, pp. 181-198). Esse tema também está presente no *Epinício 5* (vv. 165-175) – embora apenas insinuado pelo poeta ao final da narrativa mítica, quando Héracles se dispõe a casar com Dejanira, irmã de Meleagro, mas não sabe que ela será a responsável por sua morte –, e na narrativa que nos oferece o pano de fundo para o *Epinício 3*, quando Creso entende, erroneamente, que oráculo está se referindo à ruína de seus inimigos, não se si próprio.

Os únicos a não serem afetados por esta limitação são os poetas, por serem inspirados pelas Musas, porta-vozes de uma força superior que os conduz ao ensinamento moral, e os adivinhos, que enxergam para além da existência mortal por terem acesso ao divino.[66] É o caso do *Epinício 9*. Se Anfiarau, no mito, falha ao persuadir Adrasto em abandonar a empreitada, pois sabe do desfecho desastroso, Baquílides deve, na canção, celebrar o grande feito do atleta vencedor e persuadir os espectadores por meio da reflexão gnômica e da paradigmática narrativa mítica – assim ele a emprega –, para que não cometam o mesmo equívoco. Adrasto fracassa, pois ignora as previsões do adivinho, acreditando que ele mesmo poderia prever o desenrolar de suas ações (vv. 95-6). O poeta é claro quanto a isso logo nos primeiros versos (vv. 1- 9), que repito:

> Que a reputação, ó Graças de rocas douradas,
> a que persuade mortais, me concedais, já que
> o divino intérprete das Musas de olhos violáceos
> está pronto para Fliunte e o solo

[66] Wians (2009, p. 185).

florescente de Zeus Nemeu 5
cantar, onde a de alvos braços, Hera,
nutriu a fera devoradora de rebanhos,
o primeiro dos muito famosos trabalhos
de Héracles, o leão de alto rugido.

E nos versos 88-90, que retomo:

Há, (para a virtude) dos homens,[67]
muitos (caminhos); porém, distingue o juízo
dos deuses o que oculto está na escuridão da noite. 90

Além disso, a já comentada imagem da lua no auge de sua luminosidade, com a qual o poeta descreve o triunfo de Automedes no arremesso de dardo, evoca seu ciclo que consiste no suceder de suas fases todas. Tal característica é empregada para ilustrar, do mesmo modo, a transitoriedade do sucesso.

Assim como a tradição mítica suscitada nas odes a Hierão de Siracusa – a ruína de Creso, a morte de Meleagro e a anunciada morte de Héracles – a escolha dos episódios para o *Epinício 9* parece ser a nós talvez demasiadamente negativa, considerando o cenário festivo dos jogos; afinal, todos os heróis da expedição dos "Sete contra Tebas", exceto um, Adrasto, perecerão. Contudo, lembra-nos Anne P. Burnett, em *The Art of Bacchylides* (1985, pp. 96-100), que tais narrativas não são meros adornos; antes, elas conferem força ao argumento do poeta, e quanto maior a carga pessimista, maior a gravidade do tom do elogio. Portanto, cada uma delas traz consigo alto teor moral, que exacerba a admoestação ao vitorioso e à comunidade.

Há, ainda, uma última questão a comentar sobre as localidades. Adrasto não pode retornar a um lar próspero, ao passo que Automedes o fará. Sabe-se que uma curta distância de quatro quilômetros separava Fliunte e Nemeia, mas isto não é tudo. Sendo Nemeia descendente direta de Asopo, lugar preciso onde a vitória se deu, Automedes não estaria realmente voltando para sua comunidade; ele estaria a todo momento nos domínios de Nemeia. Daí a importância, decerto, da tradição mítica da prole de Asopo.

Tendo estas considerações em mente, passamos ao comentário dos epítetos presentes na ode.

[67] Jebb (1905) suplementa esses versos da seguinte maneira: εἰ[σ]ὶ δ' ἀνθρώ[πων ἀρεταῖσιν ὁδοὶ / πολλαί·(...). Sigo-o na tradução.

i) Zeus *Nemeaîos*

O primeiro, Zeus Nemeu (*Zēnòs Nemeaíou*, vv. 4-5), em especial, refere-se ao culto da divindade em Nemeia, desde pelo menos o século VIII a.C., segundo Jennifer Larson, em *Ancient Greek Cults* (2007, pp. 26-7).[68] Sendo ele o deus protetor da cidade e alvo das honrarias que as disputas nela realizadas lhe conferiam, o emprego de tal epíteto faz-se autoexplicativo. Ademais, lembremos da estrutura do poema e da minúcia do poeta em selecionar seus argumentos para enaltecer os territórios de Nemeia e de Fliunte. Mesmo o proêmio da *Ode 9*, destinado à Reputação (*Dóxa*, v. 1), não deixa de enaltecer Zeus, muito embora a ele não seja direcionado, incluindo-o na prece para a atribuir fama e renome a seus domínios.

ii) Zeus *mégistos*

No verso 55, Baquílides vale-se do epíteto *mégistos* (*meg[íst]ou*, v. 55), "grandiosíssimo", superlativo do adjetivo *mégas* ("grande"), também empregado como epíteto de Zeus no *Epinício 5* (v. 79). Como observa Chantraine (1999, p. 674), o uso do superlativo por si só, ou em um composto, indicam excelência; assim, a posição de supremacia de Zeus volta a ser enfatizada, sendo ele o mais venerado dentre os homens e o maior dentre os deuses. É interessante que este epíteto venha a aparecer no relato da união de Zeus com uma das filhas de Asopo, Egina, com quem o deus gerou o excelso Éaco, pai de Peleu, avô de Aquiles que por vezes é referido como o Eácida, como no fragmento 42 do poeta mélico Alceu (sécs. VII-VI a.C.)[69] - veremos mais sobre Egina no *Epinício 13*. O epíteto encontra-se na mesma posição que *palaioû* ("ancestral", v. 64), na antístrofe, como epíteto do ressoante rio, em trecho que relata enlaces com deuses. Píndaro, aliás, no *Peã 6*, no trecho final – o prosódio dirigido aos eginetas (vv. 123-83) – , trata dessa narrativa. Cito apenas o trecho do enlace (vv. 132-140), seguindo a edição do texto grego por Ian Rutherford, *Pindar's Paeans,* (2001) e a tradução de Josivânia Silva Sena Delfito (2020, p. 53). Sobre o epíteto, portanto, nota-se a superioridade das façanhas de Zeus e de sua prole.

ὁ πάντα τοι τά τε καὶ τὰ τευχών
σὸν ἐγγυάλιξεν ὄλβον
εὐρύο[πα] Κρόνου παῖς. ὑδάτ(εσσ)ι δ' ἐπ' Ἀσ[ω-
ποῦ π[οτ' ἀ]πὸ πρόθυρων

[68] Há também o trabalho de Miller (1990), que explora o distrito de Nemeia em um profundo estudo arqueológico.
[69] Cf. Jesus (2014, p. 88).

βαθύκολπον ἀνερέφατο παρθένον Αἴγιναν
τότε χρύσεαι ἀ-
έρος ἔκρυφαν κόμ[α]ι
ἐπιχώριον κατάσκιον νῶτον ὑμέτερον,
ἵνα λεχέων ἐπ’ ἀμβρότων 140
(...)

O filho de ampla vista de Crono,
que tudo faz, isto e aquilo,
deu a ti tua prosperidade, e junto às águas do Asopo
um dia arrebatou dos portões
a virgem Egina, de fundo colo;
e então as áureas
cabeleiras do ar ocultaram
o sombreado dorso de tua terra nativa
para sobre o leito ambróseo 140
(...)

Mégistos está, ainda, associado ao adjetivo *khruseóskaptros*, “de cetro dourado”, suplementável ao verso 100 (*[kh]ruseoskáptr[*), e espelha o epíteto *khruséan* (“dourada”) de Afrodite no epodo da tríade anterior (v. 72). Este coloca Zeus na posição de governante máximo, ele que não é só o pai de mortais e imortais, recorda Dowden (2003, pp. 72-3), mas, sobretudo, deles é *ánax* (ἄναξ, “senhor”) e *basileús* (βασιλεύς, “rei”) – elementos já discutidos anteriormente. Por isso, os reis no plano humano governam com a autoridade que vem do Cronida e, dele ela parte, estabelecida e renovada por ele. Se considerarmos a edição de Jebb (1905) e suas suplementações, os versos 100-2 indicam essa relação, e reforçam que aquele a quem o deus concede algo é privilegiado e digno de memória; cito-os de novo:

[Quando] de Zeus do cetro dourado 100
alguém tem algo belo,
que todos o elogiem;

Ainda sob essa perspectiva, o epíteto também parece ser conveniente, se pensarmos a *gnṓmē* e o desfecho de Adrasto na narrativa mítica dos “Sete contra Tebas”: há um início e um término para seu poderio, e a fortuna é instável – parte dela, determinada pelos deuses, parte, selada pelas errôneas ações humanas. Além disso, a forma adjetival *khruseóskaptros*, composta por *khruséos* na primeira metade, outra vez alude à riqueza e ao esplendor, como explorado no primeiro estudo, em que é contemplado o *Epinício 3*. Como o trecho citado dos versos 100-2 indica, do cetro dourado provêm coisas belas e excelentes – neste caso, a vitória de Automedes é uma dádiva concedida pelo soberano. Resgatemos, ainda, a carga de sentido de excelência e

esplendor que o adjetivo *khrusós* traz consigo, conforme vimos no primeiro estudo, ao tratarmos do *Epinício 3*.

- Conclusão

No primeiro estudo, foi discutido como os epítetos de Zeus e de Apolo foram empregados com recursos retóricos nos *Epinícios 3, 4* e *5*. No caso deste nono epinício, tal aspecto não é tão evidente quanto nas canções a Hierão lá abordadas. Dado que a *Ode 9* está fragmentada, é impossível saber se Zeus aparece acompanhado de seus epítetos em outros versos do poema. Mas é certo que os adjetivos *Nemeaîos, mégistos* e *khruseóskaptros* voltam a frisar a posição de Zeus no panteão olímpico, em contraste com seus semelhantes e com os frágeis mortais, mas em acordo com a hierarquia dos homens, como paradigma.

TERCEIRO ESTUDO

EPINÍCIO 11: A ALEXIDAMO DE METAPONTO

A'		
Νίκα γλυκύδωρε· μόναι γὰρ		Vitória de doces dons! Somente
σοὶ πατ[ὴρ ¯ ¯ ˘ ¯ ¯		a ti o pai (deu a honra),
ὑψίζυ[γος ¯ ˘ ˘ ¯		o de alto jugo, (o Uranida),
ἐν πολυχρύσωι <τ'> Ὀλύμπωι		e no Olimpo rico e ouro,
Ζηνὶ παρισταμένα	5	em pé ao lado de Zeus,
κρίνεις τέλος ἀθανάτοι-		tu decides o fim da excelência
σίν τε καὶ θνατοῖς ἀρετᾶς·		para os imortais e os mortais.
ἔλλαθι, [βαθυ]πλοκάμου		Amável sejas, moça de grossos cabelos,
κούρα Σ[τυγὸς ὀρ]θοδίκου· σέθεν δ' ἕκατι		filha de justa Estige; por tua vontade
καὶ νῦν Μετ]απόντιον εὐ-	10	agora ocupam Metaponto
γυίων κ[ατέ]χουσι νέων		cortejos de rapazes de belos membros
κῶμοί τε καὶ εὐφροσύναι θεότιμον ἄστυ·		e alegrias – cidade honrada pelos deuses;
ὑμνεῦσι δὲ Πυθιόνικον		e celebram o vencedor pítico,
παῖδα θαητ[ὸ]ν Φαΐσκου·		filho do admirável Faísco.
—		
ἵλεώι νιν ὁ Δα[λ]ογενὴς υἱ-	15	O nascido em Delos,
ὸς βαθυζώνο[ιο] Λατοῦς		filho de Leto de funda cintura,
δέκτ[ο] βλεφά[ρω]ι· πολέες		com olhar propício o recebeu; e
δ' ἀμφ' Ἀλεξ[ίδα]μον ἀνθέων		em volta de Alexidamo, muitas coroas
ἐν πεδίωι στέφανοι		de flores foram postas, na planície
Κίρρας ἔπεσον κρατερᾶς	20	de Cirra, pela poderosa luta
ἦρα παννίκοι<ο> πάλας·		vitoriosa.
οὐκ ε[ἶ]δέ νιν ἀέλιος		O sol não o viu, nesse dia,
κείνωι γε σὺν ἅματι πρὸς γαίᾶι πεσόντα.		cair sobre a terra.
φάσω δὲ καὶ ἐν ζαθέοις		Direi que no muito divino solo
ἁγνοῦ Πέλοπος δαπέδοις	25	do sagrado Pélops
Ἀλφεὸν παρὰ καλλιρόαν, δίκας κέλευθον		junto ao Alfeu de bela corrente, se da reta
εἰ μή τις ἀπέτραπεν ὀρθᾶς,		justiça alguém não tivesse desviado o caminho
παγξένωι χαίταν ἐλαίᾶι		com a cinza folhagem da oliveira toda
—		
γλαυκᾶι στεφανωσάμενον		hospitaleira, teria te coroado antes de chegar
πορτιτρόφον ἂν [Ἰταλ]ί[αν πάτ]ραν θ' ἱκέσθαι.	30	à pátria Itália, criadora de bezerros.
[¯ ˘ ˘ ¯ ˘ ¯]		...
παῖδ' ἐν χθονὶ καλλιχόρωι		jovem, na terra de belos lugares,
ποικίλαις τέχναις πέλασσεν·		com vários artifícios derrubou.
ἀ]λλ' ἢ θεὸς αἴτιος, ἢ		Mas ou foi um deus o responsável, ou
γ]νῶμαι πολύπλαγκτοι βροτῶν	35	o juízo errante dos mortais
ἄ]μερσαν ὑπέρτατον ἐκ χειρῶν γέρας.		tiraram-lhe das mãos o prêmio supremo.
νῦν δ' Ἄρτεμις ἀγροτέρα		Agora Ártemis, a dos bosques,
χρυσαλάκατος λιπαράν		das rocas douradas, a gentil, a famosa
Ἡμέ]ρα τοξόκλυτος νίκαν ἔδωκε.		arqueira, reluzente vitória lhe concedeu.
τ]ᾶι ποτ' Ἀβαντιάδας	40	A ela, certa vez, o filho de Abante
β]ωμὸν κατένασσε πολύλ-		fundou um altar de muitas súplicas,
λ[ι]στον εὔπεπλοί τε κοῦραι·		ele e as filhas de belas vestes.
—		
B'		
τὰς ἐξ ἐρατῶν ἐφόβησε<ν>		Dos grandes salões de Preto
παγκρατὴς Ἥρα μελάθρων		afugentou-as a todo-poderosa Hera,
Προίτου, παραπλῆγι φρένας	45	enlouquecendo seus ânimos,
καρτερᾶι ζεύξασ' ἀνάγκᾶι·		com fortes compulsões subjugando-as.

παρθενίᾱι γὰρ ἔτι
ψυχᾶι κίον ἐς τέμενος
πορφυροζώνοιο θεᾶς·
φάσκον δὲ πολὺ σφέτερον 50
πλούτωι προφέρειν πατέρα ξανθᾶς παρέδρου
σεμνοῦ Διὸς εὐρυβίᾱι.
ταῖσιν δὲ χολωσαμένα
στήθεσσι παλίντροπον ἔμβαλεν νόημα·
φεῦγον δ᾽ ὄρος ἐς τανίφυλλον 55
σμερδαλέαν φωνὰν ἱεῖσαι,
—
Τιρύνθιον ἄστυ λιποῦσαι
καὶ θεοδμάτους ἀγυιάς.
ἤδη γὰρ ἔτος δέκατον
θεοφιλὲς λιπόντες Ἄργος 60
ναῖον ἀδεισιβόαι
χαλκάσπιδες ἡμίθεοι
σὺν πολυζήλωι βασιλεῖ.
νεῖκος γὰρ ἀμαιμάκετον
βληχρᾶς ἀνέπαλτο κασιγνήτοις ἀπ᾽ ἀρχᾶς 65
Προίτωι τε καὶ Ἀκρισίωι·
λαούς τε διχοστασίαις
ἤρειπον ἀμετροδίκοις μάχαις τε λυγραῖς,
λίσσοντο δὲ παῖδας Ἄβαντος
γᾶν πολύκριθον λαχόντας 70
—
Τίρυνθα τὸν ὁπλότερον
κτίζειν, πρὶν ἐς ἀργαλέαν πεσεῖν ἀνάγκαν·

Ζεύς τ᾽ ἔθελεν Κρονίδας
τιμῶν Δαναοῦ γενεὰν
καὶ διωξίππποιο Λυγκέος 75
παῦσαι στυγερῶν ἀχέων.
τεῖχος δὲ Κύκλωπες κάμον
ἐλθόντες ὑπερφίαλοι κλεινᾶι π[όλ]ει
κάλλιστον, ἵν᾽ ἀντίθεοι
ναῖον κλυτὸν ἱππόβοτον 80
Ἄργος ἥρωες περικλειτοὶ λιπόντες,
ἔνθεν ἀπεσσύμεναι
Προίτου κυανοπλόκαμοι
φεῦγον ἄδματοι θύγατρες.
—
Γ᾽
τὸν δ᾽ εἶλεν ἄχος κραδίαν, ξεί- 85
να τέ νιν πλᾶξεν μέριμνα·
δοίαξε δὲ φάσγανον ἄμ-
φακες ἐν στέρνοισι πᾶξαι.
ἀλλά νιν αἰχμοφόροι
μύθοισί τε μειλιχίοις 90
καὶ βίᾱι χειρῶν κάτεχον.
τρισκαίδεκα μὲν τελέους
μῆνας κατὰ δάσκιον ἠλύκταζον ὕλαν
φεῦγόν τε κατ᾽ Ἀρκαδίαν
μηλοτρόφον· ἀλλ᾽ ὅτε δή 95
Λοῦσον ποτὶ καλλιρόαν πατὴρ ἵκανεν,
ἔνθεν χρόα νιψάμενος φοι-
νικο[κραδέμνοι]ο Λατοῦς
—
κίκλη[ισκε θύγατρ]α βοῶπιν,
χεῖρας ἀντείνων πρὸς αὐγὰς 100

Pois, tendo o espírito ainda virgem,
foram ao templo da deusa de roxas cintas;

então afirmaram que seu pai muito
superava, na sua opulência, amplo-poder
da loira companheira do venerável Zeus.
Encolerizada, lançou-as
ao peito um pensamento desviante:
e fugiram para a montanha de espessa folhagem
soltando gritos terríveis,

ao deixar a cidade de Tirinto
e suas ruas honradas pelos deuses.
São agora dez anos desde que
deixaram Argos, cara aos deuses,
onde habitavam os que não temem o grito
de guerra, os heróis de brônzeos escudos
com o seu muito estimado rei.
E então uma contenda insuperável,
de insignificante origem, se alastrou
entre os irmãos Preto e Acrísio.
Destruíam os homens com discórdias
distantes da justiça e com lutas funestas,
e suplicaram os filhos de Abante,
que tinham uma terra rica em trigo,

que o mais novo dos irmãos colonizasse
Tirinto, antes que caíssem em dolorosa
necessidade

Assim, Zeus Cronida concordou,
honrando a linhagem de Dânao,
e do condutor de cavalos, Linceu,
a cessar odiosas aflições.
Os arrogantes Ciclopes construíram a
muralha após chegarem na ilustre cidade,
a mais bela, para que os semelhantes
aos deuses morassem, – a famosa domadora
de cavalos, Argos – tendo deixado heróis
muito gloriosos; foi para lá que, apressadas,
as filhas de Preto de escuras tranças
fugiram, indomadas.

Ele, porém, a dor tomou o coração,
e um estranho pensamento o atingiu:
cogitou enfiar uma espada
de dois gumes no peito.
Mas os lanceiros
com palavras gentis,
e com a força das mãos o detiveram.
Por treze meses completos
elas perambularam pelo bosque sombrio,
e fugiram para a Arcádia
nutriz de rebanhos. Mas quando, enfim,
ao Luso de belas correntes, o pai chegou
depois de lavar o corpo,
a de rubro véu, a filha de Leto,

invocou, a de olhos bovinos,
as mãos lançando para a luz

ἱππώκεος ἀελίου,	do sol de velozes cavalos,
τέκνα δυστάνοιο λύσσας	para que as filhas libertasse do
πάρφρονος ἐξαγαγεῖν·	do infeliz delírio.
“θύσω δέ τοι εἴκοσι βοῦς	“Sacrificarei a ti vinte bois
ἄζυγας φοινικότριχας. 105	indomados, de rubro pelo.
τοῦ δ᾽ ἔκλυ᾽ ἀριστοπάτρα	Ouviu-o a filha de excelente pai, que
θηροσκόπος εὐχομένου· πιθοῦσα δ᾽ Ἥραν	protege animais – ele orando; após persuadir
παῦσεν καλυκοστεφάνους	Hera, cessou a loucura das moças de
κούρας μανιᾶν ἀθέων·	coroas de botões de flor, privada de deuses.
ταὶ δ᾽ αὐτίκα οἱ τέμενος βωμόν τε τεῦχον, 110	Elas logo construíram um templo e um altar,
χραῖνόν τέ μιν αἵματι μήλων	pintaram-no com sangue de ovelhas
καὶ χοροὺς ἵσταν γυναικῶν.	e estabeleceram coros de mulheres.
—	
ἔνθεν καὶ ἀρηϊφίλοις	Então, com os Aqueus, caros a Ares,
ἄνδρεσσιν <ἐς> ἱππότροφον πόλιν τ᾽ Ἀχαιοῖς	para a cidade nutriz de cavalos,
ἕσπεο· σὺν δὲ τύχᾱι 115	seguiste. Com boa-fortuna
ναίεις Μεταπόντιον, ὦ	resides em Metaponto, ó
χρυσέα δέσποινα λαῶν·	áurea soberana dos povos!
ἅλσος δέ τοι ἱμερόεν	A ti um adorável precinto sagrado,
Κάσαν παρ᾽ εὔυδρον †προγο-	junto ao Casas de água abundante, (os
νοι ἐσσαμένοι† Πριάμοι᾽ ἐπεὶ χρόνωι 120	antepassados estabeleceram) quando
βουλαῖσι θεῶν μακάρων	com o tempo, por vontade dos afortunados
πέρσαν πόλιν εὐκτιμέναν	deuses, destruíram a bem construída cidade de
χαλκοθωράκων μετ᾽ Ἀτρειδᾶν. δικαίας	Príamo, com os Atridas de brônzea couraça.
ὅστις ἔχει φρένας, εὑ-	Quem quer que tenha ânimo justo,
ρήσει σὺν ἅπαντι χρόνωι 125	encontrará, pelo infinito tempo, os
μυρίας ἀλκὰς Ἀχαιῶν.	inúmeros feitos dos Aqueus.

O Epinício 11 celebra a vitória de Alexidamo, cidadão de Metaponto, na luta de rapazes nos Jogos Píticos, no santuário oracular de Apolo em Delfos. A data do poema é desconhecida, embora a edição mais antiga de Bruno Snell, *Bacchylides* (1958, p. 44), situe-o durante a fase inicial da mélica de Baquílides, com base nos padrões métricos da composição. Trata-se de um dos epinícios mais longos e conservados do *corpus* do poeta, com 126 versos, pouquíssimo fragmentado, contendo lacunas apenas nos versos 2-3 e 31. Sobre local de *performance*, o próprio poeta nos revela ter se dado na cidade do vencedor (vv. 10-14).

O poema segue a estrutura padrão tripartite: apresenta o proêmio (vv. 1-39), segmentado em uma invocação à *Níkē*, a deusa Vitória (vv. 1-14) e o encômio ao atleta (vv. 15-39), o mito central (vv. 40-112), e a conclusão (vv. 113-126). Porém, difere-se das outras odes, pois a terceira parte não retoma o elogio ao vencedor e a sua cidade; em vez disso, prolonga a narrativa mítica, retomando antes a segunda do que a primeira parte. Ainda assim, a composição é um bom exemplo de *ring-composition*, uma vez que se organiza “num complexo sistema de repetições e ecos linguísticos e conceptuais”, sublinha Carlos Martins de Jesus, em *Baquílides* (2014, p. 96). Cada seção é encerrada com um eco verbal de seu começo:

- *Níka glukúdōre* (“Vitória de doces dons”, v. 1) – *níkan édōke* (“vitória concedeu”, v. 39);

- *t]âi ... b]ōmòn katénasse* (“a ela ... fundou um altar”, vv. 40-42) – *hoi témenos bōmón te teûkhon* (“elas logo construíram um templo e um altar”, v. 110);

- *arēiphílois ... Akhaioîs* (“Aqueus, caros a Ares”, v. 113-114) – *alkàs Akhaiōn* (“os feitos dos Aqueus”, v. 126).[70]

O louvor ao *laudandus* divide-se em duas partes: a primeira, entre os versos 15 a 23, aborda a presente vitória nos Jogos Píticos; a segunda, dos versos 24 a 36, rememora a participação de Alexidamo nos Jogos Olímpicos, numa ocasião anterior, e sua derrota. As correspondências nestes versos são as seguintes, seguindo os exemplos de Douglas Cairns, em *Bacchylides* (2010, p. 102):

- Delfos e Olímpia estão relacionados pela sonoridade semelhante dos termos *en pedíōi ... Kírras* (“na planície ... de Cirra”, vv. 19-20) e em *zathéois hanoû Pélopos dapédois Alpheòn para kalliróan* (“no muito divino solo sagrado de Pélops, junto ao Alfeu de bela corrente”, vv. 24-26).

- *Stéphanoi* (“coroas”, v. 19) é equilibrado por *stephanōsámenon* (“teria coroado”, v. 29).

- Tanto o proêmio quanto os versos dedicados ao elogio estão unidos por ecos verbais e conceituais: *éllathi* (“amável sejas” ou “compadeça-te”, v. 8) e *híleōi ... blephá[rō]i* (“com olhar propício”, vv. 15-17); *[or]thodíkou* (“justa”, v. 9) e *díkas orthâs* (“reta justiça”, vv. 26-27).

- O elogio é amarrado por referências ao favor divino de Apolo (vv. 15-17) e de Ártemis (v. 37-39), e a linguagem empregada para tal fim mostra-se em *glukúdōre* (v. 1), *éllathi* (v.8), *séthen d’ hékati* (“por tua vontade”, v. 9), *híleōi ... blephá[rō]i* (vv. 15-17), *theòs aítios* (“deus responsável”, v. 34), *Ártemis agrotéra ... níkan édōke* (“Ártemis, a dos bosques, ... vitória lhe concedeu”, vv. 37-39).

O mito principal é o maior e mais elaborado exemplo de *ring-composition* em Baquílides. É comum que as narrativas das odes se movimentem entre o presente, o passado e o presente de novo; essa é uma forma tradicional para as narrativas míticas nos poemas mélicos, em contraste com os épicos, que são narrados em sequência diacrônica. Tal característica da estética mélica no tratamento do mito é nítida no *Epinício 11*, e Cairns (*ibid*., pp. 104-105) propõe os esquemas que conduzem a narrativa em detalhe.

[70] Jesus (*ibid.*) e Maehler (2004, pp. 136-137).

Reproduzo apenas um deles, aquele que demonstra os ecos em anel já expostos e que frisam tal padrão narrativo:

A *[b]ōmòn katénasse* ("fundou um altar", v. 41)

B *koûrai* ("filhas" ou "moças", v. 42)

C *Héra* ("Hera", v. 44)

D *paraplēgi phrénas* ("enlouquecendo seus ânimos", v. 45)

E *partheníai ... éti psukhâi* ("com o espírito ainda virgem", vv. 47-48)

F *pheûgon d'óros es taníphullon* ("fugiram para a montanha de espessa folhagem", v. 55)

G *lipoûsai* ("ao deixar" ou "ao partir", v. 57)

H *lipóntes Árgos* ("deixaram Argos", v. 60)

I *naîon* ("habitavam", v. 61)

J *hemítheoi* ("heróis", v. 63)

J' *antítheoi* ("semelhantes aos deuses", v. 79)

I' *naîon* (v. 80)

H' *Árgos ... lípontes* (v. 81)

G' *apessúmenai* ("apressadas", v. 82)

F' *pheûgon* (v. 84), *katà dáskion hēlúktazon húlan pheûgón te* ("elas perambularam pelo bosque sombrio e fugiram", vv. 93-94)

E' *ádmatoi* ("indomadas", v. 84)

D' *lússas párphronos* ("infeliz delírio", vv. 102-103), *maniân athéōn* ("loucura privada de deuses", v. 109)

C' *Héran* (v. 107)

B' *thúgatres* ("filhas", v. 84), *koúras* (v. 109)

A' *bōmón te teûkhon* (v. 110)

Esse sistema de correspondências visa integrar as várias seções do poema e articular os temas principais em função do argumento do poeta.[71] No que diz respeito ao

[71] Para mais ecos entre as duas narrativas míticas, confira Cairns (*ibid.*, pp. 101-106).

conteúdo da ode, os componentes míticos são, na ordem em que aparecem, a cura das filhas de Preto, a disputa entre os irmãos Preto e Acrísio e a fundação de Tirinto, e a fundação de Metaponto pelos aqueus. Cairns, no artigo "Myth and the Polis in Bacchylides' Eleventh Ode" (2005, pp. 35-50), sustenta que os mitos são essenciais para a função encomiástica e para o propósito retórico das canções, e que isso é ainda mais manifesto nesta ode, onde eles são articulados a uma série de conexões estruturais e temáticas. De modo semelhante, Arthur McDevitt, em *Bacchylides* (2009, p. 176), especula que o poeta deve ter enfrentando um grande desafio para encontrar material adequado para aclamar um garoto rico, mas de família indistinta, oriundo de uma cidade desenvolvida, igualmente indistinta, visto que Metaponto, embora fosse uma próspera colônia dos aqueus, cuja atividade central era a agricultura, não tinha grande visibilidade. Assim, McDevitt (*ibid.*) continua, Baquílides, habilidoso, supera tal obstáculo de um jeito único, ao tratar a narrativa mítica com notória criatividade. Ele manipula, não pela primeira vez, características particulares às histórias escolhidas para o elogio, como veremos adiante.[72]

Partamos dos mitos secundários.

– Mito da fundação de Metaponto (vv. 113-23)

A fundação de Metaponto (vv. 113-123) teria se dado pelos aqueus, no regresso da tomada de Troia.[73] Baquílides articula o culto de Ártemis em Luso aos aqueus que fundaram Metaponto e aos aqueus que conquistaram Troia. Os primeiros podem ter trazido consigo o mito das filhas de Preto e a instituição do culto de Ártemis em Luso, como será explorado à frente. Vale lembrar que o relato da origem de Metaponto e seu elogio devem refletir as exigências do patrono da canção.

Sobre a contenda entre Preto e Acrísio (vv. 64-76), Baquílides é a primeira fonte, embora o mito seja mais antigo. Outras fontes tardias são Pausânias (*Descrição da Grécia* 2.25.7) e Apolodoro (*Biblioteca*, 2.2.1), segundo o qual os irmãos já litigavam no ventre da mãe. A desavença leva à fundação e fortificação de Tirinto (v. 81). Baquílides ameniza os aspectos negativos dessa história ao declarar que a origem da discórdia é insignificante

[72] Cairns, no artigo citado, investiga todos os mitos do poema, suas diferentes versões e aplicabilidade para esta num estudo alongado e minucioso.
[73] Cairns (*ibid.*, p. 36) apresenta duas tradições que contribuíram, de algum modo, para a fundação "aqueia" de Metaponto: i) a cidade foi fundada por seguidores de Nestor, quando desviados de seu curso no retorno para Troia; ii) colonos vindos do Peloponeso teriam refundado a cidade, após terem sido convocados por aqueus, durante um conflito com colonos espartanos em Tarento.

(*blēkhrâs*, v. 65), pois em Apolodoro (2.4.1) aprendemos que sua verdadeira causa é que Preto teria seduzido sua sobrinha, Dânae. Ao fazê-lo, o poeta realça os resultados favoráveis que surgem da resolução do conflito, pois os irmãos aceitam a sugestão vinda própria comunidade – na *Ode 11*, vv. 69-70, dos filhos de Abante, produtores de trigo –, cujo interesse está acima do deles. Pretende-se mostrar que Tirinto pode ser um exemplo de civismo para Metaponto, além de paradigma para Alexidamo, pois Petro é o fundador de uma famosa cidade (*kleinâi p[ól]ei*, v.78) de ruas construídas pelos deuses (*theodmátous aguiás*, v. 58).

O mito principal, narrado de maneira simples, mas sem precedentes, compreende a loucura das filhas de Preto. Elas, ainda virgens (*parthénoi*), desdenham de Hera, ao compararem a riqueza de seu templo à de seu pai, muito mais opulento. Enfurecida pela atitude cheia de *húbris* (ὕβρις) – de não observância dos limites da condição humana, pelos quais se define a hierarquia cósmica –, a deusa lança a loucura sobre elas que então abandonam a cidade de Tirinto e passam a viver na natureza selvagem, vagando por treze meses, até que Preto, às margens do Luso (rio da Arcádia), suplica pela intercessão de Ártemis que, por sua vez, persuade Hera a ceder e a retirar o castigo.

Cairns (2010, pp. 113-119) discute que essa versão, todavia, diverge daquela apresentada por Apolodoro (2.2.1-2), na qual as donzelas Lísipe, Ífino e Ifianassa são levadas à insanidade por terem se recusado a aceitar os rituais de Dioniso – variante trazida por Hesíodo (ativo em *c.* 700 a.C.), no *Catálogo das Mulheres* (fr. 129 M-W) –, ou por terem ultrajado uma imagem (*zóanon*, ζόανον) de Hera, conforme Acusilau, mitógrafo e logógrafo em atividade entre os sécs. VI-V a.C.. Elas perambulam pela Argólida, pela Arcádia e pelo Peloponeso, até que o adivinho Melampo se disponibiliza a curá-las, em troca de uma parte do reino de Preto. Quando este recusa a oferta, o estado mental das jovens piora e se alastra para todas as mulheres da região, que deixam suas casas, após assassinarem sua prole, e passam a habitar os bosques. Sem outra saída, Preto aceita o auxílio antes oferecido, mas agora deve abdicar de dois terços de seu reino, um, para o curandeiro, e o outro, para o irmão dele, Bias. Melampo, então, conduz as meninas

e as mulheres numa espécie de ritual com danças, ocasião em que uma das filhas, Ífino, morre, e as demais casam-se com Melampo e com Bias.[74]

[74] Cairns (*ibid.*, p. 40) afirma que a versão de Baquílides é resultado de tradições distintas. É possível localizá-las em Heródoto (*c.* 480-420 a.C., *Histórias das Guerras Pérsicas*, 9.34), Diodoro Sículo (*Biblioteca Histórica*, 4.68.4), historiador do século I a.C., e em Pausânias (2.18.4).

Os episódios recontados por Baquílides vão na esteira de Hesíodo e Acusilau, quando apontam Hera[75] como a deusa responsável pela punição das moças. Versões mais antigas do mito possuem caráter iniciático e ocupam-se de retratar a transição das meninas de *párthenoi* para *gunaîkes* (γυναῖκες), ou seja, da mocidade para o casamento. O poeta, por outro lado, se distancia daquelas fontes ao omitir o papel de Melampo, que, no *Epinício 11*, é conferido a Ártemis, tradição também encontrada no poeta Calímaco (sécs. IV-III a.C.), em seu hino à deusa (3.233-6), e em Pausânias (8.18.8), que atribui a cura das meninas a Melampo, no santuário de Ártemis Hemerásia em Luso. Ainda para Cairns (2005, pp. 43-44), é improvável que Baquílides tenha simplesmente criado a relação entre as filhas de Preto e Ártemis; tampouco teria ele seguido as tradições mais antigas à risca. Ele decerto estava familiarizado com as diferentes vertentes do mito, inclusive aquela em que o protagonista é Dioniso, porém, optou por dispensá-las, de modo que pudesse enfatizar o rito de passagem das donzelas.

Essa questão é manifestada através de dois pares de epítetos contraditórios que a deusa virgem recebe na *Ode 11*: *agrotéra* ("a dos bosques", v. 37), também empregado no *Epinício 5* (v. 23), e *Hēméra* ("gentil", v. 39); *khrusalákatos* ("de roca dourada", v. 38) e *toksóklutos* ("famosa arqueira", v. 39).[76] No primeiro par, *agrotéra* reflete seu perfil de caçadora no mundo selvagem, ao passo que *hēméra* porta a delicadeza e a submissão. O segundo par mantém este raciocínio, tendo em vista que o tecer é uma atividade doméstica, mas o arco não. Fora do *gámos* (γάμος, "casamento"), as moças ainda não estão cumprindo com o seu papel cívico; portanto, não estão plenamente inseridas na comunidade, quando sob a esfera de Ártemis *Agrotéra* ("a dos bosques", "a selvagem", a "caçadora"). Quando casam, entretanto, passam a assumir o papel que lhes cabem como esposas e mães, submetendo-se ao jugo que o *gámos* lhes traz, amansadas, domadas, e enfim civilizadas por Ártemis *Hēméra* ("a gentil", "a apaziguadora").[77]

A metáfora da mulher como animal a ser domado é explicada por Ellen D. Reeder em "Women and Men in Classical Greece" (1995, pp. 20-31): já em Homero, na *Ilíada* (5, 349-351) e *Odisseia* (15, 19), há a visão de que as mulheres eram fracas, incapazes de

[75] Sobre a preferência por Hera, ao invés de Dioniso, confira o estudo detalhado de Seaford (1988, pp. 118-136).
[76] O emprego de quatro epítetos simultâneos incomoda críticos como Farnell (1898, pp. 345-346), que desaprova o aparente excesso na linguagem do poeta, classificando os atributos da deusa como *epitheta ornantia.* No entanto, Stern (1965, pp. 275-282) apresenta um belo estudo da linguagem aplicada para construir as imagens de selvageria e bestialidade no poema, analisando os epítetos que contribuem para isso.
[77] Cairns (*ibid*., p. 44).

autocontrole, e que precisavam ser controladas. Era próprio ao pensamento grego zelar para que a verdadeira natureza feminina fosse contida; do contrário, poderia causar danos irreparáveis para a sociedade, com ruptura ao pacto social do casamento, dos papéis de esposa e mãe, do que seriam exemplos Helena, Clitemnestra, Medeia, entre outras. Desse modo, cabia aos homens, não apenas por serem capazes de fazê-lo, mas sobretudo porque deviam fazê-lo, controlar as mulheres pelo casamento que doma a participação delas no mundo do sexo – que é o jugo ao desejo feminino. No entanto, a posição na qual a mulher se encontrava era contraditória, pois ao mesmo tempo em que era vista como uma fera a ser domada, ela era a personificação do lar e da família. Somente com o auxílio de seus maridos e por meio da instituição do casamento, as mulheres conseguiam cumprir seus papéis sociais. Entende-se, portanto, a comparação de moças a cavalos e potras, para elogio da beleza que as esposas não perdiam, mas que se tornava domesticada pelo jugo do casamento – pela subjugação.

Na *Ode 11* de Baquílides, observa-se que, embora seja Hera a penalizar as Pretidas, ela se une a Ártemis nessa transição da vida feminina, sendo responsável pelo *gámos* como instituição – ela, a consorte de Zeus. Ambas se aliam por meio do epíteto *boōpin* ("de olhos bovinos", v. 98), epíteto de Hera recorrente na *Ilíada* (1, 551). Nesse sentido, quando as filhas do rei a depreciam, ao preferirem a casa do pai (vv. 33-34), compreendemos que elas também desafiam a ordem da esposa do soberano do Olimpo, e, por extensão, que renunciam ao *gámos.* Se o poeta almeja homenagear a *pólis* do vencedor, ao retratá-la como um exemplo de boa ventura e civismo, é necessário que essa situação seja revertida.

Logo, em diálogo com as outras narrativas da canção, torna-se claro que o matrimônio é um assunto pertinente a toda a comunidade, e renunciar a ele é um exemplo demasiado nocivo para as próximas gerações; o jugo é estendido para todos da cidade de Tirinto, no mito, e de Metaponto. Anne P. Burnett, em *The Art of Bacchylides* (1985, pp. 112-113), também conclui que a abordagem desse mito pelo poeta comunica que as moças estão prontas para o casamento endogâmico, que beneficiará a cidade, e, assim como elas, Alexidamo e os jovens que compõem o *kômos*, "cortejo de rapazes de belos membros" (*euguíōn k[até]khousin néōn kōmoí,* vv. 10-12) também estão prontos para essa passagem. O epinício serve de instrumento para anunciá-los como potenciais noivos. Também para os rapazes havia exigências para que integrassem a comunidade da maneira correta, como expõe Reeder (1995, pp. 26-27): a beleza, o porte atlético, a inteligência, a cultura e a aptidão para assuntos militares e políticos eram apenas a porta de entrada para

o mesmo desfecho estipulado para as moças: casar-se e gerar prole. Note-se como Baquílides transforma aspectos dos mitos tradicionais: ele abre mão do episódio do casamento das duas filhas de Preto com Melampo e Bias, mas preserva o sentido do matrimônio como remédio ou cura para os demais personagens e para a comunidade.

Não menos importante é o favor que Ártemis confere a Alexidamo, ao converter sua antiga derrota em Olímpia em vitória em Delfos. Uma vez que o atleta, na primeira ocasião, fora alvo de uma injustiça provocada por um erro (vv. 24-30), o poeta precisa de uma imagem semelhante para espelhar a experiência de Alexidamo, e esta é dada pela injustiça cometida pelas Pretidas, que as levam à devida punição, mas depois à cura. Tais eventos exemplificam o tema do favor divino na ode, ou seja, como os erros dos homens podem ser resolvidos pela intervenção dos deuses – no caso, pela de Ártemis. Inclusive, as festividades em Metaponto são fruto de sua harmonia com a ordem dos deuses (*theótimon ástu*, "cidade honrada pelos deuses", v. 12). Além disso, a filha de Leto não apenas alivia as dores do jovem atleta, mas o conduzirá pela transição até a vida adulta por meio do casamento.

O fato de a terceira parte do poema ser uma extensão da narrativa mítica pretende salientar a fundação da cidade do vitorioso e o estabelecimento de um de seus cultos, unindo, mais uma vez, o papel de Ártemis, divindade local, ao sucesso do *laudandus* e à narrativa mítica central. É curioso, porém, que em nenhum momento Apolo está em destaque. Vejamos.

– Apolo, Zeus e seus epítetos

i) Apolo: *Da[l]ogenḗs, huiòs Latoús*

Os epítetos que o deus do templo délfio recebe são o adjetivo *Da[l]ogenḗs* ("nascido em Delos", v. 15) e *huiòs Latoús* ("filho de Leto", vv. 15-16), sendo que *Dalogenḗs* também caracteriza o deus no *Epinício 3* (v. 58). Como estes nomes estão atrelados à genealogia do deus, o vínculo com sua irmã Ártemis é certo. Aliás, este parece ser o princípio que orienta também os epítetos de Zeus na canção, como *Ouranidân* ("Uranida", v. 3), se considerarmos a suplementação de Richard Jebb, *Bacchylides* (1905), e *Kronídas* ("Cronida", v. 73). No contexto do *Epinício 11*, estas características não são aleatórias, pois, como vimos, o elogio às cidades e às famílias que as estabeleceram é flagrante, além do apelo ao matrimônio para a continuação das linhagens. Referências à família e à linhagem permeiam a canção: *patḗr* (v. 2), *paîda* ("filho", v.

14), *huiòs* (“filho”, vv. 15-16), o patronímico *Abantiádas* (“filho de Abantes”, v. 40), *paîdas* (v. 69), *geneàn* (γενεὰν, “linhagem”, v. 74) *thúgatres* (“filhas”, v. 83), *[thúgatr]a* (“filha”, v. 98), *tékna* (“filhas, “prole”, v. 102), e no epíteto de Ártemis *aristopátra* (“de excelente pai”, v. 106). Os termos *patér* e *huiós*, a propósito, aparecem em posição semelhante na estrofe (vv. 1-14) e na antístrofe (vv. 15-28), criando a simetria: filha e pai na estrofe, filho e mãe na antístrofe. Os epítetos *hupsízugos* de Zeus e *bathúzonos* de Leto também se espelham, pois aquele refere-se as alturas, enquanto este refere-se à profundidade.

ii) Zeus: *Kronídas, Hupsízugos, Semnós*

De modo expressivo, o epíteto *Kronídas*, atribuído a Zeus, é posicionado em meio à narrativa mítica da briga entre os irmãos Preto e Acrísio: é Zeus Cronida quem dá consentimento para a colonização de Tirinto, em honra à linhagem de Danao (vv. 73-74), e o epíteto rememora a contenda familiar entre o olimpiano e seu pai Titã, narrada na *Teogonia* de Hesíodo. Essa escolha pode, ainda, expressar a justa vitória de um membro da família sobre um outro que o ultraja, situação que, aliás, se repete de geração em geração no hesiódico poema cosmogônico, por exemplo, entre Urano e Crono, e entre Crono e Zeus.[78] O resultado do embate conferiu a Zeus sua posição atual, designada pelo epíteto *hupsízu[gos]* (v. 2) – adjetivo cujo prefixo é *hupsi-* (ὑψί-, “alto”).[79]

De acordo com Jacob Stern, em “Bestial Imagery in Bacchylides Ode XI” (1965, pp. 278-279), a tradução proposta por Jebb (*ibid.*) para *hupsízu[gos]*, “de alto trono” ou “que se senta em trono alto”, não é suficiente para explicar a atuação de Zeus, quando observamos a sequência de eventos na canção. Já foi dito que a conexão entre a loucura das meninas e a selvageria de Ártemis dá-se pelo caráter indomado destas, marcado pelo adjetivo *adámatos*, usado no verso 84, que vai de encontro com o conceito de *zugós* (ζυγός, “jugo”), termo atrelado ao controle tanto das feras quanto dos homens. Dessa forma, o significado do epíteto de Zeus, *hupsízu[gos]*, é etimológico: “o de alto jugo”. Com efeito, o deus impõe sua ordem a todo momento, seja sozinho, ao permitir a fundação de Tirinto (v. 73), ou em conjunto com outras divindades, como *Níka*, nos versos 1-7, e Hera, no verso 46, em que a deusa também exerce seu controle sobre as donzelas (*phrénas zeúxas*).

[78] Cf. a *Teogonia* de Hesíodo (vv. 154-182 e 453-506).
[79] Na *Ilíada*, Zeus é referido por duas vezes como *Kronídēs hupsízugos*: 4, 166; 6, 69.

O epíteto *semnoû* (“venerável”, v. 52), por outro lado, é atribuído a Zeus na narrativa mítica das filhas de Preto, no momento em que as moças desdenham da riqueza de Hera (vv. 47-52). O adjetivo *sémnos* (σεμνός, “venerável”, “divino”), segundo Chantraine (1999, p. 993), sofreu alterações consideráveis: ele é originário do verbo *sébomai* (σέβομαι, “honrar, adorar reverenciar”), cujo sentido está atrelado a uma espécie de medo que gera respeito; por isso, na esfera religiosa, reverencia-se determinada deidade por respeitá-la e temê-la. No que diz respeito à canção, na passagem na qual aparece nessa qualidade, Zeus contrapõe-se a sua consorte ultrajada, ela que não recebeu as devidas honrarias por parte das donzelas. Por outro lado, é possível estender o significado do adjetivo para o nível da admiração e, neste caso, Zeus e Hera devem ser reverenciados por suas exuberância e imponência, concernentes a seus cultos e posição no panteão olímpico.

No entanto, de acordo com Walter Burkert, em *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica* (1993, pp. 268-269), Hera é muito mais notável na sua habilidade de infligir dor a seus inimigos do que Zeus. No poema de Baquílides, enquanto é ela quem pune as filhas de Preto, o deus é o apaziguador da rixa entre este e seu irmão. Vê-se que, mesmo que unidos em seu esplendor e poder, os desígnios do casal olímpico e suas ações parecem contrapor-se no mito da *Ode 11*, como em várias outras obras de poesia arcaica.

– Comentário final

Similar aos *Epinícios 3* e *5* na elaboração de sua estrutura e de seu conteúdo, o *Epinício 11* é exemplar em sua composição. Baquílides tece as narrativas com engenho, e seu hábil artesanato linguístico mais uma vez se sobressai. Os epítetos atribuídos não apenas aos deuses, mas às cidades e demais personagens da ode, são emblemáticos e de modo algum casuais ou ornamentais. Se Zeus, por exemplo, recebe um epíteto – *hupsízu[gos]* – que faz pensar no mundo da natureza indomada, a ser submetida por seu poder, os epítetos dados para as cidades referidas na ode também são bestiais, segundo Stern (1965, p. 280), porque estão ligados ao ato de domar. Neles, os sufixos que exprimem esse sentido são *–botos* e *–trophos*, nos seguintes compostos: *portitróphon* (“criadora de bezerros”, v. 30) e *hippotróphon* (“nutriz de cavalos”, v. 114), ambos conferidos a Metaponto; *hippóboton* (“domadora de cavalos”, v. 80), a Argos; *mēlotróphon* (“nutriz de rebanhos”, v. 95), à Arcádia.

Por outro lado, intriga-nos a ausência de protagonismo de Apolo em uma ode dedicada a uma vitória nos Jogos Píticos. Preponderantes para as narrativas e para a

canção de modo geral são Ártemis e Hera, às quais Apolo e Zeus estão vinculados. O encômio a eles é estabelecido, então, pela figura das deusas? Em caso afirmativo, volto a ressaltar as relações familiares exploradas na canção, determinantes para o argumento do poeta.

QUARTO ESTUDO

EPINÍCIO 13: A PÍTEAS DE EGINA

A'

(faltam vv. 1-7)

– – ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑] Κλειώ	... Clio
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ –] τρ[ᾱ]ι	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ –]	...
– – ⏑ – – – ⏑ – δαν·	...

(faltam vv. 13-33)

—

(B')

(faltam vv. 34-39)

– – ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑] . ις	...
– – ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ – –]	...

ὕβριος ὑψινόου		da arrogante insolência
παύσει δίκας θνατοῖσι κραίνων,	45	cessará ao realizar justiça entre os mortais,
—		
οἷαν τινὰ δύσλοφον ὠ-		qual mão difícil de suportar,
μηστᾶι λέοντι		ao leão comedor de carne,
Περσείδας ἐφίησι		o descendente de Perseu lança
χεῖρα παντοίαισι τέχναις·		com ardis de todos os tipos;
οὐ γὰρ] δαμασίμβροτος αἴθων	50	Pois o bronze reluzente, destruidor de mortais,
χαλ]κὸς ἀπλάτου θέλει		não quis penetrar
χωρε]ῖν διὰ σώματος, ἐ-		seu corpo inacessível, mas
γνά]μφθη δ᾽ ὀπίσσω		antes dobrou-se para trás
φάσγα]νον· ἦ ποτέ φαμι		a espada; Afirmo que um dia,
τᾶιδε] περὶ στεφάνοισι	55	nesse lugar, pelas coroas
παγκ]ρατίου πόνον Ἑλ-		do pancrácio, esforço
λάνεσσι]ν ἱδρώεντ᾽ ἔσεσθαι.”		suado haverá para os Helenos.”
—		
. . . . . παρ]ὰ βωμὸν ἀριστάρχου Διὸς		... junto ao altar de Zeus, o melhor soberano,
Νίκας] φ[ἐ]ρ[ε]κυδέος ἀν-		as flores da Vitória portadora de triunfo
θρώπο]ισιν ἄ[ν]θεα,	60	nutre nos homens
χρυσέ]αν δόξαν πολύφαντον ἐν αἰ-		dourada e conspícua reputação -
ῶνι] τρέφει παύροις βροτῶν		apenas para poucos mortais
α]ἰεί, καὶ ὅταν θανάτοιο		em toda a vida –, e quando a escura
κυάνεον νέφος καλύψηι, λείπεται		nuvem da morte os cobrir, deixará
ἀθάνατον κλέος εὖ ἐρ-	65	a glória imortal de seus grandes feitos
χθέντος ἀσφαλεῖ σὺν αἴσᾱι.		com destino inabalável.
) —		

Γ'

τῶν κα[ὶ σ]ὺ τυχὼν Νεμέᾱι,		E da sorte que te coube em Nemeia,
Λάμπωνος υἱέ,		ó, filho de Lâmpon,
πανθαλέων στεφάνοισιν		o cabelo coberto com coroas de flores
ἀνθ]έ[ων] χαίταν [ἐρ]εφθείς,	70	flores sempre viçosas,
στείχεις] πόλιν ὑψιάγυιαν		marcha para a cidade de imponentes ruas
Αἰακοῦ, τε]ρψιμ[β]ρότων		de Éaco, alegria dos mortais,
ὥ[στε βρύεν] ἀβ[ροθρ]όων		para encher de coros
κώμω[ν] πατρ[ώια]ν		de doces sons a pátria
νᾶσο[ν], ὑπέρβι[ον] ἰσχύν	75	ilha, por força esmagadora
παμμαχίαν ἄνα φαίνων.		exibir na disputa.
ὦ ποταμοῦ θύγατερ		Ó filha do rio turbilhonante,
δινᾶντος Αἴγιν᾽ ἠπιόφρον,		gentil Egina,
ἦ τοι μεγάλαν [Κρονίδας		a ti o Cronida grande
ἔδωκε τιμὰν	80	honra concedeu,
ἐν πάντεσσιν ν[εορτόν		e entre todos os Helenos
πυρσὸν ὥς Ἕλλ[ασι νίκαν		uma nova vitória, como tocha,
φαίνων· τό γε σὸν [κράτος ὑμ]νεῖ		revelou; o teu poder, canta-o
καί τις ὑψαυχὴς κό[ρα,		também qualquer altiva moça,
¯ ¯˘˘¯˘˘]ραν	85	(avançando sobre terra sagrada)
πόδεσσι ταρφέως,		com os pés, frequentemente,
ἠΰτε νεβρὸς ἀπεν[θής,		como corça livre de pesares,
ἀνθεμόεντας ἐπ᾽ [ὄχθους		sobre colinas floridas
κοῦφα σὺν ἀγχιδό[μοις		ágil com suas vizinhas,
θρώισκουσ᾽ ἀγακλειτα[ῖς ἑταίρα]ις·	90	famosas companheiras, vai saltitando.
—		
ταὶ δὲ στεφανωσάμε[ναι φοιν]ικέων		Mas elas, coroadas com flores carmesim
ἀνθέων δόνακός τ᾽ ἐ[πιχω-		e folhas de cana,
ρίαν ἄθυρσιν		festividade de sua terra,
παρθένοι μέλπουσι τ[εὸν τέκο]ς, ὦ		estas virgens moças cantam teu filho, ó
δέσποινα παγξε[ίνου χθονός,	95	senhora da terra a todos hospitaleira,
Ἐν]δαΐδα τε ῥοδό[παχυν,		e Endeida de róseos braços,
ἃ τὸ[ν ἰσ]ό[θε]ον ἔτι[κτε Πηλέα		a que gerou Peleu, semelhante a um deus,
καὶ Τελαμ[ῶ]να [κο]ρυστὰν,		e Télamon, guerreiro armado,
Αἰακῶι μειχθεῖσ᾽ ἐν εὐ[ναῖ·		unindo-se a Éaco no leito.
) —		

Δ'

τῶν υἷας ἀερσιμάχας,	100	Os teus filhos que erguem batalhas,
ταχύν τ᾽ Ἀχιλλέα		o veloz Aquiles,
εὐειδέος τ᾽ Ἐριβοίας		e da formosa Euriboia,
παῖδ᾽ ὑπέρθυμον βοά[σω		o filho espirituoso, cantarei -
Αἴαντα σακεσφόρον ἥ[ρω,		Ájax, o portador do escudo,
ὅστ᾽ ἐπὶ πρύμνᾱι σταθ[εὶς	105	que, em pé na popa,
ἔσχεν θρασυκάρδιον [ὁρ-		repeliu o herói arrojado
μαίνοντα ν[ᾶας		que desejava as naus
θεσπεσίωι πυ[ρὶ καῦσαι		com fogo divino incendiar,
Ἕκτορα χαλ[κοκορυστάν]ν,		Heitor de brônzeas armas,
ὁππότε Πη[λείδας	110	quando o Pelida
τρα[χ]εῖαν [ἐν στήθεσσι μ]ᾶνιν		dura cólera no peito
—		
ὠρίνατ[ο, Δαρδανίδας		agitava, e libertou
τ᾽ ἔλυσεν ἄ[τας·		os Dardânidas da ruína;
οἳ πρὶν μὲν [πολύπυργο]ν		Antes a muito muralhada
Ἰ]λίου θαητὸν ἄστυ	115	e admirável cidade de Ílion
οὐ λεῖπον, ἀτυζόμενοι [δὲ		eles não deixaram, mas, perturbados,
πτᾶσσον ὀξεῖαν μάχα[ν,		encolhiam-se de medo da afiada luta,
εὖτ᾽ ἐν πεδίωι κλονέω[ν		confusos, quando quer que nas planícies,
μαίνοιτ᾽ Ἀχιλλεύς,		Aquiles se enchia de cólera,
λαοφόνον δόρυ σείων·	120	brandindo a espada matadora de homens.

ἀλλ᾽ ὅτε δὴ πολέμοι[ο		Mas quando da guerra
λῆξεν ἰοστεφάνο[υ		absteve-se o destemido filho
Νηρῆιδος ἀτρόμητος υἱός,		da Nereida de coroa violeta,
—		
ὥστ᾽ ἐν κυανανθέι θ[υμὸν ἀνέρων		Como o ânimo dos homens no mar
πόντωι Βορέας ὑπὸ κύ-	125	de escuro florir, Bóreas faz vacilar
μασιν δαΐζει		por debaixo das ondas
νυκτὸς ἀντάσας, ἀνατε[λλομένας,		quando, surgindo da noite, levanta-se,
λῆξεν δὲ σὺν φαεσιμ[βρότωι		mas cessa com a Aurora que ilumina os mortais,
Ἀοῖ, στόρεσεν δέ τε πόντον		e então estende por todo o mar
οὐρία· Νότου δὲ κόλπ[ωσαν πνοᾶι	130	brisa suave; e o Noto, vento do sul, com seus
ἱστίον, ἁρπαλέως <τ᾽> ἄ-		sopros enche a vela, e ansiosamente
ελπτον ἐξί[κ]οντο χέ[ρσον·		chegam, já sem esperança, à terra firme.
—		
E'		
ὣς Τρῶες, ἐπ[εὶ] κλύον [αἰ-		Assim os Troianos, quando ouviram que
χματὰν Ἀχιλλέα		o lanceiro Aquiles
μίμνο[ντ᾽] ἐν κλισίαισιν	135	permanecia nas tendas
εἵνεκ[ε]ν ξανθᾶς γυναικός,		por causa da loira mulher,
Β]ρ[ι]σηΐδος ἱμερογυίου,		Briseida de membros desejáveis,
θεοῖσιν ἄντειναν χέρας,		ergueram as mãos aos deuses,
φοιβὰν ἐσιδόντες ὑπαὶ		pois vislumbraram brilhante
χειμῶνος αἴγλαν·	140	luz sob a tempestade;
πασσυδίᾱι δὲ λιπόντες		então rapidamente deixaram
τείχεα Λαομέδοντος		as muralhas de Laomedonte
ἐ]ς πεδίον κρατερὰν		para as planícies trazendo
ἄιξαν ὑ[σ]μίναν φέροντες·		forte luta,
—		
ὦρσάν τ[ε] φόβον Δαναοῖς·	145	e provocaram medo nos Dânaos.
ὤτρυνε δ᾽ Ἄρης		Ares de poderosa lança
ε]ὐεγχής, Λυκίων τε		encorajou-os, e Lóxias,
Λοξίας ἄναξ Ἀπόλλων·		o senhor dos Lícios, Apolo;
ἷξόν τ᾽ ἐπὶ θῖνα θαλάσσας·		e assim chegaram à costa do mar.
ν]αυσὶ δ᾽ εὐπρύμνοις παρα<ὶ>	150	Ao lado das naus de boas proas
μάρναντ᾽, ἐναριζ[ο]μ[έν]ων		lutaram,
δ᾽ ἔρ]ευθε φώτων		e a negra terra se manchava
αἵμα]τι γαῖα μέλαινα		com o sangue dos homens assassinados
Ἑκτορ]έας ὑπὸ χει[ρός,		pela mão de Heitor,
. . . (.)]έγ᾽ ἡμιθέοις		(e era grande para) os heróis
. . . . .] ἰσοθέων δι᾽ ὁρμάν.	155	(o sofrimento) à investida dos símeis aos deuses.
—		
. . . . .]ρονες, ἦ μεγάλαισιν ἐλπίσιν		(Ah, infelizes!), com grandes esperanças
πνε<ί>]οντες ὑπερφ[ία]λόν		inspirados
θ᾽ ἱέντες] αὐ[δά]ν		(e gritando) com arrogante voz
Τ[ρῶε]ς ἱππευταὶ κυανώπιδας ἐκ-	160	os cavaleiros troianos
– –˘– –] νέας		(tendo destruído de todo) as naus de escura face
– –˘ εἰλα]πίνας τ᾽ ἐν		(contavam retornar para casa e encontrar festins)
. . . . .]ροις ἕξειν θ[εόδ]ματον πόλιν.		(nas ruas) da cidade bem feita pelos deuses.
μ]έλλον ἄρα πρότε[ρο]ν δι-		Porém, estavam destinados a
ν]ᾶντα φοινίξειν Σκ]άμανδρ[ον,	165	tornar vermelho o vertiginoso Escamandro,
) —		
F'		
θ]νάισκοντες ὑπ[᾽ Αἰακίδαις		morrendo pelas mãos dos Eácidas,
ἐρειψ[ι]πύργοις·		destruidores de muralhas.
τῶν εἰ καὶ τ[˘˘– –		Se os teus...
ἢ βαθυξύλω[ι πυρᾶι –		ou numa pira de altos troncos...

(faltam vv. 170-174)

οὐ γὰρ ἀλαμπέι νυκ[τὸς	175	Pois não perde seu brilho
πασιφανὴς Ἀρετὰ		a Excelência, a todos manifesta,
κρυφθεῖσ᾽ ἀμαυρο[ῦται καλύπτρᾱι,		mesmo que oculta pelo sombrio véu da noite,
—		
ἀλλ᾽ ἔμπεδον ἀκ[αμάτᾱι		mas firme e florescente,
βρύουσα δόξᾱι		de reputação inexaurível,
στρωφᾶται κατὰ γᾶν [τε	180	difunde-se pela terra e
καὶ πολύπλαγκταν θ[άλασσαν.		pelo mar de muitos caminhos.
καὶ μὰν φερεκυδέα ν[ᾶσον		De fato a ilha portadora de triunfo
Αἰακοῦ τιμᾶι, σὺν Εὐ-		de Éaco honra, com Bela Glória,
κλείᾱι δὲ φιλοστεφ[άνωι		amiga de coroas,
πόλιν κυβερνᾶι,	185	governa a cidade
Εὐνομία τε σαόφρων,		também a sensata Eunomia
ἃ θαλίας τε λέλογχεν		a que tem as festividades como quinhão
ἄστεά τ᾽ εὐσεβέων		e as cidades de homens piedosos
ἀνδρῶν ἐν εἰ[ρ]ήνᾱι φυλάσσει·		conserva em paz.
—		
νίκαν τ᾽ ἐρικυ[δέα] μέλπετ᾽, ὦ νέοι,	190	Cantai a amplitriunfante vitória, ó jovens,
Πυθέα, μελέτα[ν τε] βροτω-		a de Píteas, e a dedicação de Menandro,
φ[ε]λέα Μενάνδρου,		útil para os homens,
τὰν ἐπ᾽ Ἀλφειοῦ τε ῥο[αῖς] θαμὰ δὴ		Ele que nas correntes do Alfeu tanto
τίμασεν ἁ χρυσάρματος		honrou a de carros dourados,
σεμνὰ μεγάθυμος Ἀθάνα,	195	a venerável e magnânima Atena,
μυρίων τ᾽ ἤδη μίτραισιν ἀνέρων		a muitos homens com diademas
ἐστεφάνωσεν ἐθείρας		coroou os cabelos
ἐν Πανελλάνων ἀέθλοις.		nos jogos pan-helênicos.
) —		
Z'		
εἰ μή τινα θερσι[ε]πὴς		Se a inveja de astuciosa fala
φθόνος βιᾶται,	200	não o arrebatar,
αἰνείτω σοφὸν ἄνδρα		que cantem esse hábil homem
σὺν δίκᾱι. βροτῶν δὲ μῶμος		com justiça. O reproche dos mortais
πάντεσσι μέν ἐστιν ἐπ᾽ ἔργοις·		está em todas as ações;
ἁ δ᾽ ἀλαθεία φιλεῖ		a Verdade ama a vitória, e o Tempo,
νικᾶν, ὅ τε πανδ[α]μάτωρ	205	que a todos subjuga,
χρόνος τὸ καλῶς		as ações realizadas belamente
ἐ]ργμένον αἰὲν ἀ[νίσχει·		sempre mantém.
δυσμενέων δὲ μα[ταία		Mas a língua vã
γλῶσσ᾽ ἀϊδὴς μιν[ύθει		de homens hostis diminui
(faltam vv. 210-219)		
ἐλπίδι θυμὸν ἰαίνει·	220	com a esperança que acalenta o coração.
τᾶι μὲν ἐγὼ πίσυνο[ς		nela, eu também confiando,
φοινικοκραδέμνοις [τε Μούσαις		e nas Musas de violáceos véus
—		
ὕμνων τινὰ τάνδε ν[εόξαντον μίτραν		este recém-tecido diadema de hinos
φαίνω, ξενίαν τε [φιλά-		apresento, e a resplandecente
γλαον γεραίρω,	225	hospitalidade honro,
τὰν ἐμοὶ Λάμπων, σ[ὺ πορῶν δόσιν οὐ		que a mim Lâmpon, dádiva de teus recursos,
βληχρὰν ἐπαθρήσαις τ[έκει·		não pequena, me concedeste pelo teu filho;
τὰν εἰκ γ᾽ ἐτύμως ἄρα Κλειὼ		se acaso, em verdade, Clio
πανθαλὴς ἐμαῖς ἐνέσταξ[εν φρασίν,		toda-florescente, discurso verteu em mim,
τερψιεπεῖς νιν ἀοιδαὶ	230	canções de agradáveis palavras
παντὶ καρύξοντι λα[ῶ]ι.		proclamarão a todos os homens.

O *Epinício 13*, com seus 231 versos, é a canção mais longa conservada no *corpus* do poeta de Ceos, embora os primeiros 43 que compõem a primeira tríade e parte da segunda estrofe tenham sido quase de todo perdidos.[80] Foi dedicado a Píteas, da ilha de Egina, filho Lâmpon, por sua vitória no pancrácio, nos Jogos Nemeicos de 485 a.C.. Vale notar que a *Nemeia 5*, de Píndaro, celebra a mesma vitória que a *Ode 13*, de Baquílides, o que nos mostra, mais uma vez, a importância do comissionamento de ambos para a celebração dos vitoriosos e a elevação de suas conquistas e de respectivas genealogias e cidades. Isso, decerto, se deve ao renome de ambos à época.

A data para a ode baquilidiana se embasa nos epinícios de Píndaro que congratulam as vitórias de Píteas e de seu irmão mais novo (*Ístimica 5* e *6*), e em referências internas às composições de ambos os poetas, pelo que Ilja L. Pfeijffer, em "The Date of Pindar's Fifth Nemean and Bacchylides' Thirteenth Ode" (1995, pp. 318-332), argumenta em seu favor. Hoje, é a data mais consensual[81], e sua relevância liga-se à questão da situação política entre Atenas e Egina: as cidades mantinham uma relação inamistosa desde tempos mais antigos e, ao longo dos séculos VI e V a.C., foi marcada por desconfianças e conflitos bélicos. É Heródoto (5.82-89) que nos conta sobre o princípio da contenda. Tudo teria começado por volta de 560-550 a.C., por causa de imagens sagradas de *Damía*, deusa da fertilidade, e *Auxēsía*, deusa do crescimento, quando Epidauro estava enfrentando uma escassez de alimentos; após consultarem Delfos, as imagens das deusas foram fabricadas a partir de oliveiras atenienses, fato que gerou uma dívida de Epidauro para com Atenas, que receberia uma quantia anualmente pelo favor prestado. Na época, Egina estava sujeita às exigências de Epidauro, mas rebelou-se. Durante a revolta, as imagens sagradas foram roubadas. Quando Atenas cobrou o que lhe era devido, Epidauro recusou-se a fazer o acerto de contas, pois já não tinha mais posse das imagens. Assim, mandaram Atenas ter com Egina, que também se recusou a arcar com a dívida.[82]

Outros pontos a serem destacados são a dupla menção a Lâmpon (v. 68 e v. 226) na ode, e a atenção dedicada a ele nos versos 226-227, que indica que o pai do vencedor pode ter sido aquele que a comissionou. Estima-se que a família de Píteas fazia parte da classe dos Psalaquidas, um dos muitos grupos aristocráticos – as denominadas *pátrai*

---

[80] Há, ainda, lacunas nos versos 170-174 e 210-219.
[81] A datação da *Ode 13* já foi muito debatida por estudiosos, e Fearn (2007, pp. 342-350) aprofunda-se na questão, sugerindo 483 a.C..
[82] Para maiores detalhe, confira o artigo de Figueira (1985, pp. 49-74).

(πάτραι, "fraternidades")[83] – que se uniam através de relações de parentesco e que prezavam pela excelência nata de seus membros, fator este que contribuiu para o grande desempenho de Egina nas competições esportivas. Além disso, Píteas deveria ser ainda um *paîs* (παῖς, "garoto"), quando de sua competição, levando em consideração a descrição que Píndaro fornece em sua *Nemeica*, de um jovem ainda *agéneios* (ἀγένειος, "sem barba", v. 6). A idade do menino explicaria, principalmente, a menção a seu treinador ateniense, Menandro (v. 191), algo que é bastante incomum nas odes epinícias, a menos que elas celebrem meninos ainda infantes.[84] Notamos que há muita controvérsia sobre a figura de Menandro, considerando as rixas entre Egina e sua cidade natal, Atenas. Ele obteve grande destaque, treinando jovens para as competições, e é referido em outras odes de Píndaro dedicadas a vencedores eginetas: *Nemeica 6* (vv. 64-66), *Olímpica 8* (vv. 54-56) e *Nemeica 4* (vv. 93-96). Considerando que, quando o *Epinício 13*, de Baquílides, foi composto, Egina e Atenas ainda estavam em conflito, a presença do treinador na ode egineta do poeta de Ceos poderia ser problemática. No entanto, não seria absurdo reconhecer a competência de um ateniense que facilitou o sucesso de um cidadão de Egina. Além disso, como explica Maria Pavlou, em "Aegina, Epinician Poetry, and the Poetics of Conflict" (2015, pp. 9-14), a rixa entre as cidades não se estendia a todos os membros da comunidade, portanto, não anula possíveis alianças entre famílias atenienses e eginetas, e Heródoto (6.91) alega que as disputas se concentravam, sobretudo, entre os mais ricos e os menos privilegiados. Para Pavlou (*ibid.*, p. 14), haveria duas razões maiores para a menção ao treinador: servir como veículo para argumentos políticos, enquanto fornece um meio para as famílias pró-Atenas mostrarem seu viés político em oposição as demais, e buscar abrir um canal de comunicação entre famílias eginetas pró-Atenas e a elite ateniense. Seja como for, Baquílides parece justificar-se e exigir que Menandro também seja honrado, de modo justo, sem inveja (vv. 190-202).

Se antagonismo e competitividade são elementos constitutivos ao mundo grego arcaico e clássico, e tanto mais à aristocracia do séc. V a.C., a nobreza egineta parece ter levado isso ao extremo, pois é fato que os três poetas do epinício – Simônides (*c.* 556-468 a.C., ilha de Ceos), do qual quase nada resta[85], Baquílides e Píndaro – compuseram

[83] Sobre a constituição da sociedade em Egina, cf. Pavlou (2015, pp. 1-23).
[84] Woloch (1963, pp. 102-104) e Pavlou (*ibid.*) discorrem sobre esta questão em detalhe.
[85] Para os epinícios de Simônides, veja Rawles (2012, pp. 3-27).

canções para celebrar atletas de Egina. E como era habitual, também lá as estátuas dos vencedores se somavam aos epinícios no programa encomiástico de suas vitórias.[86]

Apesar das lacunas indicadas no seu texto, é possível distinguir na *Ode 13* os elementos tradicionais do epinício:

i. o proêmio que nos falta, entre os versos 1 e 45;

ii. a primeira narrativa mítica sobre os Jogos Nemeicos, que começa após o proêmio e se estende até o verso 57;

iii. uma transição gnômica (vv. 58-66);

iv. um primeiro elogio (vv. 67-99), dirigido inicialmente ao atleta (vv. 67-76), e, depois, à cidade (vv. 77-99).

Pode-se dizer que os itens ii a iv compõem a primeira parte (vv. 46-99) da ode, em seguida ao proêmio. Sucedendo-a, temos:

v. a segunda parte da ode (vv. 100-167), com a narrativa mítica central, protagonizada por dois heróis Eácidas, Ájax e Aquiles, perante o ataque dos troianos às naus gregas na guerra de Troia;

vi. a terceira parte da ode (vv. 168-231), aberta e fechada por uma *gnṓmai* de transição (vv. 168-181 e vv. 199-220), trazendo um segundo elogio (vv. 182-198), destinado à cidade (vv. 182-189), inicialmente, e ao vitorioso e ao treinador (vv. 190-198);

vii. a conclusão (vv. 221-231), que apresenta a dedicatória do poeta ao vencedor.[87]

O primeiro e o segundo elogio são organizados em quiasmo, e são articulados por *ring-composition* nas seções que precedem e que sucedem o mito principal. Ademais, os locais atribuídos à atual vitória de Píteas e à vitória anterior de Menandro são nomeados nos versos 67-193 e 198, Píteas é endereçado nos versos 68 e 191, e a descrição de seu cabelo "coberto com coroas de flores sempre viçosas" (*[panthaléōn stephánoisin anth]é[ōn] khaítan [er]ephtheís,* vv. 69-70) é espelhada na figura de Atena que "a muitos homens com diademas coroou os cabelos nos jogos pan-helênicos" (*muríōn t'édē mítraisin anérōn estephánōsen etheíras em Panellánōn aéthlois,* vv. 196-198). O enaltecimento da cidade nos versos 77-99 é assinalado pelas referências a Egina (vv. 77, 94-95) e corresponde ao louvor seguinte (vv. 182-198).

[86] Pavlou (*ibid.*).
[87] Cairns (2010, pp. 139) e Jesus (2014, p. 106).

Os elogios à cidade e o segundo elogio ao *laudandus* estão interligados pelo conceito de honra divina, reiterado algumas vezes, na expressão *megálan timán* ("grande honra", vv. 79-80), relativa à ninfa Egina; no epíteto *pherekudéa* ("portadora de triunfo", vv. 182-183), dado agora à cidade de Egina; na frase sobre a honra a Atena (*tímasen há khrusármatos semnà megáthumos Athána*, vv. 193-195). O atributo *pherekudéa* é retomado no verso 190 pela expressão *níkan eriku[déa]* ("amplitriunfante vitória"); e ambos são reforçados por *Níkas] ph[e]r[e]kudéos* ("Vitória portadora de triunfo", v. 59) na primeira *gnṓmē*, a de transição (vv. 58-66).

Conforme o comentário fornecido por Douglas Cairns, em *Bacchylides* (2010, p. 140), as três reflexões gnômicas incorporam ecos verbais e conceituais importantes. Todas elas abordam a preservação da reputação (*dóxa*, vv. 61, 179), as recompensas dos grandes feitos (*kléos eû erkhthéntos*, "glória imortal", vv. 65-66; *Aretà*, "Excelência", v. 176; *[tò kalṓn e]rgménon,* "ações realizadas belamente", vv. 206-207), e cada recompensa tem um personagem personificado como divindade atuante: Vitória (*Níka*, v. 59), Excelência (*Aretà*, v. 176); Verdade (*alatheía*, v. 204); Tempo (*khrónos*, v. 206). Para Cairns (*ibid.*, p. 328) Verdade e Tempo são personificações, por serem os sujeitos dos verbos *phileî* ("ama", v. 204) e *anískhei* ("mantém", v. 206), respectivamente, e por serem ambos são retratados como oponentes em uma luta: a Verdade ama a vitória, e o Tempo a todos subjuga (*pandamátōr,* v. 205). Não menos importante, eles vêm em auxílio daqueles que resistem à inveja. Além disso, a fama é retratada como a luz que vence a escuridão:[88] "dourada e conspícua reputação ... a escura nuvem da morte os cobrir" (*[khrusé]an dóxan ... kuáneon néphos kalúpsēi*, vv. 61 e 64); "pois não perde seu brilho a Excelência, a todos manifesta, mesmo que oculta pelo sombrio véu da noite" (*ou gàr alampéi nuk[tós pasiphanès Aret[à kruphtheîs' amauro[ûtai kalúptrai*, vv. 175-177).

Quanto à primeira e a segunda seções da canção, estas relacionam-se pelas ideias do florescer – *ánthea* ("flores", v. 60) e *brúousa* ("florescente", v. 179) – e da fama que transcende a morte – *athánaton kléos* ("glória imortal", v. 65), *ak[amátāi ... dóxai]* ("reputação inexaurível", vv. 178-179).

No que diz respeito aos mitos, o trabalho do poeta assemelha-se àquele do *Epinício 11*, no sentido de que são elaborados conforme o padrão mélico, transitando entre passado e presente, em uma série de anéis.[89] Como no *Epinício 9*, há duas narrativas

[88] O mesmo contraste entre luz e escuridão é encontrado no *Epinício 3* e no *Epinício 9*, conforme comentado nos estudos 1 e 2.
[89] Para ver o esquema completo, cf. Cairns (2010, p. 141).

míticas e elas se apresentam do mesmo modo: enquanto a primeira delas lida com a origem dos jogos, a outra exalta a cidade do vitorioso.

Na ode deste estudo, a primeira das narrativas míticas (vv. 46-57) é, inclusive, a mesma que vimos antes, na *Ode 9* (vv. 6-9): o embate entre Héracles e o Leão de Nemeia. Naquela ode, como nesta, a vitória de Héracles serve de paradigma para as disputas que serão celebradas nos Jogos, e para glorificar a cidade de Nemeia, ainda que o herói não seja tido como o fundador da competição, propriamente.[90] Arthur McDevitt, em *Bacchylides* (2009, p. 199), afirma que, na *Ode 13*, Baquílides não confere a origem dos jogos à celebração da derrota do leão, nem rebate a versão dos *Sete Contra Tebas* como seus fundadores oficiais. Vimos, nas odes anteriores, Baquílides apropria-se da tradição e dá a ela novo tom de acordo com seus objetivos, mas, neste caso, é interessante notar como ele trabalha com o mesmo mito em seu repertório. Uma vez que as circunstâncias são outras, a abordagem não pode ser a mesma. A luta entre o semideus e a fera faz-se mais brutal, embora não haja derramamento de sangue: o poeta enfatiza que o leão não pode ser tocado pela lança do herói, que chega a dobrar ao contato com seu couro (vv. 50-54). David Fearn, em *Bacchylides* (2007, pp. 148-149), acrescenta que a apropriação do mito na *Ode 13* pretende promover ideais aristocráticos que servirão de modelo tanto para Píteas, quanto para a comunidade. No poema, esse argumento se sustenta, na medida em que representa o triunfo da justiça (*díka*, v. 45) sobre a insolência (*húbris*, v. 44): ao enfrentá-lo com sua própria mão "difícil de suportar" (*dúslophon*, v. 46), ambos o animal e o semideus estão em igualdade de condições na luta. Emma Stafford em *Herakles* (2012, p. 31), observa que seria possível que Héracles tivesse tentado vencer a fera com a espada, primeiramente, mas, ao perceber a invulnerabilidade de sua pele, teria avançado contra o leão com suas próprias mãos.[91] Além disso, Stafford (*ibid.*, p. 13; p. 31) também nos diz que as histórias de luta entre homens e leões partem de um modelo oriental que têm na figura do grandioso felino um nobre adversário. De modo semelhante, Walter Burkert, em "Héraclès et le animaux: perspectives préhistoriques et pessions historiques" (1998, pp. 11-26), ressalta que, nos trabalhos atribuídos a ele que envolvem animais, cabe a Héracles transferir as feras do mundo selvagem à civilização.

Héracles, não obstante, para Anne P. Burnett em *The Art of Bacchylides* (1985, p. 92), ocupa, no mito, a posição de legítimo filho de Zeus, expandindo os domínios de seu

[90] Ver a discussão do *Epinício 9* no segundo estudo.
[91] Stafford (*ibid.*, *id.*) explica que a ideia da pele do leão ser impenetrável não era popular antes do século VI a.C.. Na verdade, a primeira fonte poética desta característica do felino é o *Epinício 13* de Baquílides.

pai, no que diz respeito às leis que regem os homens e constituem sua ordem no cosmos. Assim, o mito do embate entre Héracles e o Leão de Nemeia, na *Ode 13*, é visto como uma continuação do estabelecimento da ordem sobre o caos desde os primórdios e, por associação, o sucesso de Píteas faz parte deste mesmo imaginário. O episódio é narrado por uma testemunha, desconhecida a nós por conta das lacunas, talvez Atena ou a ninfa Nemeia, e o poeta profetiza que, no futuro, os gregos enfrentarão a mesma prova. Ademais, o enfoque dado à força prodigiosa de ambos os que travam o combate no relato mítico consiste na essência do pancrácio, destacando a dificuldade da prova, e enobrecendo a habilidade do ganhador. Por conseguinte, a interpretação dessa conquista se estende para o nível da fama do atleta, que deve ser tão potente quanto a de Héracles.

Para o encômio à pátria do *laudandus*, na narrativa mítica principal (vv. 100-167), o poeta recorre ao repertório mítico da fundação da ilha de Egina e de sua nobre linhagem. Recordemos que Egina é uma das ninfas filhas do rio Asopo, como vimos no segundo estudo, irmã de Nemeia; ela é raptada por Zeus e levada para uma ilha distante, futuramente nomeada a partir dela. Da união entre eles nasce Éaco, pai de Peleu e de Télamon. Peleu gera Aquiles com Tétis; Télamon, Ájax, com Euribeia. Píndaro também narra as façanhas de Éaco ou de seus descendentes nas canções dedicadas a vencedores de Egina (*Nemeicas 3, 4, 5, 6, 7* e *8, Olímpica 8, Ístmicas 5, 6* e *8*) e no *Peã 6* – brevemente mencionado no estudo do *Epinício 9,* sobre o enlace de Zeus com a ninfa Egina. Aliás, tanto no *Peã 6* (vv. 132-134) quanto no *Epinício 13* aqui estudado (vv. 77-83), explora-se a honra que foi concedida por Zeus à Egina, por gerar com ela prole ilustre, e a Éaco, por ser fruto dessa união e soberano da cidade que leva o nome de sua mãe.

Nota-se, portanto, que os patronos esperavam ouvir sobre os Eácidas e seus feitos, como forma de garantir sua identidade cultural, o que é explicitado, do mesmo modo, na arquitetura e na vida religiosa da comunidade.[92] Havia, na cidade, um grande santuário, denominado *Aiakeion*, em honra a Éaco, onde atletas ofertavam suas guirlandas conquistadas nos Jogos da cidade, os *Aiakeia*.[93] Ao escolher uma passagem da *Ilíada* (15, 674-746) para fundamentar seu elogio, Baquílides prestigia dois heróis eginetas de uma só vez: Aquiles e Ájax Telamônio. O recorte que o poeta faz nos leva a este momento da epopeia, quando, na ausência de Aquiles, os troianos, impulsionados por Apolo, avançam sobre os gregos, os quais, por sua vez, recuam para as naus. A ausência do Pelida não é

[92] Cairns (2010, pp. 143-144).
[93] Fearn (2007, pp. 89-100) discorre sobre a relação entre os cultos praticados em Egina e suas relações com a política local entre os séculos VI-V a.C.

negativa para a interpretação do mito, visto que é a razão do protagonismo de Ájax; a essa altura, o filho de Télamon consegue a proeza de afastar Heitor, prestes a atear fogo aos navios inimigos. Os acontecimentos seguintes anunciam o desfecho do poema épico: Pátroclo decide lutar no lugar de Aquiles, mas acaba morto por Heitor, o qual é vítima da vingança do filho de Tétis.

Não pela primeira vez, o paradigma mítico parece demasiado funesto para o contexto do epinício de Baquílides, e a atenção dedicada à violência e à força física – ressalto os epítetos da "força esmagadora" (*hupérbi[on]*, v. 75) de Píteas, e da audácia e fúria de Ájax (*hupérthumon*, v. 103) – continuam a reverberar, agora com o derramamento de sangue entre gregos e troianos (vv. 150-156). Entretanto, as circunstâncias são abordadas com o tom festivo próprio aos epinícios, ao comunicar as conquistas dos heróis e de Píteas entre imagens constantes de florescimento, já comentados brevemente ao longo da exposição sobre as *gnômai*, e de grinaldas. Com isso, Baquílides reitera que o sucesso de uma cidade bem-ordenada e civilizada, como Egina, floresce e frutifica, assim como ela. Outros exemplos são da ideia do vicejar de flores estão em: "colinas floridas" (*anthemóentas ep' [ókhthous]*, v. 88), "e elas, coroadas de flores carmesim" (*taì dè stephanōsáme[nai phoi]ikéōn anthéōn dónakós...,* vv. 91-92), "Nereida de coroa violeta" (*iostepháno[u Nērêidos]*, vv. 122-13) e "Boa Glória amiga de coroas" (*Eukleíāi philosteph[ánōi]*, vv. 183-184).

Retomemos o conceito de luz e sombra (ou escuridão). Baquílides contrapõe o fogo destinado à destruição das naus por parte dos troianos (v. 108, 160-161) ao fogo que simboliza a glória inapagável de Egina e dos Eácidas, que brilha como uma tocha (*pursòn phaínōn,* vv. 82-83). O mesmo, aliás, é anunciado pelo nome de Lâmpon, "o brilhante"; seguindo o raciocínio da linhagem dos eginetas, acaba projetando-se como natural que seu filho, Píteas, perpetuasse tal fulgor. Para os troianos, a retirada de Aquiles significa a luz da Aurora, que ilumina os mortais (*phaesim[brótōi Aoî]*, vv. 128-129), depois da escuridão de uma tempestade noturna (*nuktòs*, v. 127) no "mar de escuro florir" (*kuananthéi póntōi,* v. 124), e eles contemplam a possibilidade de obterem o radiante brilho da vitória, "brilhante luz" (*phoibán aíglan*, vv. 139-140). Tal contraste, de acordo com Fearn (2007, p. 148), manifesta a dimensão ética da canção: a do triunfo da verdade sobre a inveja e o engano dos guerreiros de Príamo.

Os troianos são um paradigma negativo, quando contrastados com Héracles, que vence a *húbris*, e com o vitorioso do pancrácio, Píteas, implicitamente. Além disso, Fearn (2007, p. 125) associa as virtudes aristocráticas de coragem e hombridade à glória

qualificada, em Homero, pelo mesmo epíteto atribuído ao fogo: "incansável", "inexaurível" (*akámatos*), e declara que a expressão *akamátai...dóxai* equivale a *kléos áphthiton* (κλέος ἄφθιτον, "glória imperecível") de Homero na *Ilíada* (9, v. 413); portanto, conclui, esse fogo homérico é recurso perfeito para a memorização e transmissão da excelência (*aretḗ*) dos eginetas, retratados por Baquílides como uma comunidade que valoriza honra, justiça, religião e festividade, cujas qualidades morais estão refletidas nas figuras de *Aretḗ* (v. 176), *Eukleía* (v. 183) e *Eunomía* (v. 185).

Outro ponto que aproxima a *Ode 13* de Baquílides a Homero é o símile da tempestade (vv. 124-140), elemento da tradição épico-homérica, sem dúvida. Fearn (*ibid.*, pp. 128-129) explica que Baquílides emprega o recurso para transmitir elementos essenciais ao seu argumento, importantes para seu estilo narrativo de modo geral. Seu maior efeito é permitir que a audiência rememore os episódios a partir da referida tradição épica, e da *Ilíada* em especial, e se conecte com o passado mítico dos heróis das canções e dos descendentes de Egina. Não obstante, o trecho evoca outros momentos na épica, em que os gregos estavam em dificuldade, dando apenas alguma vantagem aos inimigos, logo antes de aniquilá-los (*Ilíada* 9.1-8 e 15.624-629). Estudiosos como Fearn (*ibid.*, pp. 120-121) acreditam que o *Epinício 13* é o epinício mais homérico de Baquílides, no que diz respeito ao seu conteúdo.

Anthony E. Harvey, em "Homeric Epithets in Greek Lyric Poetry" (1957, pp. 206-223), investiga como a linguagem de Homero é aproveitada pela mélica. Os gêneros diferenciam-se por muitos fatores, mas epítetos homéricos convencionais ocorrem com frequência. Para Harvey, os poetas demonstram suas habilidades através das escolhas dos adjetivos a serem empregados. A "fórmula homérica" conta com epítetos ornamentais, ou seja, aqueles que parecem ser dispensáveis, se não estão relacionados com o contexto no qual estão inseridos. Contudo, a poesia de Simônides, Píndaro e Baquílides vai além da tradição épica: esses poetas manipulam vários termos e expressões homéricas, as quais, muitas vezes, são incorporadas às suas canções com novo tom.

Baquílides, como sabemos, explora os adjetivos ao extremo. Embora não sejam de fato homéricos, são cunhados a partir de um modelo épico comum: parecem compostos homéricos, mas carregam em si um "frescor original". Ora, se o *Epinício 13* é tido como o mais homérico do *corpus*, não deveríamos esperar reflexos disso nas escolhas linguísticas do poeta, sobretudo nos epítetos? É possível observar certa semelhança com Homero em *krateràn hu[s]mínan* ("forte luta", v. 143-144), *[Arēs eu]enkhḗs* ("Ares de

poderosa lança", vv. 146-147), *[n]ausìn d'euprúmnois* ("naus de bela proa", v. 150), "negra terra" (*gaîa mela[ina]*, v. 153).

Vejamos, então, a escolha de tais adjetivos e os epítetos conferidos aos deuses Zeus e Apolo na canção.

i) Zeus *Arístarkhos, Kronídas*

No âmbito das divindades, se nos valermos dos argumentos propostos por Harvey, podemos cogitar que o epíteto de Zeus *aristárkou* ("o melhor soberano", v. 58) segue o estilo dos compostos épicos, embora seja quase exclusivo. Vale notar que parece haver uma ocorrência deste epíteto em Simônides, de acordo com uma passagem do *Banquete dos Eruditos* (3. 99 B) de Ateneu (séculos II-III d.C.) (fr. 614 *PMG*):

> οἶδα δ' ὅτι καὶ Σιμωνίδης που ὁ ποιητὴς ἀρίσταρχον εἶπε τὸν Δία.
>
> Sei que o poeta Simônides, em algum momento, fala de Zeus *arístarkhon.*

A disparidade, porém, reside no fato de que o epíteto em Baquílides não é apenas ornamental, mas sugere, outra vez, a supremacia do deus que agora vem acompanhado de *Níka*, e ambos favorecem as vitórias no pancrácio: o melhor dos soberanos agracia os melhores dos homens (atletas), das melhores cidades, com glória imortal. *Áristos* (ἄριστος) é o superlativo de *ágathos* (ἀγαθός, "bom", "nobre"), adjetivo que, segundo Chantraine (1999, p. 106), está relacionado à excelência do corpo e seus méritos, a nobreza da descendência e à boa fortuna. Os compostos formados a partir do superlativo *árist-* conferem importância e destaque. Quando aplicado ao epíteto de Zeus, o sentido principal de *ágathos* ainda se faz notar, dada a nobreza inerente ao olimpiano. No composto *arístarkhos*, a excelência se estende ao governo do deus sobre seus semelhantes no panteão e também sobre os mortais.

O outro epíteto que qualifica Zeus é o patronímico *Kronídas* (v. 79). Desta vez, tal epíteto é posicionado dentre os versos que qualificam Egina (vv. 77-80) como "filha do rio turbilhonante" (*potamoû thúgater dinántos*, vv. 77-78), tendo Zeus Cronida concedido a ela grande honra. O deus honra a cidade de Egina com o sucesso de Píteas, do mesmo modo como ele, implicitamente, honrou a ninfa ao gerar com ela prole ilustre. Também no *Epinício 11* Zeus Cronida é referido em menções à linhagem de Preto e Acrísio. Percebe-se, portanto, a importância da genealogia para estas das odes, enfatizada pela própria genealogia de Zeus.

Ambos os epítetos acima vistos, atribuídos ao Olimpiano, manifestam seu favor divino. Não se vê neles, porém, como é o caso com Apolo, uma conexão significativa com Homero.

ii) Apolo *Lukíōn ánax, Loxías*

Na *Ode 13,* Apolo é "o senhor dos Lícios" (*Lukíōn ánax*, vv. 147-148) e *Loxías* (v. 148). Na *Ilíada* (4.101, 119) Homero atribui-lhe o epíteto *Lukēgenḗs* ("nascido da Lícia"), que designa a relação de Apolo com a Ásia Menor, seu provável local de origem, de acordo com Burkert, em *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica* (1993, p. 287), e Fritz Graf, em *Apollo* (2008, pp. 9-13). A associação do deus com a Lícia também pode ser observada no Canto 16 da *Ilíada,* quando o deus vem em socorro de Glauco (vv. 509-533), aliviando a dor de suas feridas, para que este possa continuar incitando os demais guerreiros lícios contra Pátroclo. Mais adiante, dos versos 666 ao 683, Zeus pede que Apolo cuide do cadáver de seu mais estimado filho, Sarpédon, também de origem lícia; Apolo acata as ordens do pai e, após tratar do corpo do guerreiro, entrega-o a Sono e Morte, para que o levem de volta à Lícia, de modo que receba os ritos fúnebres apropriados. Apolo é aliado dos troianos tanto na *Ilíada* quanto na canção de Baquílides.

Loxías, por sua vez, é epíteto do deus no *Epinício 3* (v. 65), como comentado no primeiro estudo. Na terceira ode, o emprego do epíteto é bastante lógico, considerando a relação do deus com Creso e com Hierão; na décima terceira ode, entretanto, a escolha por um epíteto que ressalta a característica oracular da divindade intriga-nos por não estar atrelada a este contexto. Se desejarmos traçar algum paralelo entre ambos, há a localidade: além de Delfos, outros dois santuários do deus para divinação estavam em Claros e em Dídimos, ambas localidades da Ásia Menor, segundo Graf (2008, p. 45).

Em contrapartida, Charles Segal, em "Bacchylides Reconsidered" (1976, p. 101) afirma que os epítetos homéricos enfatizam a generalidade e universalidade daquilo que descrevem, mas os de Baquílides fazem o inverso: eles reforçam a particularidade e a individualidade do objeto ou da situação. Enquanto a épica visualiza o mundo de modo cristalizado, em imagens imutáveis, a mélica do poeta é capaz de expandir tais imagens. O conteúdo épico é segmentado em momentos, e explorado ao máximo. Os epítetos, portanto, voltam a atenção da audiência para os detalhes do que está sendo narrado.

- Conclusão

Na *Ode 13*, apesar das significativas lacunas, percebe-se o protagonismo do Cronida nos mitos que envolvem Egina (ninfa e ilha) e, por conseguinte, na excelência dos heróis que dela descendem – no passado mítico e no presente na canção. Zeus volta a ser reverenciado nas circunstâncias de seus Jogos Nemeicos. Apolo, por outro lado, é referido apenas no episódio épico escolhido pelo poeta, e seus atributos aqui são aqueles mesmos explorados em alguns trechos indicados da *Ilíada*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou mapear e explorar a semântica da linguagem empregada por Baquílides, enfocando os epítetos atribuídos a Zeus e Apolo nos epinícios. As seis odes analisadas apresentam diversos pontos em comum entre si, mas, ao mesmo tempo, realçam a versatilidade do poeta. Linguagem e conteúdo são articulados em perfeita harmonia para produzirem cada um dos encômios aos vitoriosos e trazerem prestígio as suas comunidades. O escopo de cada epinício é diverso; as *Odes 3, 4* e *5* centralizam o elogio na figura de um homem (o tirano Hierão), e as *Odes 9, 11* e *13*, na *pólis* do *laudandus.* Assim sendo, as narrativas míticas e as imagens criadas por Baquílides são singulares a cada composição.

A presença dos deuses nestas canções é *mister*. Ora são paradigma mítico aos vencedores e aos membros da audiência e da comunidade, ora remetem às fundações de cidades, suas origens e a seus cultos específicos. Se são objeto do primeiro elogio, pois a eles as competições, o sucesso de seus participantes e a própria canção são dedicados, recebem nomes que reafirmam seus melhores atributos e seus domínios. Concluímos que os epítetos conferidos aos deuses são manipulados, sobretudo, conforme os mitos das odes, à ocasião dos Jogos e ao objetivo semântico-retórico do poeta.

Neste *corpus*, os epítetos não são, de modo algum, banais; tampouco servem de simples adorno aos personagens. Ainda que o caráter retórico de alguns não seja evidente, eles não parecem ser aleatórios. Em sua maioria, são adjetivos e compostos. Muitos também são criações do poeta – seja um novo termo, ou algum que já exista, mas ao qual o poeta confira novo sentido, transformando-o, com sagacidade, de acordo com seus objetivos. Deparamo-nos, mais de uma vez, com epítetos simples, como *mégas, megístos, ánax, patḗr,* unidos a epítetos compostos e exuberantes. Isso confirma a espontaneidade e a inteligibilidade da mélica de Baquílides, que desfruta da tradição poética que a antecede, ao mesmo tempo que demonstra grandes habilidade e autenticidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÕES E TRADUÇÕES DOS TEXTOS GREGOS

ALLEN, T. W. *Homeri Ilias*. vols. 2-3. Oxford: Clarendon Press, 1931.

BLASS, F. (ed.). *Bacchylidis Carmina cum Fragmentis*. Leipzig: Teubner, 1898.

CAIRNS, D. (introd., ed., coment.); HOWIE, J.G. (trad.). *Bacchylides. Five Epinician Odes (3, 5, 9, 11, 13)*. Cambridge: Francis Cairns, 2010.

DRACHMANN, *A. B. Scholia Vetera in Pindari Carmina*. 3 vols. Leipzig: Teubner, 1:1903; 2:1910; 3:1927.

JEBB, R. C. (ed.). (trad.). *Bacchylides: The Poems and Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press 1905.

JESUS, C. A. M de. (trad., intr. e coment.). *Baquílides. Odes e Fragmentos.* São Paulo: Annablume Editora, 2014.

KENYON, F. G. (ed.). *The Poems of Bacchylides: from a Papyrus in the British Museum.* London: The Trustees of the British Museum, 1897.

MAEHLER, H. (ed.). *Bacchylides.* 11ª ed. Leipzig: Teubner, 2003.

____. (ed.). *Bacchylides: A Selection.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004.7

OLSON, S. D. (ed.). (trad). *Athenaeus. The Learned Banqueters.* Cambridge, Massachusetts, London, England: Harvard University Press, 2006.

PAGE, D. L. (ed.). *Poetae Melici Graeci.* Oxford: Claredon Press, 1962.

RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira Grega. Antologia de Poesia Arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

_____. (org., trad.). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª ed. revista, ampliada, bilíngue. São Paulo: Hedra, 2021.

RUTHERFORD, I. *Pindar's Peans. A Reading of the Fragments with a Survey of the Genre.* Oxford: Oxford University Press, 2001.

SNELL, B.; MAEHLER, H. (eds.). *Bacchylides Carmina cum Fragmentis post Brunonem Snell edidit Hervicus Maehler.* Leipzig: Teubner, 1970.

_____. (eds.). *Pindarus – Pars I: Epinicia.* Leipzig: Teubner, 1987.

ESTUDOS

BREMER, J. M. "Traces of the Hymn in the Epinikion". *Mnemosyne* 61.1, 2008, pp. 1-17.

BUDELMANN, F. "Introducing Greek Lyric". In: ____. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek Lyric.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 1-18.

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. "Héraclès et les animaux. Perspectives Préhistoriques et Pressions Historiques.". In: Bonnet, C. *et alli* (eds.). *Le Bestiaire d'Héraclès.* Liége: Presses Universitaires de Liège, 1998, pp. 11-26.

BURNETT, A. P. *The Art of Bacchylides.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CAIRNS, D. L. "Myth and the Polis in Bacchylides' Eleventh Ode." *JHS* 125, 2005, pp. 35-50.

CAREY, C. A. "The Performance of the Victory Ode". *AJPh* 110.4, 1989, pp. 545-565.

_____. “Genre, Ocasion and Performance”. In: Buldemann, F. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek Lyric.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009, pp. 21-38.
CARSON, A. “The Burners: A Reading of Bacchylides’ Third Epinician Ode”. *Phoenix* 38.2, 1984, pp. 111-119.
CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque.* Paris: Klincksieck, 1999.
COLIN, G. “Inscriptions de Thespies”. *BCH* XXI, 1897, pp. 551-571.
COOK, A. B. *Zeus. A Study in Ancient Religion.* Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 1914.
____. *Zeus. A Study in Ancient Religion.* Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press, 1925.
CRANE, G. “The Prosperity of Tyrants: Bacchylides, Herodotus, and the Contest for Legitimacy”. *Arethusa* 29.1, 1996, pp. 57-85.
DAVIES, J. K. “The Moral Dimension of Pythian Apollo”. In Lloyd, A.B. (ed.). *What is a God? Studies in the Nature of Greek Divinity.* Swansea: Classical Press of Wales, 2009, pp.43-64.
DELFITO, J. S. S. *Peãs e Encômios de Baquílides e Píndaro: Duas espécies nos Fragmentos Mélicos dos Poetas Tardo-Arcaicos.* Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2020.
DOWDEN, K. *Zeus.* London: Routledge, 2006.
ECKERMAN, C. “The ΚΩΜΟΣ of Pindar and Bacchylides and the Semantics of Celebration”. *CQ* 60.2, 2010, pp. 302-312.
FARNELL, L. R. “Archeological Notes on Bacchylides”. *CR* 12.7, 1898, pp.343-346.
FEARN, D. “Mapping Phleious: Politics and Myth-Making in Bacchylides 9”. *CQ* 53.2, 2003, pp. 347-367.
_____. *Bacchylides. Politics, Performance, Poetic Tradition.* New York: Oxford University Press, 2007.
FIGUEIRA, T. “Herodotus on the Early Hostilities between Aegina and Athens”. *AJPh* 106.1, 1985, pp. 49-74.
GANTZ, T. *Early Greek Myth*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993. 2 vols.
GERBER, D. E. (ed.). “Simonides”. In: ___. (ed.). *A Companion to the Greek lyric poets.* Leiden: Brill, 1997, pp. 243-252.
_____. “Bacchylides”. In: ___. (ed.). *A Companion to the Greek lyric poets.* Leiden: Brill, 1997, pp. 278-287.
GRAF, F. *Greek Mythology: An Introduction*. Trad. T. Marier. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.
_____. *Apollo.* London: Routledge, 2008.
HADJIMICHAEL, T. A. “Epinician Competitions: *Persona* and Voice in Bacchylides”. In: *Poesia, Musica e agoni nella Grecia antica.* Milão: Congedo Editore, 2010 2011, pp. 335-336.
HARVEY, A. E. “The Classification of Greek Lyric Poetry”. *CQ* 5, 1955, pp. 157-175.
_____.“Homeric Epithets in Greek Lyric Poetry”. *CQ* 7.3, 1957, pp. 206-223.
HERINGTON, J. *Poetry intro Drama. Early Tragedy and the Greek Poetic Tradition*. Berkeley: University of California Press, 1985.
HORNBLOWER, S. MORGAN, C. (eds.). *Pindar’s Poetry, Patrons, and Festivals: From Archaic Greece to the Roman Empire.* Oxford: Oxford University Press, 2007.

HUBBARD, T. K. “The Dissemination of Epinician Lyric: Pan-Hellenism, Reperformance, Written Texts”. In: MACKIE, C. J. (ed.). *Oral Performance and its Context.* (*Mnemosyne* Suppl. 248). Leiden: Brill, 2004.

KIRK, G.S. “Methodological Reflexions on The Myths of Herakles”. In Gentili, B. Paioni, G. (a cura di.). *Il Mito Greco. Atti del Convegno Internazionale (Urbino 7-12 maggio 1973).* Roma: Ed. dell'Ateneo e Bizzarri, 1977, pp. 285-297.

KIRKWOOD, G. M. “The Narrative Art of Bacchylides”. In Wallach, L. (ed.). *The Classical Tradition: Literary and Historical Studies in Honor of Harry Caplan*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1966, pp. 98-114.

LARSON, J. *Ancient Greek Cults.* New York: Routledge, 2007.

LEFKOWITZ, M. R. “Bacchylides' Ode 5: Imitation and Originality”. *HSPh* 73, 1969, pp. 45-96.

LESHER, J. H. “Archaic Knowledge”. In: Wians, W. (ed.). *Logos and Muthos. Philoshophical Esays in Greek Literature.* Albany: State University of New York, 2009, pp.13-28.

MANN, C. “The Victorious Tyrant: Hieron of Syracuse in the Epinicia of Pindar and Bacchylides”. In: Luraghi, N. (ed.). *The Splendors and Miseries of Ruling Alone: Encounters with Monarchy from Archaic Greece to the Hellenistic Mediterranean. Studies in Ancient Monarchies 1*. Stuttgart: Franz Steiner, 2013, pp. 25-48.

McDEVITT, A. *Bacchylides: The Victory Poems.* London: Bristol Classical Press, 2009.

MILLER, S. G. (ed.). *Nemea. A Guide to the Site and Museum.* Berkeley: University of California Press, 1990.

MOST, G. W. “Greek Lyric Poets”. In: Luce, T. J. (ed.). *Ancient Writers: Greece and Rome, Vol. I.* New York: Charles Scribner’s Sons, 1982, pp. 75-98.

_____. “Poet and Public: Communicative Strategies in Pindar and Bacchylides”. In: Agócs, P. *et alii* (eds.). *Reading the Victory Ode*. New York: Cambridge University Press, 2012, pp. 249-276.

OOST, S. I. “The Tyrant Kings of Syracuse”. *CPh* 71.3, 1976, pp. 224-236.

PARKER, V. “Tyrants and Lawgivers”. In: Shapiro, H. A. (ed.). *The Cambridge Companion to Archaic Greece.* Cambridge: Cambridge University Press, 2007, pp. 13-39.

PAVLOU, M. “Aegina, Epinician Poetry, and the Poetics of Conflict”. *Phoenix* 69.1-2, 2015, pp. 1-23.

PFEIJFFER, I. L. “The Date of Pindar’s Fifth Nemean and Bacchylides’ Thirteenth Ode.” *CQ* 45.2, 1995, 318-332.

RAWLES, R. “Early Epinician: Ibyus and Simonides”. In: Agócs, P. *et alii* (eds.). *Reading the Victory Ode.* New York: Cambridge University Press, 2012, pp. 3-27.

REEDER, E. D. “Women and Men in Classical Greece”. In: ____. *Pandora. Women in Classical Greece.* New Jersey: Princeton University Press, 1995.

SEAFORD, R. “The Eleventh Ode of Bacchylides: Hera, Artemis, and the Absence of Dyonisos”. *JHS* 108, 1988, pp. 118-136.

SEGAL, C. “Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative”. *QUCC* 22, 1976, pp. 99-130.

_____. “Croesus on the Pyre: Herodotus and Bacchylides”. In: ___. *Aglaia: The Poetry of Alcman, Sappho, Pindar, Bacchylides, and Corinna.* Oxford: Rowman & Littlefield, 1998, pp. 281-293.

STAFFORD, E. *Herakles.* London: Routledge, 2012.

STERN, J. “Bestial Imagery in Bacchylides Ode XI”. *GRBS* 6, 1965, pp. 275-282.

_____. “The Imagery of Bacchylides’ Ode 5”. *GRBS* 8.1, 1967, pp. 35-43.
SVARLIEN, D. A. “Reversal of Imagery and Values in Bacchylides 3 and 5”. *QUCC 50.2*, 1995, pp. 35-45.
SWIFT, L. A. “Understanding Lyric Genres”. In: _____. *The Hidden Chorus. Echoes of Genre in Tragic Lyric.* Oxford: Oxford University Press, 2010.
VIVANTE, P. *The Epithets in Homer.* New Haven: Yale University Press, 1982.
WIANS, W. “The *Agamemnon* and Human Knowledge.” In. ____. (ed.). *Logos and Muthos. Philoshophical Esays in Greek Literature.* Albany: State University of New York, 2009, pp. 181-198.
WOLOCH, M. “Athenian Trainers in the Aeginetan Odes of Pindar and Bacchylides”. *CW* 56.4, 1963, pp.102-104.

ANEXOS – EPINÍCIOS E TRADUÇÕES

I. *Epinício 3*

A'

ἀριστο[κ]άρπου Σικελίας κρέουσαν		A soberana da Sicília de excelentes frutos,
Δ[ά]ματρα ἰοστέφανόν τε κούραν		Deméter, e a moça de violácea coroa, Core,
ὕμνει, γλυκύδωρε Κλειοῖ, θοάς τ᾽ Ὀ-		canta, ó Clio de doces presentes, e as ligeiras
λυ]μπιοδρόμους Ἱέρωνος ἵππ[ο]υς·		éguas olímpicas de Hierão.
—		
σεύον]το γὰρ σὺν ὑπερόχῳ τε Νίκᾱι	5	Pois lançaram-se com Vitória proeminente
σὺν Ἀγ]λαΐᾳ τε παρ᾽ εὐρυδίναν		e com Esplêndida, ao lado do de amplos redemoinhos,
Ἀλφεόν, τόθι] Δεινομένεος ἔθηκαν		Alfeu, onde fizeram do filho de Deinomenes
ὄλβιον τ[έκος στεφάνω]ν κυρῆσαι·		próspero para conquistar coroas.
—		
θρόησε δὲ λ[αὸς ˘ — —·		E a multidão gritou...
ἆ τρισευδαίμ[ων ἀνήρ,	10	Três vezes bem-aventurado o homem
ὃ παρὰ Ζηνὸς λαχὼν		que, tendo recebido de Zeus
πλείσταρχον Ἑλλάνων γέρας		o dom de governar o maior número de helenos,
οἶδε πυργωθέντα πλοῦτον μὴ μελαμ-		sabe não esconder sua riqueza, alta como torres,
φαρέϊ κρύπτειν σκότῳ.		com o negro véu da escuridão.

B'

βρύει μὲν ἱερὰ βουθύτοις ἑορταῖς,	15	Fervilham os templos com sacrifícios bovinos,
βρύουσι φιλοξενίας ἀγυιαί·		fervilham as ruas com hospitalidade;
λάμπει δ᾽ ὑπὸ μαρμαρυγαῖς ὁ χρυσὸς		o ouro brilha sob cintilações
ὑψιδαιδάλτων τριπόδων σταθέντων		das altas e bem forjadas trípodes postas
—		
πάροιθε ναοῦ, τόθι μέγιστον ἄλσος		diante do altar, onde o supremo bosque
Φοίβου παρὰ Κασταλίας ῥεέθροις	20	de Febo, junto às correntes da Castália,
Δελφοὶ διέπουσι. θεόν, θ[εό]ν τις		os délfios administram. Que o deus, o deus seja
ἀγλαϊζέτω γὰρ ἄριστος ὄλβων·		glorificado em esplendor, pois é o melhor da boa-fortuna.
—		
ἐπεί ποτε καὶ δαμασίππου		Outrora ao líder soberano
Λυδίας ἀρχαγέταν,		da Lídia domadora de cavalos,
εὖτε τὰν πεπ[ρωμέναν	25	quando a destinada sentença
Ζηνὸς τελέ[σσαντος κρί]σιν		de Zeus cumpriu, e
Σάρδιες Περσᾶ[ν ἁλίσκοντο στρ]ατῷ,		Sárdis foi tomada pelo exército
Κροῖσον ὁ χρυσά[ορος		dos persas, a Creso, Apolo
—		

Γ'

φύλαξ᾽ Ἀπόλλων. [ὁ δ᾽ ἐς] ἄελπτον ἆμαρ		da espada dourada protegeu. Quando o dia inesperado
μ[ο]λὼν πολυδ[άκρυον] οὐκ ἔμελλε	30	chegou, ele não desejava, com muitas lágrimas,
μίμνειν ἔτι δ[ουλοσύ]ναν· πυρὰν δὲ		esperar pela escravidão; então, uma pira
χαλκ[ο]τειχέος π[ροπάροι]θεν αὐ[λᾶς		em frente ao pátio de muros de bronze
—		
ναήσατ᾽, ἔνθα σὺ[ν ἀλόχῳ] τε κεδ[νᾷ		ergueu, e nela subiu com a fiel esposa
σὺν εὐπλοκάμοι[ς τ᾽] ἐπέβαιν᾽ ἄλα[στον		e junto às filhas de belos cabelos,
θ]υ[γ]ατράσι δυρομέναις· χέρας δ᾽ [ἐς	35	que lamentavam, inconsoláveis; as mãos
αἰ]πὺν αἰθέρα σφετέρας ἀείρας		levantou para o alto céu e
—		
γέ]γωνεν· "ὑπέρ[βι]ε δαῖμον,		gritou: "Ó, divindade esmagadora,
πο]ῦ θεῶν ἐστιν χάρις;		onde está a graça dos deuses?
πο]ῦ δὲ Λατοίδας ἄναξ;		onde está o senhor filho de Leto?

ἔρρουσ]ιν Ἀλυά[τ]τα δόμοι,	40	As moradas de Aliates perecem,
⏑–⏑×⏑–⏑×] μυρίων		... de incontáveis...
⏑–⏑×⏑–⏑]ν·		...
Δ'		
×⏑–⏑×⏑⏑⏑–⏑]ν ἄστυ,		... cidade,
ἐρεύθεται αἵματι χρυσο]δίνας		tornam-se vermelhos de sangue os dourados
Πακτωλός· ἀεικελίως γυναῖκες	45	redemoinhos de Páctolo; sem honra, as mulheres
ἐξ ἐϋκτίτων μεγάρων ἄγονται·		são carregadas para fora dos aposentos bem-feitos;
—		
τὰ πρόσθεν δ' [ἐχ]θρὰ φίλα· θανεῖν γλύκιστον."		Agradável é antes o detestável; morrer é o mais doce."
τόσ' εἶπε, καὶ ἀβ[ρο]βάταν κ[έλε]υσεν		Assim disse, e ordenou ao servo de delicados passos
ἅπτειν ξύλινον δόμον. ἔκ[λα]γον δὲ		que ateasse fogo à morada de madeira; as moças
παρθένοι, φίλας τ' ἀνὰ ματρὶ χεῖρας	50	gritavam e as mãos amigas para a mãe
—		
ἔβαλλον· ὁ γὰρ προφανὴς θνα-		lançavam; pois, aos mortais, a que se tem diante
τοῖσιν ἔχθιστος φόνων·		dos olhos, é a morte mais odiosa;
ἀλλ' ἐπεὶ δεινοῦ πυρὸς		Mas quando da terrível pira
λαμπρὸν διάϊ[σσεν μέ]νος,		a força reluzente se espalhou,
Ζεὺς ἐπιστάσας [μελαγκευ]θὲς νέφος	55	Zeus, sobrepondo-lhe uma negra nuvem,
σβέννυεν ξανθὰ[ν φλόγα.		apagou a amarela chama.
Ε'		
ἄπιστον οὐδέν, ὅ τι θ[εῶν μέ]ριμνα		Nada que o juízo dos deuses prepara é
τεύχει· τότε Δαλογενὴ[ς Ἀπόλλων		duvidoso; depois, o nascido em Delos, Apolo,
φέρων ἐς Ὑπερβορέο[υς γ]έροντα		levou, para os hiperbóreos, o ancião
σὺν τανισφύροις κατ[έν]ασσε κούραις	60	com as filhas de finos tornozelos e lá os [estabeleceu
—		
δὶ εὐσέβειαν, ὅτι μέ[γιστα] θνατῶν		graças à sua piedade, pois dos mortais,
ἐς ἀγαθέαν <ἀν>έπεμψε Π[υθ]ώ.		os maiores dons enviou à sagrada Pito.
ὅσο[ι] <γε> μὲν Ἑλλάδ' ἔχουσιν, [ο]ὔτι[ς,		Entre tantos que detêm a Hélade, ninguém,
ὦ μεγαίνητε Ἱέρων, θελήσει		ó ilustre Hierão, arriscará
—		
φάμ]εν σέο πλείονα χρυσὸν	65	dizer que mais ouro do que tu
Λοξί]ᾳ πέμψαι βροτῶν.		enviou a Lóxias, dentre os homens.
εὖ λέγειν πάρεστιν, ὅσ-		Vale elogiar, a quem quer que
τις μ]ὴ φθόνῳ πιαίνεται,		não se infle com inveja,
....] λη φίλιππον ἄνδρ' ἀρήϊον,		... varão corajoso, amante de cavalos,
....]ίου σκᾶπτρον Διὸς	70	... do cetro de Zeus
F'		
ἰοπλό]κων τε μέρο[ς ἔχοντ]α Μουσᾶν·		detentor e das Musas de tranças violetas;
.... μαλεᾳ ποτ[ε .....]' ιων		... outrora...
....]νος ἐφάμερον α[.....]·		... efêmero...
....]α σκοπεῖς· βραχ[ὺς ἐστιν αἰών·		... vejas; curta é a vida.
—		
πτερ]όεσσα δ' ἐλπὶς ὑπ[ολύει ν]όημα	75	Mas a alada esperança solta o pensamento
ἐφαμ]ερίων· ὁ δ' ἄναξ [Ἀπόλλων		dos mortais; Também o soberano Apolo
....]'λος εἶπε Φέρη[τος υἷι·		... disse ao filho de Feres:
"θνατὸν εὖντα χρὴ διδύμους ἀέξειν		"Sendo mortal, é preciso cultivar dois pensamentos,
—		
γνώμας, ὅτι τ' αὔριον ὄψεαι		que somente amanhã
μοῦνον ἁλίου φάος,	80	verás a luz do sol,
χὤτι πεντήκοντ' ἔτεα		e que, por cinquenta anos,
ζωὰν βαθύπλουτον τελεῖς.		cumprirá uma vida repleta de riquezas.
ὅσια δρῶν εὔφραινε θυμόν· τοῦτο γὰρ		Alegra o peito cumprindo a lei divina; pois este
κερδέων ὑπέρτατον."		é a mais sublime das recompensas."
Ζ'		
φρονέοντι συνετὰ γαρύω· βαθὺς μὲν 85	85	Eu canto coisas sábias aos que compreendem; o fundo

αἰθὴρ ἀμίαντος· ὕδωρ δὲ πόντου		éter é puro; a água do mar
οὐ σάπεται· εὐφροσύνα δ᾽ ὁ χρυσός·		não apodrece, e o ouro é felicidade.
ἀνδρὶ δ᾽ οὐ θέμις, πολιὸν π[αρ]έντα		Aos homens não é permitido, chegada a grisalha
—		
γῆρας, θάλ[εια]ν αὖτις ἀγκομίσσαι		velhice, recuperar mais uma vez a viçosa
ἥβαν. ἀρετᾶ[ς γε μ]ὲν οὐ μινύθει	90	juventude. Porém, a luz da excelência
βροτῶν ἅμα σ[ώμ]ατι φέγγος, ἀλλὰ		dos homens não diminui com o corpo,
Μοῦσά νιν τρ[έφει]. Ἱέρων, σὺ δ᾽ ὄλβου		mas a Musa o nutre. Hierão, de sua prosperidade
κάλλιστ᾽ ἐπεδ[είξ]αο θνατοῖς		as mais belas flores exibiste.
ἄνθεα· πράξα[ντι] δ᾽ εὖ		A quem pratica boas ações,
οὐ φέρει κόσμ[ον σι]ω-	95	não traz honra o silêncio;
πά· σὺν δ᾽ ἀλαθ[είᾳ] καλῶν		Com a verdade de teus nobres feitos
καὶ μελιγλώσσου τις ὑμνήσει χάριν		alguém também cantará a graça do língua
Κηΐας ἀηδόνος.		de mel, o rouxinol de Ceos.

II. *Epinício 4*

A’

ἔτι Συρακοσίαν φιλεῖ	Ainda ama a cidade de Siracusa
πόλιν ὁ χρυσοκόμας Ἀπόλλων,	Apolo, o de cabelos dourados,
ἀστύθεμίν θ᾽ Ἱέ[ρω]να γεραίρει·	e honra o justo governante de cidades, Hierão;
τρίτον γὰρ παρ᾽ [ὀμφα]λὸν ὑψιδείρου χθονός	Pois pela terceira vez, no umbigo da terra íngreme
Πυ[θ]ιόνικος ἀ[είδε]ται 5	como vencedor dos Jogos Píticos é celebrado
ὠ[κυ]πόδων ἀρ[ετᾶι] σὺν ἵππων.	pela excelência dos cavalos de ligeiros pés.
ἑ[.....] ἁδυεπὴς ἀ[να-	... (Cantou) o galo de doce voz
ξιφόρ]μιγγος Οὐρ[αν]ίας ἀλέκτωρ	de Urânia, senhora da lira,
.....]εν· ἀλλ᾽ ἑκ[όν]τι νόῳ,	mas com a mente propícia
.....ο]υς ἐπέσειṣεν ὕμνους. 10	... (novos) hinos arremessou.

B’

ἔτι δὲ τέ]τρατον εἴ τις ορ-	E ainda uma quarta vez, se algum (deus)
.....(.)]εῖλκε Δίκας τάλαντ-	sustentasse (reta) a balança da Justiça,
Δεινομένεος κ᾽ ἐγερα[ίρ]ομεν υἱόν.	celebraríamos o filho de Deinomenes.
†παρεστίαν† ἀγχιάλοισι Κ[ί]ρρας μυχοῖς	Cabe cantar o único mortal que nos
μοῦνον ἐπιχθονίων τάδε 15	recantos de Cirra, cercada pelo mar, ao
μησάμενον στεφάνοις ἐρέπτειν	realizar tal proeza, beneficiou-se de coroas
δύο τ᾽ Ὀλυμπιονικ<ί>ας	e de duas vitórias Olímpicas.
ἀείδειν. τί φέρτερον ἢ θεοῖσιν	O que é melhor do que ser caro aos deuses
φίλον ἐόντα παντο[δ]απῶν	e de todos os tipos de bens
λαγχάνειν ἄπο μοῖρα[ν] ἐσθλῶν;	obter a parte que é cabível?

III. *Epinício 5*

A'

Εὔμοιρε[Σ]υρακ[οσίω]ν		Bem-afortunado estratego dos
ἱπποδινήτων στρατα[γ]έ,		Siracusanos de rodopiantes cavalos,
γνώσηι μὲν [ἰ]οστεφάνῳν		conhecerás, certamente, o doce
Μοισᾶν γλυκ[ύ]δωρον ἄγαλμα, τῶν γε νῦν		dom das Musas de coroas violáceas, se agora
αἴ τις ἐπιχθονίων	5	és um dos que estão sobre a terra;
ὀρθῶς· φρένα δ' εὐθύδικ[ο]ν		Descansando serenamente a mente justa
ἀτρέμ' ἀμπαύσας μεριμνᾶν		das preocupações, vem!
δεῦρ' <ἄγ'> ἄθρησον νόωι·		Olha para cá com a tua razão;
ἦ σὺν Χαρίτεσσι βαθυζώνοις ὑφάνας		Após ter tecido com as Graças de fundas
ὕμνον ἀπὸ ζαθέας	10	cinturas um hino, o hóspede o envia
νάσου ξένος ὑμετέραν		de sua sagrada ilha
ἐς κλυτὰν πέμπει πόλιν,		para tua ilustre cidade,
χρυσάμπυκος Οὐρανίας		o renomado servo de Urânia de dourado
κλεινὸς θεράπων· ἐθέλει		diadema; deseja,
γᾶρυν ἐκ στηθέων χέων	15	do peito vertendo voz,
—		
αἰνεῖν Ἱέρωνα. βαθὺν		celebrar Hierão. Cortando
δ' αἰθέρα ξουθαῖσι τάμνων		alto o céu profundo
ὑψοῦ πτερύγεσσι ταχεί-		com rápidas asas ágeis,
αις αἰετὸς εὐρυάνακτος ἄγγελος		a águia, mensageira de Zeus altitrovejante,
Ζηνὸς ἐρισφαράγου	20	o de amplo reinado,
θαρσεῖ κρατερᾶι πίσυνος		é determinada, confiando em sua vigorosa
ἰσχύϊ, πτάσσοντι δ' ὄρνι-		força, e se encolhem, com medo,
χες λιγύφθογγοι φόβωι·		as aves canoras;
οὔ νιν κορυφαὶ μεγάλας ἴσχουσι γαίας,		Não restringem-na os cumes da grande terra,
οὐδ' ἁλὸς ἀκαμάτας	25	nem o mar incansável,
δυσπαίπαλα κύματα· νω-		nem as ondas violentas; Mexem,
μᾶ δ' ἐν ἀτρύτωι χάει		no infinito abismo,
λεπτότριχα σὺν ζεφύρου πνοι-		as finas penas da plumagem
αῖσιν ἔθειραν ἀρί-		com as rajadas de Zéfiro,
γνωτος μετ' ἀνθρώποις ἰδεῖν·	30	conspícua aos homens.
—		
τὼς νῦν καὶ <ἐ>μοὶ μυρία πάνται κέλευθος		Agora para mim também há inúmeros caminhos
ὑμετέραν ἀρετὰν		por toda parte para vos celebrar,
ὑμνεῖν, κυανοπλοκάμου θ' ἕκατι Νίκας		graças a Vitória de escuros cabelos
χαλκεοστέρνου τ' Ἄρηος,		e a Ares de brônzeo peito,
Δεινομένευς ἀγέρωχοι	35	ó nobres filhos de Deinomenes.
παῖδες· εὖ ἔρδων δὲ μὴ κάμοι θεός.		Que o deus não canse de vos bem-fazer!
ξανθότριχα μὲν Φερένικον		Ferenico de dourada pelagem,
Ἀλφεὸν παρ' εὐρυδίναν		potro tempestuoso,
πῶλον ἀελλοδρόμαν		junto ao Alfeu de amplos redemoinhos
εἶδε νικάσαντα χρυσόπαχυς Ἀώς,	40	viu vencer Eos de dourados braços,

B'

Πυθῶνί τ' ἐν ἀγαθέᾱι·		e na muito divina Pito.
γαῖ δ' ἐπισκήπτων πιφαύσκω·		Pousando a mão na terra, eu declaro:
οὔπω νιν ὑπὸ προτέ[ρω]ν		Ainda não se sujou,
ἵππων ἐν ἀγῶνι κατέχρανεν κόνις		com a poeira dos primeiros cavalos na disputa
πρὸς τέλος ὀρνύμενον·	45	impulsionando-se para o fim.
ῥιπαῖ γὰρ ἴσος βορέα		Pois ele corre como Bóreas,
ὃν κυβερνήταν φυλάσσων		protegendo seu capitão,
ἵεται νεόκροτον		e ao conseguir a vitória, recebida com aplausos,
νίκαν Ἱέρωνι φιλοξείνῳ τιτύσκων.		envia-a a Hierão, amigo de hóspedes.
ὄλβιος ᾧτινι θεὸς	50	Próspero é aquele que o deus
μοῖράν τε καλῶν ἔπορεν		concede destino de belezas,
σύν τ' ἐπιζήλῳ τύχᾱι		e com invejável sorte

ἀφνεὸν βιοτὰν διάγειν·		atravessa abundante vida.
γά˹ρ τις˺ ἐπιχθονίων		Pois ninguém que vaga sobre a terra
π˹άντ˺α γ’ εὐδαίμων ἔφυ.	55	é afortunado em tudo.
—		
̣τ[ὸν γάρ π]οτ’ ἐρειψιπύλαν		Pois dizem que, um dia,
παῖδ’ ἀνίκ]ατον λέγουσιν		o derruba-portas, filho invencível de
δῦναί Διὸς] ἀργικεραύ-		de Zeus do trovão brilhante,
νου δώματα Φερσεφόνας τανισφύρου,		desceu à morada de Perséfone de finos tornozelos,
καρχαρόδοντα κύν’ ἄ-	60	para trazer à luz, fora do Hades
ξοντ’ ἐς φάος ἐξ Ἀΐδα,		o cão de dentes afiados,
υἱὸν ἀπλάτοι’ Ἐχίδνας·		filho da Equidna intratável.
ἔνθα δυστάνων βροτῶν		Lá, as infelizes almas dos mortais
ψυχὰς ἐδάη παρὰ Κωκυτοῦ ῥεέθροις,		conheceu, junto às correntes do Cócito,
οἷά τε φύλλ’ ἄνεμος	65	Como folhas que o vento
Ἴδας ἀνὰ μηλοβότους		balança sobre os reluzentes promontórios,
πρῶνας ἀργηστὰς δονεῖ.		pastos de ovelhas, de Ida.
ταῖσιν δὲ μετέπρεπεν εἴδω-		Dentre elas, distinguia-se o espectro
λον θρασυμέμνονος ἐγ-		do de ânimo arrojado,
χεσπάλου Πορθανίδα·	70	o brade-lanças, o Portanida.
—		
τὸν δ’ ὡς ἴδεν Ἀλκμή<ν>ιος θαυμαστὸς ἥρως		Quando o venerável herói Alcmênio o viu,
̣τ[ε]ύχεσι λαμπόμενον,		reluzente em armas,
νευρὰν ἐπέβασε λιγυκλαγγῆ κορώνας·		colocou no arco a corda de agudo som;
χαλκεόκρανον δ’ ἔπειτ’ ἐξ		depois, uma seta de bronze
εἵλετο ἰὸν ἀναπτύ-	75	pegou da aljava,
ξας φαρέτρας πῶμα· τῶι δ’ ἐναντία		abrindo sua tampa. Para ele
ψυχὰ προφάνη Μελεάγρου,		apareceu a alma contraposta de Meleagro
καί νιν εὖ εἰδὼς προσεῖπεν·		e bem sapiente se dirigiu a ele:
“υἱὲ Διὸς μεγάλου,		“Filho do grande Zeus,
στᾶθί τ’ ἐν χώραι, γελανώσας τε θυμὸν	80	fica no lugar e, alegrando o peito
Γ΄		
μὴ ταῦσιον προΐει		não envies em vão
τραχὺν ἐκ χειρῶν ὀϊστὸν		seta impiedosa das mãos
ψυχαῖσιν ἔπι φθιμένων·		contra as almas dos que pereceram;
οὔ τοι δέος.” ὣς φάτο· θάμβησεν δ’ ἄναξ		não há o que temer.” Assim disse, e o senhor
Ἀμφιτρυωνιάδας,	85	Anfitrionida se surpreendeu,
εἶπέν τε· “τίς ἀθανάτων		e disse: “Que imortal
ἢ βροτῶν τοιοῦτον ἔρνος		ou mortal este broto
θρέψεν ἐν ποίᾳι χθονί;		Nutriu e em que terra?
τίς δ’ ἔκτανεν; ἦ τάχα καλλίζωνος Ἥρα		Quem o matou? Talvez Hera de bela cintura
κεῖνον ἐφ’ ἁμετέραι	90	o enviará sobre
πέμψει κεφαλᾶι· τὰ δέ που		a minha cabeça; mas destas coisas
Παλλάδι ξανθᾶι μέλει.”		se ocupará a loira Palas.”
τὸν δὲ προσέφα Μελέαγρος		A ele se dirigiu Meleagro,
δακρυόεις· “χαλεπὸν		lacrimoso: “É difícil
θεῶν παρατρέψαι νόον	95	aos homens mortais sobre a terra
—		
ἄνδρεσσιν ἐπιχθονίοις.		desviar da mente dos deuses.
καὶ γὰρ ἂν πλάξιππος Οἰνεὺς		Pois do contrário Eneu, meu pai, chicoteador de cavalos,
παῦσεν καλυκοστεφάνου		cessaria a cólera da veneranda de coroas de botões
σεμνᾶς χόλον Ἀρτέμιδος λευκωλένου		de flor, Ártemis, a de alvos braços,
λισσόμενος πολέων	100	suplicando-lhe,
τ’ αἰγῶν θυσίαισι πατὴρ		com sacrifícios de bodes
καὶ βοῶν φοινικονώτων·		e de bois de rubras costas.
ἀλλ’ ἀνίκατον θεὰ		Mas a deusa tinha invencível
ἔσχεν χόλον· εὐρυβίαν δ’ ἔσσευε κούρα		cólera; e a moça impeliu
κάπρον ἀναιδομάχαν	105	um javali de ampla força, impiedoso,
ἐς καλλίχορον Καλυδῶ-		à Calidônia de belos campos,
ν’, ἔνθα πλημύρων σθένει		lá, com força de enxurrada

ὄρχους ἐπέκειρεν ὀδόντι,		dilacerou fileiras de vinhas com as presas,
σφάζε τε μῆλα, βροτῶν		assassinou ovelhas, e dos mortais
θ’ ὅστις εἰσάνταν μόλοι.	110	aquele que cruzasse seu caminho.
—		
τῶι δὲ στυγερὰν δῆριν Ἑλλάνων ἄριστοι		Os melhores dos helenos, nós, em luta odiosa,
στασάμεθ’ ἐνδυκέως		firmemente nos mantivemos
ἓξ ἄματα συνεχέως· ἐπεὶ δὲ δαίμων		por seis dias seguidos; e quando o nume
κάρτος Αἰτωλοῖς ὄρεξεν,		concedeu o poderio aos Etólios,
θάπτομεν οὓς κατέπεφνε<ν>	115	sepultamos os que o javali de agudos grunhidos
σῦς ἐριβρύχας ἐπαΐσσων βίᾱι,		matou, lançando-se contra eles com violência:
Ἀ[γκ]αῖον ἐμῶν τ’ Ἀγέλαον		Anceu e Angelau,
φ[έρτ]ατον κεδνῶν ἀδελφεῶν		o melhor de meus ilustres irmãos,
οὓς τέ]κεν ἐν μεγάροις		o que Altaia gerou ...
.....]ς Ἀλθαία περικλειτοῖσιν Οἰνέος.	120	nos grandes e muito afamados salões de Eneu.
Δ΄		
..... ὤ]λεσε μοῖρ’ ὀλοὰ		... destino mortal destruir...
.....]ς· οὐ γάρ πω δαΐφρων		... pois ainda não
παῦσεν] χόλον ἀγροτέρα		cessara sua cólera a impetuosa Ártemis,
Λατοῦς θυγάτηρ· περὶ δ’ αἴθωνος δορᾶς		a caçadora filha de Leto; e pela pele escarlate
μαρνάμεθ’ ἐνδυκέως	125	lutamos incessantemente
Κουρῆσι μενεπτολέμοις·		contra os Curetes firmes na batalha;
ἔνθ’ ἐγὼ πολλοῖς σὺν ἄλλοις		Lá, entre muitos outros,
Ἴφικλον κατέκτανον		matei Íficles
ἐσθλόν τ’ Ἀφάρητα, θοοὺς μάτρωας· οὐ γὰρ		e o nobre Áfares, ágeis tios maternos;
καρτερόθυμος Ἄρης	130	pois Ares de duro coração
κρίνει φίλον ἐν πολέμωι,		não distingue o amigo na guerra,
τυφλὰ δ’ ἐκ χειρῶν βέλη		e setas cegas das mãos
ψυχαῖς ἔπι δυσμενέων φοι-		saem contra as almas inimigas
τᾶι θάνατόν τε φέρει		e trazem a morte
τοῖσιν ἂν δαίμων θέληι.	135	para aqueles que o nume quiser.
—		
ταῦτ’ οὐκ ἐπιλεξαμένα		Mas isto não cogitou
Θεστίου κούρα δαΐφρων		a impetuosa filha de Téstio,
μάτηρ κακόποτμος ἐμοὶ		minha malfadada mãe,
βούλευσεν ὄλεθρον ἀτάρβακτος γυνά,		destemida mulher, e sentenciou minha ruína;
καῖέ τε δαιδαλέας	140	queimou, da bem forjada
ἐκ λάρνακος ὠκύμορον		arca tirando-o,
φιτρὸν ἐξαύσασα· τὸν δὴ		meu tição de breve fim. Sobre ele
μοῖρ’ ἐπέκλωσεν τότε		o destino determinou
ζωᾶς ὅρον ἁμετέρας ἔμμεν. τύχον μὲν		o limite da minha vida.
Δαϊπύλου Κλύμενον	145	Foi quando Clímeno, o forte filho de Dáipilo,
παῖδ’ ἄλκιμον ἐξεναρί-		de impecável corpo,
ζων ἀμώμητον δέμας,		eu estava matando,
πύργων προπάροιθε κιχήσας·		tendo-o alcançado diante das muralhas -
τοὶ δὲ πρὸς εὐκτιμέναν		os curetes fugiam para a antiga
φεῦγον ἀρχαίαν πόλιν	150	e bem-construída cidade
—		
Πλευρῶνα· μίνῡθεν δέ μοι ψυχὰ γλυκεῖα·		de Pleurão - em mim, a doce alma minguou.
γνῶν δ’ ὀλιγοσθενέων,		Percebi então que minha força se extinguia.
αἰαῖ· πύματον δὲ πνέων δάκρυσα τλᾰ[μων,		Ai, ai! Soltando o último suspiro, chorando, infeliz,
ἀγλαὰν ἥβαν προλείπων.”		deixando para trás a reluzente juventude.”
φασὶν ἀδεισιβόαν	155	Dizem que somente então
Ἀμφιτρύωνος παῖδα μοῦνον δὴ τότε		o filho de Anfitrião, que não teme o grito de
guerra,τέγξαι βλέφαρον, ταλαπενθέος		molhou os olhos, compadecendo-se
πότμον οἰκτίροντα φωτός·		do destino homem muito sofredor;
καί νιν ἀμειβόμενος		e respondendo-lhe,
τᾶδ’ ἔφα· “θνατοῖσι μὴ φῦναι φέριστον	160	isto disse: “Aos mortais, é melhor não existir,

E´

μηδ’ ἀελίου προσιδεῖν	nem ver a luz do sol;
φέγγος· ἀλλ’ οὐ γάρ τίς ἐστιν	mas, uma vez que não há
πρᾶξις τάδε μυρομένοις·	razão para lamentar estas coisas,
χρὴ κεῖνο λέγειν ὅ τι καὶ μέλλει τελεῖν.	é preciso falar sobre o que é possível realizar.
ἦρά τις ἐν μεγάροις 165	Há, nos grandes salões
Οἰνῆος ἀρηϊφίλου	de Eneu, caro a Ares,
ἔστιν ἀδμήτα θυγάτρων,	uma filha indomada,
σοὶ φυὰν ἀλιγκία;	semelhante a ti em estatura?
τάν κεν λιπαρὰν <ἐ>θέλων θείμαν ἄκοιτιν.”	Desejando, faria dela reluzente esposa.”
τὸν δὲ μενεπτολέμου 170	A alma de Meleagro,
ψυχὰ προσέφα Μελεά-	firme na batalha, disse:
γρου· “λίπον χλωραύχενα	“Deixei a de viçoso pescoço,
ἐν δώμασι Δαϊάνειραν,	Dejanira, em casa,
νῆϊν ἔτι χρῦσέας	ainda ignorante da dourada
Κύπριδος θελξιμβρότου.” 175	Cípris, que enfeitiça mortais.”

—

λευκώλενε Καλλιόπα,	Ó Calíope de alvos braços,
στᾶσον εὐποίητον ἅρμα	detém sua carruagem bem construída;
αὐτοῦ· Δία τε Κρονίδαν	e Zeus Cronida
ὕμνησον Ὀλύμπιον ἀρχαγὸν θεῶν,	celebre, Olímpio líder dos deuses,
τόν τ’ ἀκαμαντορόαν 180	e o Alfeu de fluxo incansável,
Ἀλφεόν, Πέλοπός τε βίαν,	e a força de Pélops,
καὶ Πίσαν, ἔνθ’ ὁ κλεεννὸς	e Pisa, onde o ilustre
πο]σσὶ νικάσας δρόμωι	Ferenico, tendo vencido a corrida com as patas,
ἦλθ]εν Φερένικος <ἐς> εὐπύργους Συρακόσ-	chegou, à Siracusa de boas muralhas,
σας Ἱέρωνι φέρων 185	trazendo a Hierão
εὐδ]αιμονίας πέταλον.	prósperas guirlandas.
χρὴ] δ’ ἀλαθείας χάριν	É preciso, pela graça da verdade,
αἰνεῖν, φθόνον ἀμφ[οτέραισιν	elogiar, afastando a inveja
χερσὶν ἀπωσάμενον,	com ambas as mãos,
εἴ τις εὖ πράσσοι βροτῶ[ν. 190	se um dos mortais é bem-sucedido.

—

Βοιωτὸς ἀνὴρ τᾶδε φών[ησεν, γλυκειᾶν	O homem da Beócia estas coisas proferiu,
Ἡσίοδος πρόπολος	Hesíodo, servo das doces Musas,
Μουσᾶν, ὃν <ἂν> ἀθάνατοι τι[μῶσι, τούτωι	ele que os imortais honram,
καὶ βροτῶν φήμαν ἕπ[εσθαι.	também o acompanha a fama dos mortais.
πείθομαι εὐμαρέως 195	Sou persuadido facilmente
εὐκλέα κελεύθου γλῶσσαν οὐ[− − ∪ −	a enviar para Hierão o elogio
πέμπειν Ἱέρωνι· τόθεν γὰ[ρ	de seus nobres feitos [e de seu caminho não...
πυθμένες θάλλουσιν ἐσθλ[ῶν,	pois daí florescem os ramos da nobreza.
τοὺς ὁ μεγιστοπάτωρ	Que Zeus, o maior pai,
Ζεὺς ἀκινήτους ἐν εἰρήν[αι φυλάσσοι. 200	os mantenha em paz, imperturbáveis.

IV. *Epinício 9*

A'

Δόξαν, ὦ χρυσαλάκατοι Χάρι[τ]ες,	Que a Reputação, ó Graças de rocas douradas,
πεισίμβροτον δοίητ᾽, ἐπεί	a que persuade mortais, me concedais, já que
Μουσᾶν γε ἰοβλεφάρων θεῖος προφ[άτ]ας	o divino intérprete das Musas de olhos violáceos
εὔτυκος Φλειοῦντά τε καὶ Νεμεαίου	está pronto para Fliunte e o solo
Ζηνὸς εὐθαλὲς πέδον 5	florescente de Zeus Nemeu
ὑμνεῖν, ὅθι μηλοδαΐκταν	cantar, onde a de alvos braços, Hera,
θρέψεν ἁ λευκώλε[νο]ς	nutriu a fera devoradora de rebanhos,
Ἥρα περι[κλει]τῶν ἀέθλων	o primeiro dos muitos famosos trabalhos
πρῶτον [Ἡ]ρ[α]κλεῖ βαρύφθογγον λέοντα.	de Héracles, o leão de alto rugido.
—	
κεῖ[θι φοι]νικάσπιδες ἡμίθεοι 10	Lá, os heróis de rubros escudos,
πρ[ώτιστ]ον Ἀργείων κριτοί	os escolhidos dentre os Argivos, os primeiros
ἄθλησαν <ἐ>π᾽ Ἀρχεμόρωι, τὸν ξανθοδερκής	jogos em honra a Arquemoro estabeleceram,
πέφν᾽ ἀωτεύοντα δράκων ὑπέροπλος,	o qual, enquanto dormia, a poderosa serpente de
σᾶμα μέλλοντος φόνου.	olhos ígneos matou, presságio do massacre iminente.
ὦ μοῖρα πολυκρατές· οὔ νιν 15	Ó destino, todo-poderoso! Não os
πεῖθ᾽ Ὀϊκλείδας πάλιν	persuadiu o filho de Oicles a, mais uma vez,
στείχειν ἐς εὐάνδρους ἀγ[υιάς.	marcharem para as estradas de nobres homens.
ἐλπὶς ἀνθρώπων ὑφαιρ[εῖται νόημ]α·	A esperança afasta o juízo dos homens!
—	
ἃ καὶ τότ᾽ Ἄδραστον Ταλ[αϊονίδαν	Foi ela que enviou Adrasto, filho de Tálaon,
πέμπεν ἐς Θήβας Πολυνεικέι πλα.ι[– – ⏑ – 20	a Tebas com Polideuces, [o piloto de cavalos].
κείνων ἀπ᾽ εὐδόξων ἀγώνων	Destes renomados jogos
ἐν Νεμέᾳι κλεινο[ὶ β]ροτῶν	em Nemeia, ilustres são aqueles dentre os mortais
οἳ τριετεῖ στεφάνωι	que com a coroa trienal
ξανθὰν ἐρέψωνται κόμαν·	cobrem os loiros cabelos.
Αὐτομήδει νῦν γε νικά- 25	A Automedes agora
σαντί νιν δαίμων ἔ[δ]ωκεν,	pela vitória que o nume o concedeu,
—	

B'

πενταέθλοισιν γὰρ ἐνέπρεπεν ὡς	Pois distinguiu-se dentre os pentatletas
ἄστρων διακρίνει φάη	como dos astros ofusca a luz,
νυκτὸς διχομηνίδος εὐφεγγὴς σελάνα·	na noite em que divide o mês, a lua de nobre brilho.
τοῖος Ἑλλάνων δι᾽ ἀπ[είρ]ονα κύκλον 30	Ele, assim, em infinito círculo de Helenos
φαῖνε θαυμ[α]στὸν δέμας,	exibiu o magnífico corpo
δίσκον τροχοειδέα ῥίπτων,	quando arremessou o disco circular, e
καὶ μελαμφύλλου κλάδον	quando lançou o galho de negras folhas
ἀκτέας ἐς αἰπεινὰν προπέμπων	do salgueiro para o alto
αἰθέρ᾽ ἐκ χειρὸς βοὰν ὤτρυνε λαῶν· 35	céu de sua mão, incitou o grito da multidão,
—	
ἦ τε[λε]υτάσας ἀμάρυγμα πάλας	ou concluiu a brilhante luta.
τοίω[ι θ᾽ ὑπερθύ]μωι σ[θένε]ι	Com tamanha força audaz
γυια[λκέα σώ]ματα [πρὸς γ]αίᾳι πελάσσα[ς	aproximou o corpo de fortes membros do chão
ἵκετ᾽ [Ἀσωπὸ]ν πάρα πορφυροδίναν·	e chegou ao lado do Asopo de escuros redemoinhos;
τοῦ κ[λέος π]ᾶσαν χθόνα 40	Sua glória a toda a terra
ἦλθε[ν καὶ] ἐπ᾽ ἔσχατα Νείλου,	chegou, até ao distante Nilo,
ταί τ᾽ ἐπ᾽ εὐναεῖ πόρωι	e até as que habitam no estreito de belas correntes
οἰκεῦσι Θερμώδον[τος, ἐ]γχέων	do Termodonte, as filhas
ἵστορες κοῦραι διωξίπποι᾽ Ἄρηος,	de Ares domador de cavalos, hábeis com a lança.
—	

σῶν, ὦ πολυζήλωτε ἄναξ ποταμῶν,	45	Ó muito admirável senhor dos dois rios,
ἐγγόνων γεύσαντο, καὶ ὑψιπύλου Τροίας ἕδος.		dos seus descendentes provaram o valor, também [Troia de altos muros.
στείχει δι᾽ εὐρείας κελε[ύ]θου		Vai por inúmeros caminhos largos
μυρία παντᾶι φάτις		e por toda a parte a fama
σᾶς γενεᾶς λιπαρο-		de sua linhagem de filhas
ζώνων θυγατρῶν, ἃς θε[ο]ί	50	de cinturas brilhantes, as que os deuses
σὺν τύχαις ὤκισσαν ἀρχα-		junto com a boa-fortuna estabeleceram
γοὺς ἀπορθήτων ἀγυιᾶν.		como fundadoras de ruas indestrutíveis.
—		
Υ᾽		
τίς γὰρ οὐκ οἶδεν κυανοπλοκάμου		Pois quem não conhece de Tebas
Θήβας ἐΰδμα[τον πόλι]ν,		de escuros cabelos, a cidade bem construída,
ἢ τὰν μεγαλώνυ]μον Αἴγιναν, μεγ[ίστ]ου	55	ou a muito renomada Egina, que do grandiosíssimo
Ζην]ὸς ἃ πλαθεῖσα λ]έχει τέκεν ἥρω		Zeus se aproximou do leito e gerou o herói
...]δε̣ σ̣ω[.....]ου,		[salvador deste povo]
ὃς γ]ᾶς βασά[νοισιν Ἀχ]αιῶν		ele que, entre sofrimentos, da terra dos Aqueus
]υ[ ]α		...
τ[‾ ‾ ˘ ‾ ‾ ‾ ˘ ‾ ‾	60	...
ᾱ[.....]ω[.....ε]ὕπεπλον [. .] .[		... de belo peplo...
—		
ἡ[δὲ Πειράν]αν ἑλικοστέφα[νον		E Pirene, moça de coroa entrelaçada,
κ[ούραν ὅ]σαι τ᾽ ἄλλαι θεῶν		e tantas quantas aos leitos
ε̣[ὐναῖς ἐδ]άμησαν ἀριγνώτ[ο]ις π[α]λαι[οῦ		famosos dos deuses se submeteram,
παῖδες αἰ]δο[ῖ]αι ποταμοῦ κε[λ]άδοντος·	65	filhas venerandas do ressoante rio ancestral.
‾˘‾ ‾]αν πόλιν		... cidade
‾ ‾˘˘ ‾]σί τε νικα[		... vitória
‾ ˘ ‾ αὐ]λῶν βοαί		... os gritos das flautas
‾ ‾ ˘ ‾ ο]υσαι· μεβ[‾ ‾		...
‾ ˘ ‾ ‾ ‾˘‾ ‾ ‾ ˘ ‾] αν	70	
—		
‾ ‾˘‾ ‾ ‾˘ ˘ ‾˘‾]νεος		...
χρ]υσέα[ν προσ]θέντα ἰόπλοκον εὖ εἰπεῖν [Κύπριν,		e a dourada e dadivosa Cípris, de tranças [violáceas,
τὰν μ]ατ[έρ᾽ ἀκ]νάμ[π]των ἐρώτων		bem dizer, mãe de inexoráveis desejos
‾ ˘ ‾ κλε]ινὰν βροτο[ῖς		conspícua aos mortais
‾ ˘ ˘ ‾ ˘]λέων	75	...
‾ ‾ ˘ ‾ ‾] προξεν[-		...
‾ ˘ ‾ ‾ ‾]ειώταν		...
‾ ˘ ‾ ‾ ‾˘]ν ὕμνον,		... um hino
—		
Δ᾽		
ὅς κε ‾ ‾ ‾] καὶ ἀποφθιμένωι		que, ... mesmo tendo perecido,
‾ ‾ ˘ ἄτ]ρυτον χρόνον,	80	... tempo infindável
καὶ τοῖς ἐ]πιγιγνομένοις αἰεὶ πιφαύσκοι		e aos sucessores sempre proclame
σὰν Νέ]μέᾱι νίκαν· τό γέ τοι καλὸν ἔργον		sua vitória em Nemeia; de fato, o nobre
γνησίων ὕμνων τυχόν		feito das canções genuínas calham de
ὑψοῦ παρὰ δαίμοσι κεῖται.		habitar no alto, junto aos deuses.
σὺν δ᾽ ἀλαθείᾱι βροτῶν	85	E com a verdade dos mortais,
κάλλιστον, εἴπ[ερ καὶ θάνηι τις,		mesmo quando alguém perece,
λε[ί]πεται Μουσ[ᾶν βαθζυώνων ἄθ]υρμα.		permanece o mais belo dom da Musa de [funda cintura
—		
εἰ[σ]ὶ δ᾽ ἀνθρώ[πων ˘˘‾˘˘‾		Há, (para a virtude) dos homens,
πολλαί· δι[α]κρίν[ε]ι δὲ θεῶν		muitos (caminhos); porém, distingue o juízo
β]ουλὰ [τὸ καλυπτό]μενον νυκτὸς [δνοφοῖσιν	90	dos deuses o que oculto está na escuridão [da noite.
.]...[˘‾ ‾ ‾˘]γε καὶ τὸν ἀρείω		e ao mais corajoso

⏑–⏑ – –⏑]που·		...
– –⏑⏑–⏑⏑]ευσων		...
–⏑– – –⏑–]		...
– –⏑– – –⏑ π]αύροις	95	... a poucos
ἀν]δρ[άσιν – –⏑– –⏑]ι τὸ μέλλον·		homens [é possível conhecer] o futuro.
—		
..]ιμι δ[– –⏑ ⏑]δωκε χάριν		... [concedeu] a graça [de Deméter]
κ]αὶ Διων[υσ –⏑⏑–] θεοτίματ[ο]ν πόλιν		e de Dioniso [Cronida] em cidade honrada [pelos deuses
ναίειν ἀπο[– –⏑]ευντας·		morar [inviolável e florescente].
χ]ρυσεοσκάπτρ[–⏑–	100	Quando de Zeus do cetro dourado
ὅς] τι καλὸν φέ[ρεται,		alguém tem algo de belo
]αινέοι· Τιμοξ[ένου		que todos os elogiem. Ao filho
παιδὶ σὺν κώ[μοις νέων ὑμ-		de Timóxeno com coros de jovens
νέ]οιτε πεντ[άθλοισι νίκαν.		cantemos a vitória no pentatlo.

V. *Epinício 11*

A'

Νίκα γλυκύδωρε· μόναι γὰρ		Vitória de doces dons! Somente
σοὶ πατ[ὴρ ¯ ¯ ˘ ¯ ¯		a ti o pai (deu a honra),
ὑψίζυ[γος ¯ ˘ ˘ ¯		o de alto jugo, (o Uranida),
ἐν πολυχρύσωι <τ'> Ὀλύμπωι		e no Olimpo rico e ouro,
Ζηνὶ παρισταμένα	5	em pé ao lado de Zeus,
κρίνεις τέλος ἀθανάτοι-		tu decides o fim da excelência
σίν τε καὶ θνατοῖς ἀρετᾶς·		para os imortais e os mortais.
ἔλλαθι, [βαθυ]πλοκάμου		Amável sejas, moça de grossos cabelos,
κούρα Σ[τυγὸς ὀρ]θοδίκου· σέθεν δ' ἕκατι		filha de justa Estige; por tua vontade
καὶ νῦν Μετ]απόντιον εὐ-	10	agora ocupam Metaponto
γυίων κ[ατέ]χουσι νέων		cortejos de rapazes de belos membros
κῶμοί τε καὶ εὐφροσύναι θεότιμον ἄστυ·		e alegrias – cidade honrada pelos deuses;
ὑμνεῦσι δὲ Πυθιόνικον		e celebram o vencedor pítico,
παῖδα θαητ[ὸ]ν Φαΐσκου·		filho do admirável Faísco.
—		
ἵλεώι νιν ὁ Δα[λ]ογενὴς υἱ-	15	O nascido em Delos,
ὸς βαθυζώνο[ιο] Λατοῦς		filho de Leto de funda cintura,
δέκτ[ο] βλεφά[ρω]ι· πολέες		com olhar propício o recebeu; e
δ' ἀμφ' Ἀλεξ[ίδα]μον ἀνθέων		em volta de Alexidamo, muitas coroas
ἐν πεδίωι στέφανοι		de flores foram postas, na planície
Κίρρας ἔπεσον κρατερᾶς	20	de Cirra, pela poderosa luta
ἦρα παννίκοι<ο> πάλας·		vitoriosa.
οὐκ ε[ἶ]δέ νιν ἀέλιος		O sol não o viu, nesse dia,
κείνωι γε σὺν ἅματι πρὸς γαίᾱι πεσόντα.		cair sobre a terra.
φάσω δὲ καὶ ἐν ζαθέοις		Direi que no muito divino solo
ἁγνοῦ Πέλοπος δαπέδοις	25	do sagrado Pélops
Ἀλφεὸν παρὰ καλλιρόαν, δίκας κέλευθον		junto ao Alfeu de bela corrente, se da reta
εἰ μή τις ἀπέτραπεν ὀρθᾶς,		justiça alguém não tivesse desviado o caminho
παγξένωι χαίταν ἐλαίᾱι		com a cinza folhagem da oliveira toda
—		
γλαυκᾶι στεφανωσάμενον		hospitaleira, teria te coroado antes de chegar
πορτιτρόφον ἂν [Ἰταλ]ί[αν πάτ]ραν θ' ἱκέσθαι.	30	à pátria Itália, criadora de bezerros.
[¯ ˘ ˘ ¯ ˘ ˘ ¯]		...
παῖδ' ἐν χθονὶ καλλιχόρωι		jovem, na terra de belos lugares,
ποικίλαις τέχναις πέλασσεν·		com vários artifícios derrubou.
ἀ]λλ' ἢ θεὸς αἴτιος, ἢ		Mas ou foi um deus o responsável, ou
γ]νῶμαι πολύπλαγκτοι βροτῶν	35	o juízo errante dos mortais
ἄ]μερσαν ὑπέρτατον ἐκ χειρῶν γέρας.		tiraram-lhe das mãos o prêmio supremo.
νῦν δ' Ἄρτεμις ἀγροτέρα		Agora Ártemis, a dos bosques,
χρυσαλάκατος λιπαράν		das rocas douradas, a gentil, a famosa
Ἡμέ]ρα τοξόκλυτος νίκαν ἔδωκε.		arqueira, reluzente vitória lhe concedeu.
τ]ᾶι ποτ' Ἀβαντιάδας	40	A ela, certa vez, o filho de Abante
β]ωμὸν κατένασσε πολύλ-		fundou um altar de muitas súplicas,
λ[ι]στον εὔπεπλοί τε κοῦραι·		ele e as filhas de belas vestes.
—		

B'

τὰς ἐξ ἐρατῶν ἐφόβησε<ν>		Dos grandes salões de Preto
παγκρατὴς Ἥρα μελάθρων		afugentou-as a todo-poderosa Hera,
Προίτου, παραπλῆγι φρένας	45	enlouquecendo seus ânimos,
καρτερᾶι ζεύξασ' ἀνάγκᾱι·		com fortes compulsões subjugando-as.
παρθενίᾱι γὰρ ἔτι		Pois, tendo o espírito ainda virgem,
ψυχᾶι κίον ἐς τέμενος		foram ao templo da deusa de roxas cintas;
πορφυροζώνοιο θεᾶς·		
φάσκον δὲ πολὺ σφέτερον	50	então afirmaram que seu pai muito
πλούτωι προφέρειν πατέρα ξανθᾶς παρέδρου		superava, na sua opulência, amplo-poder
σεμνοῦ Διὸς εὐρυβίᾱι.		da loira companheira do venerável Zeus.
ταῖσιν δὲ χολωσαμένα		Encolerizada, lançou-as

στήθεσσι παλίντροπον ἔμβαλεν νόημα·		ao peito um pensamento desviante:
φεῦγον δ᾽ ὄρος ἐς τανίφυλλον	55	e fugiram para a montanha de espessa folhagem
σμερδαλέαν φωνὰν ἱεῖσαι,		soltando gritos terríveis,
—		
Τιρύνθιον ἄστυ λιποῦσαι		ao deixar a cidade de Tirinto
καὶ θεοδμάτους ἀγυιάς.		e suas ruas honradas pelos deuses.
ἤδη γὰρ ἔτος δέκατον		São agora dez anos desde que
θεοφιλὲς λιπόντες Ἄργος	60	deixaram Argos, cara aos deuses,
ναῖον ἀδεισιβόαι		onde habitavam os que não temem o grito
χαλκάσπιδες ἡμίθεοι		de guerra, os heróis de brônzeos escudos
σὺν πολυζήλωι βασιλεῖ.		com o seu muito estimado rei.
νεῖκος γὰρ ἀμαιμάκετον		E então uma contenda insuperável,
βληχρᾶς ἀνέπαλτο κασιγνήτοις ἀπ᾽ ἀρχᾶς	65	de insignificante origem, se alastrou
Προίτωι τε καὶ Ἀκρισίωι·		entre os irmãos Preto e Acrísio.
λαούς τε διχοστασίαις		Destruíam os homens com discórdias
ἤρειπον ἀμετροδίκοις μάχαις τε λυγραῖς,		distantes da justiça e com lutas funestas,
λίσσοντο δὲ παῖδας Ἄβαντος		e suplicaram os filhos de Abante,
γᾶν πολύκριθον λαχόντας	70	que tinham uma terra rica em trigo,
—		
Τίρυνθα τὸν ὁπλότερον		que o mais novo dos irmãos colonizasse
κτίζειν, πρὶν ἐς ἀργαλέαν πεσεῖν ἀνάγκαν·		Tirinto, antes que caíssem em dolorosa [necessidade
Ζεύς τ᾽ ἔθελεν Κρονίδας		Assim, Zeus Cronida concordou,
τιμῶν Δαναοῦ γενεὰν		honrando a linhagem de Dânao,
καὶ διωξίππποιο Λυγκέος	75	e do condutor de cavalos, Linceu,
παῦσαι στυγερῶν ἀχέων.		a cessar odiosas aflições.
τεῖχος δὲ Κύκλωπες κάμον		Os arrogantes Ciclopes construíram a
ἐλθόντες ὑπερφίαλοι κλεινᾶι π[όλ]ει		muralha após chegarem na ilustre cidade,
κάλλιστον, ἵν᾽ ἀντίθεοι		a mais bela, para que os semelhantes
ναῖον κλυτὸν ἱππόβοτον	80	aos deuses morassem, – a famosa domadora
Ἄργος ἥρωες περικλειτοὶ λιπόντες,		de cavalos, Argos – tendo deixado heróis
ἔνθεν ἀπεσσύμεναι		muito gloriosos; foi para lá que, apressadas,
Προίτου κυανοπλόκαμοι		as filhas de Preto de escuras tranças
φεῦγον ἄδματοι θύγατρες.		fugiram, indomadas.
—		
Γ᾽		
τὸν δ᾽ εἶλεν ἄχος κραδίαν, ξεί-	85	Ele, porém, a dor tomou o coração,
να τέ νιν πλᾶξεν μέριμνα·		e um estranho pensamento o atingiu:
δοίαξε δὲ φάσγανον ἄμ-		cogitou enfiar uma espada
φακες ἐν στέρνοισι πᾶξαι.		de dois gumes no peito.
ἀλλά νιν αἰχμοφόροι		Mas os lanceiros
μύθοισί τε μειλιχίοις	90	com palavras gentis,
καὶ βίᾶι χειρῶν κάτεχον.		e com a força das mãos o detiveram.
τρισκαίδεκα μὲν τελέους		Por treze meses completos
μῆνας κατὰ δάσκιον ἠλύκταζον ὕλαν		elas perambularam pelo bosque sombrio,
φεῦγόν τε κατ᾽ Ἀρκαδίαν		e fugiram para a Arcádia
μηλοτρόφον· ἀλλ᾽ ὅτε δή	95	nutriz de rebanhos. Mas quando, enfim,
Λοῦσον ποτὶ καλλιρόαν πατὴρ ἵκανεν,		ao Luso de belas correntes, o pai chegou
ἔνθεν χρόα νιψάμενος φοι-		depois de lavar o corpo,
νικο[κραδέμνοι]ο Λατοῦς		a de rubro véu, a filha de Leto,
—		
κίκλη[ισκε θύγατρ]α βοῶπιν,		invocou, a de olhos bovinos,
χεῖρας ἀντείνων πρὸς αὐγὰς	100	as mãos lançando para a luz
ἱππώκεος ἀελίου,		do sol de velozes cavalos,
τέκνα δυστάνοιο λύσσας		para que as filhas libertasse do
πάρφρονος ἐξαγαγεῖν·		do infeliz delírio.
“θύσω δέ τοι εἴκοσι βοῦς		“Sacrificarei a ti vinte bois
ἄζυγας φοινικότριχας.	105	indomados, de rubro pelo.
τοῦ δ᾽ ἔκλυ᾽ ἀριστοπάτρα		Ouviu-o a filha de excelente pai, que
θηροσκόπος εὐχομένου· πιθοῦσα δ᾽ Ἥραν		protege animais – ele orando; após persuadir

παῦσεν καλυκοστεφάνους
κούρας μανιᾶν ἀθέων·
ταὶ δ᾽ αὐτίκα οἱ τέμενος βωμόν τε τεῦχον, 110
χραῖνόν τέ μιν αἵματι μήλων
καὶ χοροὺς ἵσταν γυναικῶν.
—
ἔνθεν καὶ ἀρηϊφίλοις
ἄνδρεσσιν <ἐς> ἱππότροφον πόλιν τ᾽ Ἀχαιοῖς
ἕσπεο· σὺν δὲ τύχᾱι 115
ναίεις Μεταπόντιον, ὦ
χρυσέα δέσποινα λαῶν·
ἄλσος δέ τοι ἱμερόεν
Κάσαν παρ᾽ εὔυδρον †προγο-
νοι ἑσσαμένοι† Πριάμοι᾽ ἐπεὶ χρόνωι 120
βουλαῖσι θεῶν μακάρων
πέρσαν πόλιν εὐκτιμέναν
χαλκοθωράκων μετ᾽ Ἀτρειδᾶν. δικαίας
ὅστις ἔχει φρένας, εὑ-
ρήσει σὺν ἅπαντι χρόνωι 125
μυρίας ἀλκὰς Ἀχαιῶν.

Hera, cessou a loucura das moças de
coroas de botões de flor, privada de deuses.
Elas logo construíram um templo e um altar,
pintaram-no com sangue de ovelhas
e estabeleceram coros de mulheres.

Então, com os Aqueus, caros a Ares,
para a cidade nutriz de cavalos,
seguiste. Com boa-fortuna
resides em Metaponto, ó
áurea soberana dos povos!
A ti um adorável precinto sagrado,
junto ao Casas de água abundante, (os
antepassados estabeleceram) quando
com o tempo, por vontade dos afortunados
deuses, destruíram a bem construída cidade de
Príamo, com os Atridas de brônzea couraça.
Quem quer que tenha ânimo justo,
encontrará, pelo infinito tempo, os
inúmeros feitos dos Aqueus.

VI. *Epinício 13*

A’

(faltam vv. 1-7)

– – ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑] Κλειώ	... Clio
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ –] τρ[ᾱ]ι	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ –]	...
– – ⏑ – – – ⏑ – δαν·	...

(faltam vv. 13-33)

—

(B’)

(faltam vv. 34-39)

– – ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑] . ις	...
– – ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ – –]	...
– ⏑ ⏑ – ⏑ ⏑ – –]	...

ὕβριος ὑψινόου		da arrogante insolência
παύσει δίκας θνατοῖσι κραίνων,	45	cessará ao realizar justiça entre os mortais,
—		
οἵαν τινὰ δύσλοφον ὠ-		qual mão difícil de suportar,
μηστᾶι λέοντι		ao leão comedor de carne,
Περσείδας ἐφίησι		o descendente de Perseu lança
χεῖρα παντοίαισι τέχναις·		com ardis de todos os tipos;
οὐ γὰρ] δαμασίμβροτος αἴθων	50	Pois o bronze reluzente, destruidor de mortais,
χαλ]κὸς ἀπλάτου θέλει		não quis penetrar
χωρε]ῖν διὰ σώματος, ἐ-		seu corpo inacessível, mas
γνά]μφθη δ᾽ ὀπίσσω		antes dobrou-se para trás
φάσγα]νον· ἦ ποτέ φαμι		a espada; Afirmo que um dia,
τᾶιδε] περὶ στεφάνοισι	55	nesse lugar, pelas coroas
παγκ]ρατίου πόνον Ἑλ-		do pancrácio, esforço
λάνεσσι]ν ἱδρώεντ᾽ ἔσεσθαι.”		suado haverá para os Helenos.”
—		
. . . . . παρ]ὰ βωμὸν ἀριστάρχου Διὸς		... junto ao altar de Zeus, o melhor soberano,
Νίκας] φ[ἐ]ρ[ε]κυδέος ἀν-		as flores da Vitória portadora de triunfo
θρώπο]ισιν ἄ[ν]θεα,	60	nutre nos homens
χρυσέ]αν δόξαν πολύφαντον ἐν αἰ-		dourada e conspícua reputação -
ῶνι] τρέφει παύροις βροτῶν		apenas para poucos mortais
α]ἰεί, καὶ ὅταν θανάτοιο		em toda a vida –, e quando a escura
κυάνεον νέφος καλύψηι, λείπεται		nuvem da morte os cobrir, deixará
ἀθάνατον κλέος εὖ ἐρ-	65	a glória imortal de seus grandes feitos
χθέντος ἀσφαλεῖ σὺν αἴσᾱι.		com destino inabalável.
)		

Γ’

τῶν κα[ὶ σ]ὺ τυχὼν Νεμέᾱι,		E da sorte que te coube em Nemeia,
Λάμπωνος υἱέ,		ó, filho de Lâmpon,
πανθαλέων στεφάνοισιν		o cabelo coberto com coroas de flores
ἀνθ]έ[ων] χαίταν [ἐρ]εφθείς,	70	flores sempre viçosas,
στείχεις] πόλιν ὑψιάγυιαν		marcha para a cidade de imponentes ruas
Αἰακοῦ, τε]ρψιμ[β]ρότων		de Éaco, alegria dos mortais,
ὥ[στε βρύεν] ἁβ[ροθρ]όων		para encher de coros
κώμω[ν] πατρ[ώια]ν		de doces sons a pátria
νᾶσο[ν], ὑπέρβι[ον] ἰσχύν	75	ilha, por força esmagadora
παμμαχίαν ἄνα φαίνων.		exibir na disputa.

ὦ ποταμοῦ θύγατερ		Ó filha do rio turbilhonante,
δινᾶντος Αἴγιν᾽ ἠπιόφρον,		gentil Egina,
ἦ τοι μεγάλαν [Κρονίδας		a ti o Cronida grande
ἔδωκε τιμὰν	80	honra concedeu,
ἐν πάντεσσιν ν[εορτόν		e entre todos os Helenos
πυρσὸν ὡς Ἕλλ[ασι νίκαν		uma nova vitória, como tocha,
φαίνων· τό γε σὸν [κράτος ὑμ]νεῖ		revelou; o teu poder, canta-o
καί τις ὑψαυχὴς κό[ρα,		também qualquer altiva moça,
¯ ¯˘˘¯˘˘]ραν	85	(avançando sobre terra sagrada)
πόδεσσι ταρφέως,		com os pés, frequentemente,
ἠΰτε νεβρὸς ἀπεν[θής,		como corça livre de pesares,
ἀνθεμόεντας ἐπ᾽ [ὄχθους		sobre colinas floridas
κοῦφα σὺν ἀγχιδό[μοις		ágil com suas vizinhas,
θρώισκουσ᾽ ἀγακλειτα[ῖς ἑταίρα]ις·	90	famosas companheiras, vai saltitando.
—		
ταὶ δὲ στεφανωσάμε[ναι φοιν]ικέων		Mas elas, coroadas com flores carmesim
ἀνθέων δόνακός τ᾽ ἐ[πιχω-		e folhas de cana,
ρίαν ἄθυρσιν		festividade de sua terra,
παρθένοι μέλπουσι τ[εὸν τέκο]ς, ὦ		estas virgens moças cantam teu filho, ó
δέσποινα παγξε[ίνου χθονός,	95	senhora da terra a todos hospitaleira,
Ἐν]δαΐδα τε ῥοδό[παχυν,		e Endeida de róseos braços,
ἃ τὸ[ν ἰσ]ό[θε]ον ἔτι[κτε Πηλέα		a que gerou Peleu, semelhante a um deus,
καὶ Τελαμ[ῶ]να [κο]ρυστὰν,		e Télamon, guerreiro armado,
Αἰακῶι μειχθεῖσ᾽ ἐν εὐ[ναῖ·		unindo-se a Éaco no leito.
) —		
Δ᾽		
τῶν υἷας ἀερσιμάχας,	100	Os teus filhos que erguem batalhas,
ταχύν τ᾽ Ἀχιλλέα		o veloz Aquiles,
εὐειδέος τ᾽ Ἐριβοίας		e da formosa Euriboia,
παῖδ᾽ ὑπέρθυμον βοά[σω		o filho espirituoso, cantarei -
Αἴαντα σακεσφόρον ἥ[ρω,		Ájax, o portador do escudo,
ὅστ᾽ ἐπὶ πρύμνᾶι σταθ[εὶς	105	que, em pé na popa,
ἔσχεν θρασυκάρδιον [ὁρ-		repeliu o herói arrojado
μαίνοντα ν[ᾶας		que desejava as naus
θεσπεσίωι πυ[ρὶ καῦσαι		com fogo divino incendiar,
Ἕκτορα χαλ[κοκορυστάν]ν,		Heitor de brônzeas armas,
ὁππότε Πη[λείδας	110	quando o Pelida
τρα[χ]εῖαν [ἐν στήθεσσι μ]ᾶνιν		dura cólera no peito
—		
ὠρίνατ[ο, Δαρδανίδας		agitava, e libertou
τ᾽ ἔλυσεν ἄ[τας·		os Dardânidas da ruína;
οἳ πρὶν μὲν [πολύπυργο]ν		Antes a muito muralhada
Ἰ]λίου θαητὸν ἄστυ	115	e admirável cidade de Ílion
οὐ λεῖπον, ἀτυζόμενοι [δὲ		eles não deixaram, mas, perturbados,
πτᾶσσον ὀξεῖαν μάχα[ν,		encolhiam-se de medo da afiada luta,
εὖτ᾽ ἐν πεδίωι κλονέω[ν		confusos, quando quer que nas planícies,
μαίνοιτ᾽ Ἀχιλλεύς,		Aquiles se enchia de cólera,
λαοφόνον δόρυ σείων·	120	brandindo a espada matadora de homens.
ἀλλ᾽ ὅτε δὴ πολέμοι[ο		Mas quando da guerra
λῆξεν ἰοστεφάνο[υ		absteve-se o destemido filho
Νηρῆιδος ἀτρόμητος υἱός,		da Nereida de coroa violeta,
—		
ὥστ᾽ ἐν κυανανθέι θ[υμὸν ἀνέρων		Como o ânimo dos homens no mar
πόντωι Βορέας ὑπὸ κύ-	125	de escuro florir, Bóreas faz vacilar
μασιν δαΐζει		por debaixo das ondas
νυκτὸς ἀντάσας, ἀνατε[λλομένας,		quando, surgindo da noite, levanta-se,
λῆξεν δὲ σὺν φαεσιμ[βρότωι		mas cessa com a Aurora que ilumina os [mortais,

Ἀοῖ, στόρεσεν δέ τε πόντον		e então estende por todo o mar
οὐρία· Νότου δὲ κόλπ[ωσαν πνοᾶι	130	brisa suave; e o Noto, vento do sul, com seus
ἱστίον, ἁρπαλέως <τ᾽> ἄ-		sopros enche a vela, e ansiosamente
ελπτον ἐξί[κ]οντο χέ[ρσον·		chegam, já sem esperança, à terra firme.
—		
E’		
ὣς Τρῶες, ἐπ[εὶ] κλύον [αἰ-		Assim os Troianos, quando ouviram que
χματὰν Ἀχιλλέα		o lanceiro Aquiles
μίμνο[ντ᾽] ἐν κλισίαισιν	135	permanecia nas tendas
εἵνεκ[ε]ν ξανθᾶς γυναικός,		por causa da loira mulher,
Β]ρ[ι]σηΐδος ἱμερογυίου,		Briseida de membros desejáveis,
θεοῖσιν ἄντειναν χέρας,		ergueram as mãos aos deuses,
φοιβὰν ἐσιδόντες ὑπαὶ		pois vislumbraram brilhante
χειμῶνος αἴγλαν·	140	luz sob a tempestade;
πασσυδίᾱι δὲ λιπόντες		então rapidamente deixaram
τείχεα Λαομέδοντος		as muralhas de Laomedonte
ἐ]ς πεδίον κρατερὰν		para as planícies trazendo
ἄιξαν ὑ[σ]μίναν φέροντες·		forte luta,
—		
ὦρσάν τ[ε] φόβον Δαναοῖς·	145	e provocaram medo nos Dânaos.
ὤτρυνε δ᾽ Ἄρης		Ares de poderosa lança
ε]ὐεγχής, Λυκίων τε		encorajou-os, e Lóxias,
Λοξίας ἄναξ Ἀπόλλων·		o senhor dos Lícios, Apolo;
ἷξόν τ᾽ ἐπὶ θῖνα θαλάσσας·		e assim chegaram à costa do mar.
ν]αυσὶ δ᾽ εὐπρύμνοις παρα<ὶ>	150	Ao lado das naus de boas proas
μάρναντ᾽, ἐναριζ[ο]μ[έν]ων		lutaram,
δ᾽ ἔρ]ευθε φώτων		e a negra terra se manchava
αἵμα]τι γαῖα μέλαινα		com o sangue dos homens assassinados
Ἑκτορ]έας ὑπὸ χει[ρός,		pela mão de Heitor,
. . . (.)]έγ᾽ ἡμιθέοις		(e era grande para) os heróis
. . . . .] ἰσοθέων δι᾽ ὁρμάν.	155	(o sofrimento) à investida dos símeis aos deuses.
—		
. . . . .]ρονες, ἦ μεγάλαισιν ἐλπίσιν		(Ah, infelizes!), com grandes esperanças
πνε<ί>]οντες ὑπερφ[ία]λόν		inspirados
θ᾽ ἱέντες] αὐ[δά]ν		(e gritando) com arrogante voz
Τ[ρῶε]ς ἱππευταὶ κυανώπιδας ἐκ-	160	os cavaleiros troianos
– ⏑̄ – –] νέας		(tendo destruído de todo) as naus de escura face
– –⏑⏑ εἰλα]πίνας τ᾽ ἐν		(contavam retornar para casa e encontrar festins)
. . . . .]ροις ἕξειν θ[εόδ]ματον πόλιν.		(nas ruas) da cidade bem feita pelos deuses.
μ]έλλον ἄρα πρότε[ρο]ν δι-		Porém, estavam destinados a
ν]ᾶντα φοινίξειν Σκ]άμανδρ[ον,	165	tornar vermelho o vertiginoso Escamandro,
) —		
F’		
θ]νάισκοντες ὑπ[᾽ Αἰακίδαις		morrendo pelas mãos dos Eácidas,
ἐρειψ[ι]πύργοις·		destruidores de muralhas.
τῶν εἰ καὶ τ[⏑̄ –		Se os teus...
ἢ βαθυξύλω[ι πυρᾶι –		ou numa pira de altos troncos...
(faltam vv. 170-174)		
οὐ γὰρ ἀλαμπέι νυκ[τὸς	175	Pois não perde seu brilho
πασιφανὴς Ἀρετὰ		a Excelência, a todos manifesta,
κρυφθεῖσ᾽ ἀμαυρο[ῦται καλύπτρᾱι,		mesmo que oculta pelo sombrio véu da noite
—		
ἀλλ᾽ ἔμπεδον ἀκ[αμάτᾱι		mas firme e florescente,
βρύουσα δόξᾱι		de reputação inexaurível,
στρωφᾶται κατὰ γᾶν [τε	180	difunde-se pela terra e
καὶ πολύπλαγκταν θ[άλασσαν.		pelo mar de muitos caminhos.
καὶ μὰν φερεκυδέα ν[ᾶσον		De fato a ilha portadora de triunfo

Αἰακοῦ τιμᾶι, σὺν Εὐ-		de Éaco honra, com Bela Glória,
κλείᾶι δὲ φιλοστεφ[άνωι		amiga de coroas,
πόλιν κυβερνᾶι,	185	governa a cidade
Εὐνομία τε σαόφρων,		também a sensata Eunomia
ἃ θαλίας τε λέλογχεν		a que tem as festividades como quinhão
ἄστεά τ᾽ εὐσεβέων		e as cidades de homens piedosos
ἀνδρῶν ἐν εἰ[ρ]ήνᾶι φυλάσσει·		conserva em paz.
—		
νίκαν τ᾽ ἐρικυ[δέα] μέλπετ᾽, ὦ νέοι,	190	Cantai a amplitriunfante vitória, ó jovens,
Πυθέα, μελέτα[ν τε] βροτω-		a de Píteas, e a dedicação de Menandro,
φ[ε]λέα Μενάνδρου,		útil para os homens,
τὰν ἐπ᾽ Ἀλφειοῦ τε ῥο[αῖς] θαμὰ δὴ		Ele que nas correntes do Alfeu tanto
τίμασεν ἁ χρυσάρματος		honrou a de carros dourados,
σεμνὰ μεγάθυμος Ἀθάνα,	195	a venerável e magnânima Atena,
μυρίων τ᾽ ἤδη μίτραισιν ἀνέρων		a muitos homens com diademas
ἐστεφάνωσεν ἐθείρας		coroou os cabelos
ἐν Πανελλάνων ἀέθλοις.		nos jogos pan-helênicos.
) —		
Z’		
εἰ μή τινα θερσι[ε]πὴς		Se a inveja de astuciosa fala
φθόνος βιᾶται,	200	não o arrebatar,
αἰνείτω σοφὸν ἄνδρα		que cantem esse hábil homem
σὺν δίκᾶι. βροτῶν δὲ μῶμος		com justiça. O reproche dos mortais
πάντεσσι μέν ἐστιν ἐπ᾽ ἔργοις·		está em todas as ações;
ἁ δ᾽ ἀλαθεία φιλεῖ		a Verdade ama a vitória, e o Tempo,
νικᾶν, ὅ τε πανδ[α]μάτωρ	205	que a todos subjuga,
χρόνος τὸ καλῶς		as ações realizadas belamente
ἐ]ργμένον αἰὲν ἀ[νίσχει·		sempre mantém.
δυσμενέων δὲ μα[ταία		Mas a língua vã
γλῶσσ᾽ ἀϊδὴς μιν[ύθει		de homens hostis diminui
(faltam vv. 210-219)		
ἐλπίδι θυμὸν ἰαίνει·	220	com a esperança que acalenta o coração.
τᾶι μὲν ἐγὼ πίσυνο[ς		nela, eu também confiando,
φοινικοκραδέμνοις [τε Μούσαις		e nas Musas de violáceos véus
—		
ὕμνων τινὰ τάνδε ν[εόξαντον μίτραν		este recém-tecido diadema de hinos
φαίνω, ξενίαν τε [φιλά-		apresento, e a resplandecente
γλαον γεραίρω,	225	hospitalidade honro,
τὰν ἐμοὶ Λάμπων, σ[ὺ πορῶν δόσιν οὐ		que a mim Lâmpon, dádiva de teus recursos,
βληχρὰν ἐπαθρήσαις τ[έκει·		não pequena, me concedeste pelo teu filho;
τὰν εἰκ γ᾽ ἐτύμως ἄρα Κλειὼ		se acaso, em verdade, Clio
πανθαλὴς ἐμαῖς ἐνέσταξ[εν φρασίν,		toda-florescente, discurso verteu em mim,
τερψιεπεῖς νιν ἀοιδαὶ	230	canções de agradáveis palavras
παντὶ καρύξοντι λα[ῶ]ι.		proclamarão a todos os homens.